

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
TEORIA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA

**O CONSTRUCTO DE FAULSTICH (2003): UM ESTUDO DOS FORMATIVOS NO
LÉXICO DA ANÁLISE SENSORIAL ENOLÓGICA**

Elizandra de Siqueira

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora como exigência
parcial para a obtenção do grau
de Mestre em Letras: Estudos da
Linguagem.

Prof^a Dr^a Sabrina Pereira de Abreu
Orientadora

Porto Alegre, 27 de setembro de 2004.

“Somos o que pensamos,
vivemos o que acreditamos e
temos o que realmente projetamos”.
(autor desconhecido)

Ao meu companheiro e ao meu filho,
que nunca me deixaram desistir...
Aos meus pais,
que me ensinaram o valor da educação...

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e pelas oportunidades.

À Prof^a Dr^a Sabrina Pereira de Abreu, minha orientadora, por sua dedicação, paciência e incentivo durante a elaboração deste trabalho.

A Evandro, meu companheiro amoroso e amigo fiel, por ter acolhido meu filho como se dele fosse, principalmente nos momentos em que estive ausente e por ter compreendido minha necessidade de buscar novos conhecimentos.

Ao Vinícios, meu filho querido, por prover-me de energias para enfrentar os obstáculos.

Aos meus pais, sempre confiantes e afetuosos, por acreditarem em mim.

Aos meus colegas de turma do Curso de Mestrado, pelos descontraídos momentos e relevantes discussões.

A minha colega Alice Zamboni, pelas acolhidas em sua casa e os momentos de aprendizagem.

A minha amiga Inez, da Universidade de Brasília, por ter-me acolhido carinhosamente, quando lá precisei estar.

Aos professores da área de Teoria e Análise Lingüística do PPG-LET/UFRGS, por contribuírem, de algum modo, para meu aperfeiçoamento acadêmico.

Ao professor M. Sc. Vicente Manfroi do Instituto de Engenharia de Alimentos da UFRGS, que realizou a consultoria técnica dos dados.

Aos médicos, Dr. Paulo Rocha Baes e Dr. Rafael Goulart, pelos esclarecimentos concernentes aos termos da área da Medicina.

Ao CNPq e CAPES, pelo apoio financeiro.

A todos que, de alguma forma, me ajudaram nesta caminhada.

RESUMO

Esta pesquisa investigou o comportamento dos formativos de unidades terminológicas complexas (UTCs) no âmbito da Análise Sensorial Enológica, segundo o constructo $C = \langle T (F), LT, R \rangle$ proposto por Faulstich (2003), visando contribuir com o avanço dos estudos terminológicos. O *corpus* foi extraído, principalmente, de Ratti (1984) e recebeu tratamento computacional do ambiente ZStation elaborado por Zinglé (1997 e ss.). Após o tratamento computacional e a organização do *corpus*, cada UTC foi analisada de acordo com dez casos descritos no empreendimento científico de Faulstich (2003). A análise mostrou que o constructo de Faulstich (2003) apresenta um grau de adequação descritiva satisfatório, evidenciado na capacidade recursiva de aplicação das regras de formação de termos propostas pela autora. Além disso, os dados revelam três novos casos de formação de UTCs: a) UTCs com verbo nominalizado; b) UTCs com formativo com conjunção aditiva, e; c) UTCs com base elíptica.

ABSTRACT

This study investigated the behavior of formatives of complex terminological units (UTCs) in the scope of Enologic Sensorial Analysis as the construct $C = \langle T (F), LT, R \rangle$ proposed by Faulstich (2003), to contribute to update the terminological studies. The *corpus* was extracted from Ratti (1984) and received computerized treatment in softwares developed by Zinglé (1997). After *corpus* treatment and organization, each UTC was analysed as ten cases described in Faulstich's scientific work (2003). The analysis showed Faulstich's construct presents a satisfactory descriptive adequation grade, made evident in the recursive capacity of them formation rule application proposed by the author. Furthermore, data show three new cases of UTCs: a) UTCs with nominalized verb; b) UTCs with formative with additive conjunction, and; c) UTCs with formative with elliptical base.

SUMÁRIO

RESUMO	06
ABSTRACT	07
LISTA DE ABREVIATURAS	11
LISTA DE FIGURAS	12
LISTA DE QUADROS	13
LISTA DE TABELAS	14
INTRODUÇÃO	15
1 LEXICOLOGIA E TERMINOLOGIA: OBJETOS E TEORIAS	17
1.1 Termos e lexemas: objetos distintos.....	18
1.1 Os estudos lexicológicos.....	22
1.1 Os estudos terminológicos	26
2 AS UNIDADES TERMINOLÓGICAS COMPLEXAS NO EMPREENDIMENTO CIENTÍFICO DE FAULSTICH	33
2.1 As unidades terminológicas complexas.....	33
2.2 A análise dos formativos segundo Faulstich.....	38
2.2.1 As contribuições de Faulstich para os estudos terminológicos	39
2.2.2 A proposta de Faulstich (2003) para formação de UTCs.....	49

2.2.3 Estudo de casos: derivação de regras e representação de conceitos.....	57
2.2.3.1 Formativo Ø e tautologia.....	58
2.2.3.2 Formativo 'a' e significado apositivo.....	59
2.2.3.3 Formativos preposicionados.....	59
2.2.3.4 Formativos adjetivais.....	60
2.2.3.5 Formativo sob alçamento.....	60
2.2.3.6 Formativo [A] com base nominalizada.....	61
2.2.3.7 Formativos marcados por determinantes.....	62
2.2.3.8 Formativos valentes e formativos antecedidos por preposições diversas.....	63
2.2.3.9 Formativos com prefixo não-.....	63
2.2.3.10 Formativos com sufixo –mente.....	64
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	67
3.1 Coleta e tratamento dos dados.....	67
3.1.1 A pesquisa terminológica.....	68
3.1.2 A constituição do <i>corpus</i>	69
3.2 Critérios para análise das UTCs no léxico da Análise Sensorial Enológica	78
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	81
4.1 Análise dos casos de variação nos dados da ASE	83
4.1.1 Análise dos casos.....	86
4.1.1.1 UTCs com formativo Ø e tautologia.....	86
4.1.1.2 UTCs com formativo 'a' e significado apositivo.....	88
4.1.1.3 UTCs com formativos preposicionados.....	88
4.1.1.4 UTCs com formativos adjetivais.....	92
4.1.1.5 UTCs com formativo sob alçamento.....	96
4.1.1.6 UTCs com formativo [A] com base nominalizada.....	99
4.1.1.7 UTCs com formativos marcados por determinantes...	100
4.1.1.8 UTCs com formativos valentes e formativos antecedidos por preposições diversas.....	102

4.1.1.9 UTCs com formativos com prefixo não-.....	104
4.1.1.10 UTCs com formativos com sufixo –mente.....	105
4.1.2 Outros casos.....	106
4.2 Resultados.....	114
CONCLUSÃO.....	118
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	122
MANUAIS E OBRAS TERMINOGRÁFICAS.....	126
SITES DA INTERNET PESQUISADOS.....	126
ANEXO I – ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> ATRAVÉS DO CONSTRUCTO.....	127
ANEXO II – DADOS EXTRAÍDOS POR LARA (1999).....	175
ANEXO III – DADOS EXTRAÍDOS POR DUARTE (2001).....	178
ANEXO IV – DADOS EXTRAÍDOS POR SIQUEIRA (2004).....	182
ANEXO V – TERMOS COM DEFINIÇÃO.....	186
ANEXO VI – TERMOS SEM DEFINIÇÃO.....	191
ANEXO VII – TERMOS DA ANÁLISE SENSORIAL ENOLÓGICA.....	195
ANEXO VIII – FICHAS TERMINOLÓGICAS.....	201

LISTA DE ABREVIATURAS

ASE = Análise Sensorial Enológica

ST = Sintagma Terminológico

TGT = Teoria Geral da Terminologia

TVS = Teoria da Variação Socioterminológica

UTC = Unidade Terminológica Complexa

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Reoperação do conceito em Terminologia.....	54
---	-----------

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – A variação em Terminologia nos estudos de Faulstich.....	47
QUADRO 2 – O constructo teórico de Faulstich (2003).....	52
QUADRO 3 – Derivação de cadeias de regras.....	55
QUADRO 4 – Exemplo de derivação de regras.....	56
QUADRO 5 – Filtros aplicados por Lara (1999) para extração de UTCs da Análise Sensorial Enológica.....	71
QUADRO 6 – Estrutura de uma ficha terminológica.....	73
QUADRO 7 – Exemplo de ficha terminológica.....	73

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: UTCs com formativos preposicionados.....	91
TABELA 2: UTCs com formativos adjetivais.....	95
TABELA 3: UTCs com formativos marcados por determinantes.....	102
TABELA 4: Produtividade das regras.....	106
TABELA 5: Tipos de UTCs com base elíptica classificadas por base....	108

INTRODUÇÃO

A idéia inicial desta dissertação de mestrado surgiu em dois momentos da minha formação acadêmica. O primeiro foi na disciplina de *Lexicologia e Terminologia Canadenses*, realizada no PPG-LET/UFRGS, onde aprendi que Lexicologia e Terminologia, apesar de terem objetos aparentemente idênticos, pois palavras, constituem áreas distintas de estudo: a Lexicologia trata das palavras no âmbito da língua comum e a Terminologia trata das palavras no âmbito das linguagens de especialidade. Meu interesse, então, direcionou-se para o estudo dessas linguagens e para o comportamento dos termos, especialmente para os fenômenos que ocorrem no universo dos termos e não são freqüentes na língua comum, como, por exemplo, a formação de unidades complexas de grandes extensões.

Num segundo momento, especificamente em junho de 2002, na cidade de Gramado-RS, durante o XVII Encontro da Anpoll, Enilde Faulstich apresentou, pela primeira vez, o “Constructo da Gramática da Terminologia”, apoiada no pressuposto de que “*sendo a terminologia um fato de língua, ela acomoda elementos variáveis e organiza uma gramática*” (Faulstich, 2003: 12). A partir dessa apresentação, vislumbrei a possibilidade de estudar um constructo teórico que possibilitasse a descrição de processos de formação que acontecem em um universo lexical tão específico: o dos termos, o universo lexical dos domínios especializados.

Então, esta pesquisa, em primeiro lugar, pretende atender às necessidades intuitivas de uma mestranda que objetiva conhecer melhor o léxico especializado e seus matizes; e, em segundo, em um exercício teórico com pretensões modestas, conhecer, descrever e aplicar o constructo teórico proposto por Faulstich (2003).

Numa perspectiva pré-teórica, o meu segundo objetivo pode parecer audacioso, mas, como veremos no desenvolver deste trabalho, não se trata de meramente aplicar um constructo analítico a um *corpus* cuidadosamente coletado dentro dos princípios de recolha da Terminologia, antes, trata-se de uma tentativa de estabelecer um diálogo com a mentora de um empreendimento científico, voltado para o tratamento dos léxicos especializados.

Para se compreender um constructo teórico lingüístico, faz-se necessário aplicá-lo a um *corpus*, analisar e interpretar os resultados, a fim de se comprovar que os pressupostos que regem sua constituição e suas categorias analíticas se seguem, ou não, da análise empreendida.

É nessa perspectiva que esta pesquisa se coloca. Inserida nos estudos terminológicos, ela pretende, de forma ainda preliminar, identificar o grau de adequação descritiva do empreendimento científico de Faulstich (2003). Para tanto, apliquei esse constructo a um *corpus* organizado computacionalmente e constituído de 314 UTCs do léxico da área da Enologia, subárea Análise Sensorial Enológica.

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos. O primeiro, ao mesmo tempo em que insere esta pesquisa nos estudos terminológicos, também os situa nos estudos lingüísticos. O segundo capítulo traça a trajetória do empreendimento teórico de Faulstich de 1988 até 2003 e apresenta o constructo teórico para análise de formativos, proposto pela autora. O terceiro capítulo expõe os procedimentos metodológicos adotados para coleta, organização e análise das UTCs da subárea Análise Sensorial Enológica. No quarto capítulo, apresento a análise dos dados e a discussão dos resultados.

Passemos para o primeiro capítulo, que trata das bases teóricas que inserem os estudos terminológicos no âmbito dos estudos lingüísticos.

CAPÍTULO 1

LEXICOLOGIA E TERMINOLOGIA: OBJETOS E TEORIAS

Este capítulo tem por objetivo situar os estudos terminológicos no âmbito da Ciência da Linguagem. Para tanto, esse capítulo constitui-se de três seções: a primeira procura delimitar as fronteiras entre lexema (objeto da Lexicologia) e termo (objeto da Terminologia); a segunda traz uma síntese evolutiva dos estudos lexicológicos no âmbito da Ciência da Linguagem; a terceira, por sua vez, trata das principais questões que norteiam as investigações dos estudos terminológicos.

Pretende-se neste capítulo definir o estado da arte dos estudos terminológicos, situando a Terminologia dentro dos estudos lingüísticos. A intenção é mostrar que a Terminologia se desenvolveu a partir da Lexicologia, mas as duas áreas – Lexicologia e Terminologia – mantêm muitas diferenças entre si.

Assim, a primeira seção especificará as diferenças entre os objetos de estudo da Terminologia e da Lexicologia. Depois, as duas seções posteriores

tratarão, respectivamente, dos estudos lexicológicos e dos estudos terminológicos, com o objetivo de pontuar as diferenças existentes entre essas duas disciplinas da Lingüística.

1.1 Termos e lexemas: objetos distintos

Para situar essa pesquisa, é necessário, de início, apresentar o objeto que será estudado. Esse objeto, o termo em sua forma expandida, muitas vezes é confundido com o objeto dos estudos lexicológicos. Assim, nesta seção tratarei das diferenças principais entre lexema e termo, a fim de aclarar as aproximações e as diferenças entre esses objetos.

Cabré (1993: 195) define termo como uma entidade de “dupla face” constituído pela denominação e pelo conceito. A denominação ou forma de um termo, segundo a autora, é uma representação fonológica e gráfica de base para o termo propriamente dito. O conceito representa a noção a qual a denominação se refere. Para Cabré (1993: 195), o conceito é produto de um processo de seleção de qualidades importantes que delimitam um conjunto de objetos e não os próprios objetos individualmente.

Como unidade base da Terminologia, o termo ou unidade terminológica parece estar em uma posição simétrica com o lexema, unidade base da Lexicologia. Como se ambos – termo e lexema – fossem colocados diante de um espelho e ao olharmos para um estaríamos vendo o outro, devido as suas características e comportamentos semelhantes.

Faulstich (1994: 313-319) discute alguns princípios que delimitam a natureza epistemológica do lexema – como unidade lexical da língua comum – e do termo – como unidade terminológica. Para ela (1994: 313), *“um lexema é uma unidade lexical do domínio do léxico geral da língua; um termo é também uma unidade lexical, mas típico de variado domínio de vocabulário científico e técnico”*. Portanto, podemos constatar que a unidade lexical, epistemologicamente, seria caracterizada por uma conceituação bipartida, ou seja, existiria uma *“entidade lexical”* denominada unidade lexical; se tal unidade lexical estivesse inserida no domínio da língua comum, segundo Faulstich, seria denominada lexema. Por outro lado, se essa unidade lexical estivesse incluída em um domínio especializado, isto é, pertencesse à terminologia de

uma linguagem de especialidade, seria denominado termo. Por isso, então, uma unidade lexical teria, de acordo com Faulstich (1994), uma natureza bipartida, ou poderíamos dizer, uma natureza dividida em duas partes: aquela que diz respeito à língua comum – o **lexema** – e aquela que diz respeito à linguagem de especialidade – o **termo**.

Então, a partir dessas observações sobre a natureza epistemológica do lexema e do termo, é possível afirmar que estes dois tipos de unidades lexicais adquirem autonomia lingüística pelo fato de estarem inseridos em universos diferentes: **lexema é a unidade lexical da Lexicologia; termo é a unidade lexical da Terminologia.**

Para lançar mais luzes à distinção entre lexema e termo é necessário, ainda, identificar algumas “*características divergentes*” dessas unidades lexicais, pois a justificativa da existência de uma disciplina paralela à Lexicologia – a Terminologia – pode residir exatamente nesta distinção. Ou seja, ao identificarmos as características próprias de cada unidade lexical, estaremos, ao mesmo tempo, caracterizando os objetos de estudo de cada disciplina e, assim, construindo suas identidades conceituais.

Para Faulstich (1994: 314), a gênese, ou seja, o início do lexema e do termo está situado no conteúdo conceptual, tendo em vista que o lexema é uma unidade virtual realizada por meio de palavras e o termo refere uma noção inserida em um domínio de forma unívoca, ou seja, teoricamente, o termo refere a um e apenas um conceito. Ainda segundo Faulstich (1994: 314), “*o conceito de uma unidade lexical classifica novas unidades semânticas, tendo por base a inserção de lexema e de termo no universo da língua comum (Língua) ou no universo de uma língua de especialidade (Ciência/Tecnologia), respectivamente*”.

O lexema é uma unidade da língua comum, sendo assim, pode assumir vários significados, adquirindo características dentro de um contexto multirreferencial, através da polissemia e da sinonímia. Isso ocorre porque os signos formadores do léxico da língua comum carregam várias conotações, principalmente, de cunho psicológico e social. Dessa forma, a Lexicologia opera em um universo sistematizado a partir de uma estrutura paradigmática, onde, segundo Faulstich, “*são as oposições distintivas que delimitam a configuração semântica e marcam o valor do lexema.*”

De acordo com essa autora (op.cit.), o termo necessitaria ser monorreferencial, porque a linguagem de especialidade exerceria um certo controle sobre os processos de polissemia e sinonímia. No entanto, sabe-se, através dos estudos socioterminológicos, que esse controle não é tão eficiente e variações são observadas no âmbito das linguagens de especialidade.

Cabré (1993: 173) utiliza-se dos itens “palavra” e “termo” para distinguir a unidade lexical da língua comum e a unidade lexical das linguagens de especialidade, respectivamente. Essa autora afirma que as palavras e os termos não se diferenciam claramente, uma vez que ambos respondem às mesmas regras do sistema lingüístico, sejam essas regras de formação de unidades lexicais ou de grafia.

A estrutura morfológica dos termos e das palavras também coincide. Um termo pode ser decomposto em unidades distintivas menores que, por sua vez, podem ser decompostas em unidades ainda menores que são chamadas de morfemas. Esses morfemas são as menores unidades com significado em um sistema lingüístico. Eles podem ser decompostos em partes ainda menores, mas desprovidas de sentido: os fonemas. Este processo de decomposição estrutural que pode ser utilizado na análise dos termos, também pode ser utilizado para a análise das palavras. Ou seja, como afirmamos antes, não há diferença na estrutura morfológica entre termos e palavras.

Segundo Faulstich (1994: 316), a principal diferença entre lexema e termo reside em suas naturezas epistemológicas. De acordo com essa autora, ambos partem da mesma entidade abstrata: a unidade lexical. No entanto, o lexema é definido como uma unidade virtual concretizada no uso comum para fins de nomeação dentro da língua geral. Nesse uso, os falantes sistematizam uma estrutura de modelos léxicos. O termo, por sua vez, parte de um pensamento específico para um uso especializado com o objetivo de denominar conceitos de uma linguagem científica específica.

Desta forma, a característica epistemológica que distingue mais claramente termo de lexema fundamenta-se em como os objetivos de cada um são alcançados.

Nas palavras de Cabré (1993: 223):

“Em primeiro lugar, os termos de especialidade, que servem, sobretudo para denominar a realidade

especializada, se diferenciam do léxico comum por exercer uma função fundamentalmente referencial. Em segundo lugar, uma terminologia serve para denominar uma realidade especializada própria de uma ciência, de uma técnica ou, em um sentido mais amplo, de uma atividade restrita. Deste pressuposto, uma unidade adquire a condição de termo apenas se se situar na estrutura de um campo de especialidade.” (CABRÉ 1993: 223)

Então, para Cabré (1993: 223), assim como para Faulstich (1994:316), a única característica ou propriedade que diferenciaria os termos dos lexemas seria sua função pragmática, isso é, o uso dos termos em realidades comunicativas distintas e bem delimitadas é que faria a distinção clara entre essas unidades lexicais. Portanto, um termo possuiria realmente estatuto de termo se estivesse inserido num campo especializado de uma ciência e/ou tecnologia.

Sager (1990: 57) aponta outra diferença entre termos e lexemas. Para ele, a formação de unidades lexicais da língua comum se vale da polissemia, da metáfora e da determinação adjetival. A formação de unidades lexicais das linguagens de especialidade *“buscam sistematizar princípios de designação e nomear conceitos de acordo com regras pré-especificadas ou princípios gerais”*. Ou seja, para designar e nomear conceitos, as linguagens de especialidade tentariam aproximar o termo formado, o máximo possível, das características conceituais do objeto da realidade a ser designado, isso é, recorreriam a estratégias de transparência e consistência para que as designações ou termos criados refletissem a maior estrutura possível de características conceituais que eles representassem.

Cabré (2002: 5-7) resume as características do termo em cinco princípios. Segundo essa autora, os termos podem:

- 1- Ser a *“materialização da unidade lexical no discurso”*;
- 2- ser a *“unidade de significação especializada”*;
- 3- ter *“uma função comunicativa, além de representativa”*;
- 4- ser *“fruto de um processo de conceptualização”* e por isso podem ser percebidos através das seguintes características:

- a) não são pré-existentes nas áreas temáticas, mas são utilizados nessas áreas;

b) admitem vários pontos de vista e apresentam dimensões distintas; e

c) estão em constante evolução e redefinição de seus limites.

5- apresentar "*variação formal de distinta natureza*".

Por isso, considerando todas essas características distintivas ou, como diz Faulstich, todas estas "*características individualizantes*" que diferenciam lexema de termo e que fazem do termo uma unidade lexical especial, com propriedades únicas, principalmente no que tange à nomeação de conceitos, é que podemos reafirmar a necessidade de estudos que investiguem o comportamento dessas unidades lexicais. E, o lugar para a realização desses estudos é a Terminologia, por ser essa a disciplina que se ocupa das linguagens de especialidade, onde essas propriedades individualizantes se manifestam. Trataremos dessa disciplina, a Terminologia, na seção 1.3.

É sob esta perspectiva que nossa análise será realizada. Nesse universo, o dos termos, um fenômeno é recorrente: a formação de UTCs, ou seja, conjuntos de mais de dois elementos formando uma UTC com valor conceitual de apenas um referente. Esse tipo de termo é que será objeto da presente pesquisa; o qual será caracterizado mais detalhadamente nos próximos capítulos.

Apresentado o objeto, obviamente a partir de um ponto de vista teórico, é necessário ainda tornar visíveis os caminhos teóricos pelos quais lexemas e termos foram definidos.

A seção seguinte apresentará as principais questões teóricas que sustentam a caracterização dos lexemas.

1.2 Os estudos lexicológicos

La lexicologie, qui étudie les unités lexicales d'une langue, est une science relativement récente. Ses méthodes sont l'objet de constantes discussions et les résultats encore partiels. Dans un sens restreint, la lexicologie est considérée comme une branche de la sémantique qui a pour objet l'étude du sens des unités lexicales. (NIKLAS-SALMINEN, 1997: 5)

De acordo com Salminen (1997: 5), a Lexicologia é considerada uma disciplina recente no âmbito dos estudos lingüísticos; em razão disso, não tem seus métodos claramente definidos e seus resultados não são expressivos. Nessa perspectiva, estudar o léxico demanda ainda muita discussão entre os especialistas. Isso se deve a dois aspectos: a) o objeto ainda não está claramente delimitado; e, b) há divergências sobre a perspectiva lingüística que deve ser adotada para a análise do léxico. Começamos concordando com a definição de Niklas-Salminen (1997: 5), “a lexicologia trata do estudo das unidades lexicais de uma língua e essas unidades lexicais formam o léxico dessa língua”¹.

De acordo com o autor (op.cit.), o léxico não constitui um sistema *stricto sensu*, mas um conjunto aberto e não-autônomo, não sendo passível de ser descrito de forma sistemática ou simples, mas apenas de forma complementar, dependendo do ponto de vista que se adota. O léxico é um todo caótico, um reflexo da multiplicidade do real, constituindo a reserva onde todos os falantes estocam as palavras. Por isso, para Niklas-Salminen, definir léxico é mostrar a sua complexidade e heterogeneidade, pois este se compõe de várias interfaces com diferentes áreas do sistema lingüístico, e a Lexicologia, ao se ocupar do estudo do léxico, se relaciona e faz interface com vários níveis da Lingüística.

O primeiro deles é o nível semântico, que trata da significação das unidades lexicais; aqui o sentido de uma unidade lexical é identificado através das suas relações com outras unidades lexicais. Os outros dois níveis lingüísticos com os quais a Lexicologia estabelece uma interface é o da fonologia e o da morfologia. Isso se dá à medida que a morfologia se interessa por tudo que restitua a estrutura interna das palavras, e a fonologia, por sua vez, estuda os fonemas que compõem as palavras a partir dos sons que eles produzem. Por fim, acontece, ainda, a interface com o nível sintático. Essa interface pode ser percebida através das propriedades combinatórias das unidades lexicais. Ou seja, as propriedades sintáticas e as possibilidades de construção ou de emprego de uma dada unidade lexical podem ser fatores determinantes na diferenciação de sentido.

¹ Tradução de minha responsabilidade.

Nessa perspectiva, o objetivo da Lexicologia pode ser o desenvolvimento de um modelo de léxico que possibilite explicar a sua conexão com os outros componentes da gramática através dos vários tipos de interface.

Faulstich (1994) também ressalta essas características da Lexicologia quando afirma:

“É, pois, objetivo da lexicologia teórica a construção de um modelo do componente léxico da gramática que possa prever mecanismos sistemáticos e adequados para a conexão entre esse modelo e os outros componentes gramaticais”. (FAULSTICH, 1994: 316)

Assim, se o léxico constitui inter-relação com os outros componentes da gramática, a Lexicologia deveria explicar como essa interface ocorre para dar visibilidade aos processos de formação de unidades lexicais novas para a nomeação de objetos da língua geral. Uma vez que um sistema lingüístico possui elementos com propriedades variáveis, ao organizar uma gramática, esse mesmo sistema lingüístico levará em conta a existência de um léxico que se inter-relacionará com os outros componentes dessa gramática e, dessa forma, apresentará mecanismos sistemáticos de formação e estruturação de novas unidades.

O léxico pode apresentar um certo número de noções que dependem dos critérios adotados na descrição lingüística. Então, ele pode se opor à gramática na medida em que esta fornece as regras que permitem combinar as palavras para formar frases, enquanto o primeiro representa o conjunto das unidades, constituindo assim o tipo de material de base ao qual as regras gramaticais se aplicam. No entanto, provavelmente não exista uma fronteira distintiva tão demarcada entre léxico e gramática.

Para ilustrar a imprecisão dos limites entre léxico e gramática, poderíamos demonstrar o uso interativo entre os morfemas lexicais e os morfemas gramaticais. Os exemplos em (1) ilustram esse fato:

- (1) (a) estranhar + -mento → estranhamento
 [estranhar]_{verbo} mento]_{substantivo}
- (b) diminuir + -ção → diminuição
 [diminuir]_{verbo} ção]_{substantivo}

A gramática “vê” um segmento final nestes dois itens lexicais que definem uma mudança de categoria, isto é, o primeiro verbo (**estranhar**) une-se a um sufixo (**-mento**) para formar um substantivo e, no segundo caso, o sufixo (**-ção**) une-se ao verbo (**diminuir**) para formar também um substantivo. Assim, podemos observar que ocorre uma espécie de movimento de integração entre léxico e gramática, fazendo com que regras (gramaticais) incidam em palavras (lexicais), provocando mudança de classe e de função sintática.

É preciso também demarcar a fronteira entre léxico e vocabulário. Como se sabe, não se pode adquirir todas as palavras do léxico, por isso formam-se conjuntos de itens lexicais particulares, ou seja, termos utilizados apenas por uma fração de todos os falantes de uma língua. Este processo é ativado por fatores socioculturais que afetam o conhecimento do léxico tanto no plano qualitativo como no plano quantitativo. Surge, assim, a distinção entre léxico e vocabulário. Considera-se o léxico uma entidade teórica, compreendendo todos os termos à disposição dos falantes de uma língua. Já o vocabulário compreende os itens lexicais utilizados por um falante numa realização oral ou escrita restrita.

Ao lado da língua natural, utilizada pela maioria dos falantes, existe um grande número de unidades lexicais particulares utilizadas por um conjunto específico ou especializado da sociedade. Assim, distinguem-se as unidades lexicais gerais – utilizadas pela maior parte da sociedade – e as unidades lexicais especiais – utilizadas por uma área específica da sociedade. Estas podem ser exemplificadas com os termos da Medicina, da Engenharia, da Economia, etc.

Segundo Niklas-Salminen (1997: 25), o vocabulário individual, formado pelo vocabulário ativo, ou seja, efetivamente usado, e o vocabulário passivo, que não é usado, mas pode ser inteligível a partir do contexto, não é constante e nem limitado. Tal vocabulário individual sofre influência da simultaneidade e do tempo, porque o indivíduo, enquanto vive, adquire novos conhecimentos e em consequência novos termos.

O autor (op.cit.) faz uma distinção entre léxico comum e léxico total. O léxico comum do estado de uma língua é formado pela interseção de todos os

idioletos dos indivíduos falantes daquela língua, enquanto o léxico total reúne todos os idioletos dos mesmos falantes em questão. Pode-se dizer que o léxico total é o ideal de um dicionário e é impossível de ser contado ou descrito.

Niklas-Salminen (1997: 29-32) divide o léxico total em quatro subléxicos que também formam os idioletos. Tal divisão leva em conta o meio social, o profissional, o regional, a idade, a cultura, etc., dos falantes. Assim, citam-se os subléxicos:

- 1) Subléxico das línguas regionais (regionalismos);
- 2) Subléxico das línguas sociais;
- 3) Subléxico das línguas temáticas; e,
- 4) Subléxico das línguas de gerações.

Para o presente trabalho, é relevante a noção de subléxico das línguas temáticas que será tratado posteriormente neste capítulo, tendo em vista que este subléxico corresponde ao léxico das linguagens de especialidade.

A partir dessas considerações, observa-se, em primeiro lugar, a importância da Lexicologia para os estudos lingüísticos, uma vez que ela pode ser considerada o lugar ideal para o desenvolvimento do estudo da unidade lexical e, em segundo, o caráter interdisciplinar da Lexicologia, revelado na relação que essa área mantém com outros campos lingüísticos. Outro fator que deve ser destacado é que, se a Lexicologia, como disciplina lingüística, reserva um lugar para o subléxico das linguagens de especialidade e a Terminologia estuda esse tipo de linguagem, então, nessa perspectiva, existe uma relação clara entre Lexicologia e Terminologia.

Na próxima seção, veremos que tipo de relação há entre Lexicologia e Terminologia e qual lugar a Terminologia ocupa no âmbito dos estudos lingüísticos.

1.3 Os estudos terminológicos

Todas as matérias científicas que se dizem interdisciplinares definem-se em relação a outras matérias. A Terminologia, segundo Cabré (1993: 71-74), insere-se no âmbito das disciplinas científicas interdisciplinares. Nesse sentido, ela também se relaciona com outras disciplinas. No entanto, a

Terminologia não toma os conceitos das disciplinas com as quais se relaciona, por empréstimo e os utiliza simplesmente.

Na verdade, segundo Cabré (1993: 71-75), a Terminologia seleciona conceitos e elementos de outras matérias e, a partir desses conceitos, elabora um objeto e um campo de estudo específico.

Obviamente, uma disciplina com a qual a Terminologia faz interseção é a Lexicologia. Para Cabré (1993:86), há uma proximidade indiscutível entre essas duas disciplinas, pois *“ambas se ocupam das palavras; (...) apresentam uma vertente teórica e uma vertente aplicada; e têm como objetivo a elaboração de dicionários”*.

No entanto, segundo Cabré (1993:86-90), é possível distinguir entre elas. Por exemplo, ao se analisar o **campo de trabalho** da Lexicologia e da Terminologia, constata-se que a Lexicologia trata do conjunto inteiro de palavras que os falantes de uma determinada língua conhecem, enquanto a Terminologia trata apenas das palavras de um campo de especialidade. Nessa ótica, a Lexicologia contém a Terminologia, ou seja, a Terminologia é parte da Lexicologia. Aqui, já podemos adiantar, de certa forma, o lugar da Terminologia nos estudos lingüísticos. Por tratar de um subléxico específico – palavras de domínios específicos –, ela se insere dentro da Lexicologia, que trata do conjunto completo de palavras, ou seja, do léxico total de uma língua.

Como já acentuamos nas seções anteriores, a partir do critério da **unidade de base**, a Lexicologia trabalha com o estudo das **palavras** – unidades lingüísticas dotadas de características sistemáticas e que podem ter a propriedade de se referirem a entidades da realidade. A Terminologia, por sua vez, trabalha com os **termos**, que podem possuir as mesmas características lingüísticas das palavras, mas seriam utilizados em um domínio particular.

Nesse ponto, como vimos na seção 1.1, Faulstich (1994) concorda com Cabré, quando aborda a natureza epistemológica do lexema e do termo através de princípios que regem a conceituação bipartida da unidade lexical. Vejamos: Cabré (1993) distingue dois tipos de unidade de base, ou seja, a Lexicologia tem sua unidade de base identificada pelos lexemas e define-os como unidades lingüísticas que se referem a entidades da realidade. Essas unidades de base pertencem ao léxico da língua comum, ao passo que os termos pertencem ao léxico das linguagens de especialidade e, assim, são as

unidades de base da Terminologia. Faulstich (1994) também faz uma diferenciação entre os objetos de estudo de cada uma das disciplinas. Ao identificar a natureza bipartida da unidade lexical, Faulstich (1994: 314) define **lexema** como a unidade lexical objeto da Lexicologia e o **termo** como a unidade lexical objeto da Terminologia.

Assim, para Faulstich (1994: 315), existem diferenças significativas entre lexema e termo. Para ela, um termo apresenta um caráter específico delimitado por um subcódigo do código maior; isso significa que os termos manifestam propriedades desse código maior, mas também manifestam suas próprias propriedades. Isso ocorre porque, diferente do lexema, o termo precisa ser uma unidade significativa que designe uma noção unívoca ou monorreferencial no interior de um domínio especializado.

Para Faulstich (1994: 316), é *“objetivo da Lexicologia teórica”* – que opera com os lexemas – *“a construção de um modelo do componente léxico da gramática que possa prever mecanismos sistemáticos e adequados para a conexão entre esse modelo e os outros componentes gramaticais”*. Isso teria como finalidade principal unificar as condições para formação de lexemas a partir de princípios estruturais sistemáticos. A Terminologia tem por meta a denominação dos “objetivos” que são criados dentro do universo que faz uso de uma certa língua científica. Para Cabré (1993: 72), *“terminologia é linguagem”* e, por isso, para haver criação de termo, faz-se necessário o uso da lexicologia, da morfologia, da semântica e dos demais componentes léxicos e gramaticais.

É preciso considerar, ainda, que segundo Cabré (1993: 86-90), Lexicologia e Terminologia também podem ser diferenciadas pelos **objetivos de aplicação** que cada uma persegue: a Lexicologia busca explicar a competência lingüística dos falantes de uma língua, através da análise do léxico daquela língua; enquanto a Terminologia procura estudar os termos para alcançar uma forma de referência fixa. Nesse sentido, o trabalho terminológico ocorre através da coleta, seleção e ordenação dos termos de um domínio especializado.

Os processos de coleta, seleção e ordenação dos termos, de acordo com Cabré (1993: 86-90), fazem parte do **método de trabalho** de cada disciplina. A Lexicologia opera com hipóteses teóricas que são refutadas ou

validadas através da análise de amostras de uma língua. A Terminologia busca denominações para lacunas conceituais previamente estabelecidas.

Partindo desta metodologia, Cabré (1993:71) assevera que:

“A Terminologia se encontra no cruzamento entre a lingüística, a ciência cognitiva, a ciência da informação, a comunicação e a informática. Este ponto de encontro interdisciplinar da Terminologia se justifica pelas características intrínsecas das unidades terminológicas, uma vez que são unidades da linguagem (relação com a lingüística); elementos da cognição (relação com a ciência da cognição); veículos de comunicação (relação com a comunicação) e se deixam tratar informatizadamente na atividade terminográfica (relação com a informática).” (CABRÉ, 1993: 71)

Por ter essa característica de disciplina prática, a Terminologia é orientada pela Lingüística Aplicada. Isto é, conforme Cabré (1993: 75), a Lingüística Aplicada concebe a Terminologia como uma de suas orientações, por fazer parte de um dos subsistemas funcionais que formam o sistema lingüístico como um todo. A distinção principal do subsistema funcional do qual a Terminologia faz parte é a orientação temática que determina suas situações de uso. Neste caso, a Terminologia analisa situações de uso especiais em que um subléxico é utilizado. E, por isso, funciona em um ambiente específico de ação: o ambiente das linguagens de especialidade.

Como dissemos anteriormente, a Terminologia serve para dar conta da sistematização do léxico das linguagens de especialidade. Segundo Faulstich (1997: 82), uma das tarefas da Terminologia é o estudo lingüístico do termo, desde o mais simples até o mais complexo – lugar em que se insere nosso estudo. Assim Faulstich (1997:83) define a Terminologia:

“Interferente, translingüística, fraseológica, descritiva, globalizadora, as terminologias são, antes de tudo, fatos de língua ou de línguas e só por meio dos sistemas lingüísticos elas podem ser estudadas”. (FAULSTICH, 1997: 83)

Neste momento, faz-se necessário estabelecermos uma distinção mais clara entre subléxico especializado ou linguagem de especialidade e língua comum. A língua geral abarca esses dois conceitos, pois abrange a

língua comum e a linguagem de especialidade. De acordo com Cabré (1993: 129), “a língua geral, que compreende tanto as variedades marcadas como as não marcadas, pode ser considerada como um conjunto de conjuntos, imbricados e inter-relacionados a partir de muitos pontos de vista. O nexo comum a todos os conjuntos é a língua comum. Cada um dos subconjuntos pode ser uma língua especializada”. Em outras palavras, a língua comum pertence ao conjunto da língua geral. Esta, por sua vez, abarca quantas linguagens de especialidade o desenvolvimento do conhecimento humano assim o exigir. Algumas linguagens de especialidade ainda podem apresentar interseção entre si, pois algumas áreas do conhecimento científico também estão interligadas.

Como foi mencionado anteriormente, a Lexicologia trata dos fenômenos lingüísticos da língua comum e a Terminologia – inserida dentro da Lexicologia – trata das linguagens de especialidade. Segundo Cabré (1993: 130), os fatores gramaticais não diferenciam Lexicologia de Terminologia, visto que as características gramaticais do lexema e o do termo são praticamente as mesmas². Para ela, são, fundamentalmente, cinco fatores pragmáticos que distinguem Lexicologia de Terminologia:

- a) a função básica a que se propõem;
- b) a temática que tratam;
- c) os usuários;
- d) as situações comunicativas;
- e) os tipos de discurso.

Os fatores pragmáticos da Lexicologia têm como funções básicas a conativa, emotiva, fática, entre outras, tendo uma temática genérica utilizada por usuários gerais numa situação comunicativa menos formal no discurso geral. Já os fatores pragmáticos da Terminologia têm como função básica a função referencial, com uma temática específica, utilizada por usuários especializados numa situação comunicativa mais formal no discurso profissional e técnico.

² Cumpre destacar que não concordamos nesse aspecto inteiramente com Cabré (1993), pois, como veremos nessa dissertação, os termos podem apresentar diferentes extensões e combinações entre os itens lexicais envolvidos em uma formação, os quais não ocorrem nos lexemas. No entanto, não discutiremos contrastivamente as propriedades gramaticais dos termos em contraponto a lexemas. Pesquisas futuras poderão aclarar ainda mais as diferenças de cunho gramatical entre essas unidades lexicais.

Numa perspectiva histórica, de acordo com Faulstich (1997: 82), no século XVII, a Revolução Científica, e no século XVIII, a Revolução Industrial, provocaram uma profunda mudança no mundo, porque o progresso que estas revoluções propiciaram trouxe consigo grandes invenções técnicas, como o automóvel, e desenvolvimentos científicos, como a descoberta de bactérias. Toda esta “explosão” científica também desencadeou um processo de produção de novos conceitos que necessitavam ser resumidos em uma expressão denominadora – o termo – para que existisse o reconhecimento de sua referência. Nas palavras de Faulstich (1997: 82): *“agora já não era mais a palavra e seu significado (sema) que estavam em primeiro lugar como na descrição lexicográfica, mas eram objetos, a denominação das coisas (onoma) que surgiam e que exigiam um ‘marco divisionário’ (terminu) entre a língua geral e a especialidade criada, parte integrante de uma realidade designativa.”*

Ocorre que, segundo Faulstich (1997:82), como o surgimento de termos novos era muito veloz, assim como a necessidade de sistematização desses termos, o modelo mais próximo para satisfazer essa necessidade de sistematização era o da Lexicologia. No entanto, os processos de trabalho da Terminologia e da Lexicologia são produzidos em sentidos inversos. Em Terminologia, o processo de trabalho é **onomasiológico**, ou seja, o terminólogo pesquisa, busca, reúne, sistematiza os conceitos, suas denominações e os termos de um determinado campo de especialidade. Ao constatar uma lacuna, isto é, um espaço em que o conceito existe, mas a denominação não, ele procede a uma consulta a especialistas daquela área de especialidade e passa à seleção de um termo para tal conceito, ou então, dentre vários termos, declara uma forma que receberá a preferência de utilização. Em Lexicologia Aplicada, ou lexicografia, por sua vez, o caminho do lexicógrafo é exatamente o inverso: o lexicógrafo irá buscar os conceitos para as denominações e palavras que pesquisou anteriormente, isto é, seu processo de trabalho é **semasiológico**.

Nesta seção definimos o estado da arte dos estudos terminológicos, situando a Terminologia dentro dos estudos lingüísticos. Para isso, fizemos uso, principalmente, dos estudos de Cabré (1993, 1998) e dos estudos de Faulstich (1994, 1997, 1999), sobretudo ao citarmos os princípios aos quais a Terminologia obedece e que a inserem no âmbito dos estudos lingüísticos.

RESUMO

Neste capítulo, foram apresentados os pressupostos teóricos que sustentam a distinção entre estudos lexicológicos e terminológicos no âmbito dos estudos lingüísticos. Vimos que Lexicologia é o estudo das palavras ou lexemas no âmbito da língua comum e que Terminologia é o estudo do termo no âmbito das linguagens de especialidade. Também definimos, nesse capítulo, as principais diferenças entre lexema e termo, uma vez que o primeiro é objeto de estudo da Lexicologia e, o segundo, objeto de estudo da Terminologia.

No próximo capítulo, detalharemos o empreendimento teórico de Faulstich, desde 1988 até 2003, para mostrarmos em que bases se assenta o constructo para análise dos formativos proposto pela autora.

CAPÍTULO 2

AS UNIDADES TERMINOLÓGICAS COMPLEXAS E O EMPREENDIMENTO CIENTÍFICO DE FAULSTICH

“(...) a terminologia, por ser um fato de língua, acomoda elementos variáveis e organiza uma gramática...” (Faulstich, 2003:12)

Neste capítulo apresentaremos, primeiramente, a delimitação do objeto de análise desta pesquisa: as unidades terminológicas complexas; em segundo, apresentaremos o constructo teórico para análise de formativos (Faulstich, 2003), referencial analítico de nossa pesquisa. No entanto, para melhor compreensão desse referencial, antes, abordaremos brevemente o empreendimento teórico de Faulstich para os estudos terminológicos.

2.1 As unidades terminológicas complexas

De início, é preciso lembrar que, numa perspectiva formal, de acordo com Cabré (1993: 171), os termos formam conjuntos fonológicos articuláveis foneticamente e representáveis graficamente. Na perspectiva semântica, os termos constituem unidades de referência de uma realidade e, assim, são dotados de um conjunto de traços distintivos. Do ponto de vista sintático, Cabré define os termos como *“unidades distribucionais que exigem um contorno lingüístico determinado, e que no discurso se encontram freqüentemente*

combinados com outros termos específicos". Essa combinação com outros termos forma UTCs³.

As UTCs⁴ podem ser definidas como estruturas sintáticas complexas similares aos sintagmas da língua comum (Auger, 1978: 11), mas em estado lexicalizado nos textos de domínio específico. Ou seja, essas estruturas sintáticas complexas comportam-se como se fossem um termo só, além de possuir maior grau de coesão e de dependência entre os elementos que constituem a estrutura sintática. As UTCs podem ser diferenciadas dos termos simples pela ausência de caráter fortuito, isto é, a formação de UTCs não ocorre acidentalmente ou por necessidade do contexto, uma vez o conceito designado por um termo complexo, o termo complexo assumirá as respectivas propriedades do conceito. Além disso, as UTCs possibilitam a identificação de um conceito próprio numa determinada linguagem de especialidade por expressar, geralmente, uma noção única.

Vale destacar que a denominação UTC é satisfatória para denominarmos as estruturas sintáticas complexas da Terminologia, porque os termos complexos, além de não apresentarem caráter fortuito, como vimos, não se resumem apenas a um conjugado binário do tipo nome+adjetivo, adjetivo+nome, etc., ou seja, não são formados apenas por dois elementos, como freqüentemente ocorre com os sintagmas. Antes, podem apresentar estruturas mais complexas que envolvem relações entre sintagmas de diferentes complexidades, como no exemplo abaixo:

(2) branco com reflexos esverdeados

³ Alguns autores, como Cabré (1993) e Auger (1978), denominam os termos complexos como Sintagmas Terminológicos (STs). Neste estudo utilizaremos a denominação UTC.

⁴ As UTCs têm sido objeto de análise de diversas pesquisas no âmbito dos estudos terminológicos. Entre outros, destacam-se os trabalhos de Auger (1978), Cabré (2001), Café (1999) e Duarte (2001). Essas pesquisas têm mostrado que as UTCs podem constituir objetos de diferentes tipos de investigação. Por exemplo, Cabré (2001) analisou as UTCs sob uma perspectiva comunicativa; Auger (1978) privilegiou uma abordagem léxico-semântica para análise do que ele denominou de sintagmas terminológicos (STs); Café (1999) aplicou o modelo de Dik (1977) a um *corpus* lexical da Biotecnologia, propondo um conjunto de regras que derivam UTCs numa perspectiva léxico-funcional; e Duarte (2001), a partir de uma reanálise das regras resultantes do estudo de Café (1999) no âmbito da Análise Sensorial Enológica, constatou a expressiva ocorrência de um tipo de regra na linguagem de especialidade examinada.

O exemplo apresentado em (2) descaracteriza uma estrutura binária de nível sintagmático simples, que seria mais propriamente designada por sintagma, e confirma que a denominação UTC adequadamente comporta as características da unidade lexical da Terminologia e sua função de denominar conceitos de uma forma também sintagmática, mas envolvendo complexidade superior. Vejamos:

$$(3) [AP] + [PP]^5$$

$$[AP] + [PP [P + NP + AP]]$$

Observe que, mesmo que o primeiro nível representacional recupere a relação binária entre os elementos envolvidos na formação; no segundo nível, a comunhão binária inicial é expandida. O mesmo não poderá ocorrer com um termo do tipo **vinhos curtos**, o qual atinge sua completude semântica numa relação binária que comporta um nome e um modificador.

Uma questão que é importante enfatizar é o fato de que, para os fins deste trabalho, não julgamos necessário diferir entre ST e UTC, porque a análise que iremos encetar prevê a descrição do que poderíamos chamar de nível mais básico do termo complexo, o ST, e suas expansões, as UTCs. Apesar de haver diferenças entre a constituição hierárquica desses dois tipos de termos, vamos assumir que as idéias e estudos desenvolvidos por Auger (1978) são oportunos para o objeto dessa seção, qual seja, definir e caracterizar as UTCs. Nesse sentido, estamos assumindo que os STs são tipos de uma projeção sintagmática de primeiro nível definidos por Auger (1978), mas que, da mesma forma que as UTCs, constituem elementos ligados semanticamente entre si para referir um só conceito.

Assim, neste trabalho, a denominação UTC abarca o que a tradição dos estudos terminológicos tem designado por ST. Isso se justifica, como veremos mais adiante, em função da exaustão semântica que ambos os tipos

⁵ Estamos utilizando a denominação chomskiana AP (Adjective Phrase), PP (Preposition Phrase) e NP (Noun Phrase) para identificarmos os grupos frasais com núcleo adjetival (AP), preposicional (PP) e nominal (NP).

de termos devem procurar para encerrar em si mesmos um conceito, conforme proposto por Faulstich (2003)⁶.

Auger (1978: 12-25) baseou-se nos estudos desenvolvidos por Louis Guilbert para propor quatro postulados que definem as UTCs. Na verdade, Auger resumiu a proposta de Guilbert para a sintagmática lexical em três grandes postulados, aos quais ele acrescentou um quarto específico para a prática terminológica:

1- *“O sintagma lexical é a forma privilegiada de designação do real em terminologia”.*

De acordo com Guilbert (1973: 17)⁷, as UTCs têm uma característica descritiva recorrente, ou seja, existe uma destacada transparência semântica do termo complexo em relação ao conceito a que ele se refere. Nas palavras de Auger (1978: 12), *“quanto mais longa for a descrição (e em consequência o sintagma lexical), mais ela se aproximará da paráfrase sinonímica da definição e por isso do discurso metalingüístico”.* Nesse sentido, as UTCs, então, possuiriam a qualidade de se estenderem em direção ao explícito, isto é, elas teriam a propriedade quase didática de deixarem transparecer, através dos elementos que as compõem, o sentido e o conceito a que elas se referem. Nessa perspectiva, Auger coloca seu ponto de vista similarmente ao de Sager (1990), que afirma que, para designar e nomear conceitos, as linguagens de especialidade tentariam aproximar o máximo possível o termo formado das características conceituais do objeto da realidade a ser designado.

2- *“O sintagma lexical obedece a uma sintaxe da frase, suas realizações são multiformes e sua complexidade é variável”.*

Segundo Auger (1978: 15), existe a necessidade de uma coerência do ponto de vista semântico para que uma UTC não atinja o caráter de frase completa e perca seu caráter lexical, ou seja, uma UTC não deve se aproximar demasiadamente da paráfrase da definição.

⁶ Estamos, pois tratando STs e UTCs pela designação genérica de UTCs. Nesse aspecto, para a caracterização dessas unidades buscaremos suporte tanto em Auger (1978) que estudou os STs, como nos autores que trataram especificamente dos termos complexos.

⁷ Apud Auger (1978: 12).

3- *“É difícil de se distinguir o sintagma lexical de um sintagma discursivo (conjunto acidental de termos) usando somente os critérios formais e a dificuldade está em relação direta com a complexidade do segmento”.*

Auger (1978: 19) afirma que é muito difícil de se distinguir um sintagma lexical de um sintagma discursivo, por várias razões, dentre elas, o fato de não existirem marcas morfológicas especiais que delimitem suas fronteiras, e o fato de ambas as formas estarem em seqüência normal de determinado-determinante⁸. Assim, Auger propõe duas abordagens para a definição de uma UTC: primeiro, ela designa um objeto real específico e por isso forma uma unidade lexical e, segundo, o objeto a que a UTC se refere não é um subitem ou um subtipo de um outro objeto, mas um objeto único que necessita de um novo termo ou de uma nova denominação.

Em outras palavras, os elementos seguintes à base não estão exercendo simplesmente a função de determinante ou caracterizador da base: numa UTC parece existir um tipo de relação que integra todos os seus elementos formando um todo coeso que designa o conceito.

4- *“O sintagma terminológico, na ótica da terminologia, não pode transpor um certo limite de complexidade sem se transformar em unidade não lingüística de catalogação ou de nomenclatura”.*

Auger (1978: 24) levanta a problemática de delimitação das UTCs e coloca como consequência a perda de coesão sob o plano da enunciação e de coerência sob o plano semântico. Assim, ele propõe que o terminólogo analise a UTC a partir de dois critérios que podem auxiliar na definição de suas fronteiras. O primeiro diz respeito à relação unívoca entre o termo e a noção que ele designa e o segundo está relacionado com a freqüência de uma UTC dentro de um *corpus*, o que permitiria, também, a eliminação dos grupos acidentais de palavras não lexicalizadas.

Dessa forma, o que é possível declarar sobre as UTCs é que elas têm uma natureza distinta dos termos simples, uma vez que não são facilmente classificáveis ou identificáveis. Nesse sentido, o constructo de Faulstich (2003),

⁸ Auger faz essa afirmação analisando a língua francesa; em nosso trabalho, colocamos tal afirmação com relação à língua portuguesa, tendo em vista que é essa a ordem interna dos sintagmas portugueses.

que será apresentado a seguir, é uma proposta que tenta expressar como ocorre a formação de termos complexos, a partir de um processo análise-síntese reunindo traços para designar o conceito.

O conceito de uma UTC, conforme Faulstich (2003: 19), “*não resulta pari passu da soma dos formativos, mas da cumulação de características por cavalgamento de traços, que produzem mudanças de conteúdo individualizante de cada unidade formativa*”. Nessa perspectiva, cada formativo inserido como argumento da base numa predicação vai operar o conceito da base na formação da UTC. Então, este parece ser o mecanismo basilar do processo de formação terminológica complexa: acrescentam-se formativos com características próprias ao sentido de um formativo-base. Tais características devem ser capazes de, com seus traços em cavalgamento, constituir um conceito e um único referente.

Na próxima seção, veremos mais detalhadamente as propriedades da proposta de Faulstich (2003) para a análise dos formativos.

2.2 A análise dos formativos segundo Faulstich (2003)

Antes de iniciarmos a exposição do constructo teórico que será pontualmente o balizador das análises empreendidas no Capítulo 4, é importante, considerando o caráter pioneiro e empreendedor dos trabalhos desenvolvidos por Faulstich para as pesquisas terminológicas desenvolvidas no Brasil, especialmente para os estudos socioterminológicos, destacamos alguns pontos da trajetória intelectual dessa pesquisadora. Alguns desses pontos estão direta ou indiretamente relacionados ao constructo para a análise dos formativos, proposto pela autora em 2003, o qual será objeto analítico desta dissertação de mestrado. Obviamente, poderíamos fazer referência somente aos tópicos relacionados ao modelo analítico eleito para esta pesquisa, mas o empreendimento teórico desta pesquisadora, como veremos a seguir, não é um simples exercício analítico para os estudos sobre unidades léxicas. É, na verdade, um divisor de águas nas pesquisas terminológicas no Brasil. Passemos, pois, a pontuar as principais contribuições dessa pesquisadora para o trabalho terminológico.

2.2.1 As contribuições de Faulstich para os estudos terminológicos

No Capítulo 1, vimos que a Terminologia possui um objeto de estudo bem definido, qual seja, o termo. Também vimos que ela constitui-se de teorias que se propõem a estudar esse objeto. Uma dessas teorias é desenvolvida por Faulstich⁹, que propôs postulados para o estudo da Terminologia.

Tudo começou com o interesse de Faulstich em explicar o comportamento das unidades lexicais. Isso lá pelos idos dos anos 80. Nessa época, Faulstich analisou a interpretação da sinonímia como variante lexical em alguns livros didáticos. Nessa pesquisa, a autora define lexema e levanta questões de variação lexical, apresentando, numa analogia com “alofone” e “alomorfe”, o alolexe¹⁰.

Na década de 90, sua conceptualização do universo terminológico começa a ser erigida. Para a autora, a terminologia é de natureza onomasiológica, por ser uma atividade que vai do “conceito” ao signo. O conceito, por sua vez, é definido por Faulstich (1990:4), “(...) *como uma unidade de conhecimento, compreendendo predicacões verificáveis sobre um item de referência selecionado, representado na forma verbal*”. Assim, um conceito é uma entidade abstrata que recebe uma forma verbal ou expressão lingüística; no caso das linguagens de especialidade, essa forma verbal é identificada nas propriedades do termo que possibilita a verificação de predicacões, ou seja, possibilitam a recuperação da entidade existente nas coisas do mundo referida no termo.

Assim, para Faulstich, existe uma correspondência entre o nível epistemológico de uma ciência e o nível da expressão lingüística. Este nível identifica o termo, que, segundo Faulstich (1990:4), “*é toda unidade lingüística que denomina uma noção de forma unívoca dentro de um campo*”.

Na seqüência de seus estudos, mais precisamente em 1991, em seu projeto “*Elaboração de um glossário monolíngüe: procedimentos metodológicos*

⁹ A Prof^a Dr^a Enilde Leite de Jesus Faulstich é coordenadora do Centro Lexterm/LIV/UnB. O Lexterm (Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos) constitui um importante centro de pesquisa em Lexicologia e Terminologia com produção intelectual que tem sido referência em pesquisas desenvolvidas em outros centros de estudo do Brasil. A linha de pesquisa central do Lexterm é o estudo da variação em terminologia.

¹⁰ Segundo Faulstich (1988: 40), o alolexe “*é uma unidade lexical própria, coocorrente com o lexe de base(...), uma expressão analógica, cunhada a partir do lexe e do lexema.*”

de um projeto terminográfico”, Faulstich destaca a importância da terminologia para as ciências e discute várias definições relevantes para o trabalho de investigação que começa a empreender.

O olhar de Faulstich converge aqui para a necessidade de adequação terminológica do *corpus* sistematicamente estudado. Esta necessidade pode ser de três naturezas:

- “a) (...) de descrição (...) dos conjuntos de termos fundamentais à formação dos discursos sobre um domínio socialmente distinto, sob o ponto de vista da socioterminologia;*
- b) (...) de transmissão e de difusão dos conhecimentos de áreas temáticas, num domínio específico, por meio de sua terminologia;*
- c) (...) de normas que se aplicarão aos usos lingüísticos na formação do termo e ao arcabouço teórico na formação do glossário.” (FAULSTICH, 1990: 5 e 1991: 185)*

Dentre essas necessidades¹¹, a de transmitir e de difundir os conhecimentos de áreas temáticas, num domínio específico, através da terminologia dessa área temática, diz respeito à relação que existe entre a constituição de uma terminologia específica para um determinado domínio com a finalidade de propagar, não apenas os termos relativos àquela área do conhecimento, mas, principalmente, seus conceitos e noções.

A partir dessas necessidades, a autora assume que a variação em terminologia é necessária. Faulstich desenvolve a Teoria Socioterminológica¹², defendendo o ponto de vista de que estudar o uso dos termos em contextos de língua oral e escrita levanta possibilidades de observação da variação pela identificação de variantes dentro do mesmo contexto ou em contextos diferentes em que o mesmo termo é usado. Assim, para Faulstich (2001: 20), *“variação e terminologia não se confrontam na abordagem atual. Pelo contrário,*

¹¹ Como veremos mais adiante, as necessidades “a” e “c” têm importância significativa para esta dissertação. A necessidade “c” instaura a noção de formação de termos e o estabelecimento de normas, baseadas em arcabouço teórico, para formação de glossários. Poderíamos dizer, então, que nosso estudo vai ao encontro dessa necessidade por tratar diretamente da formação de termos reunidos em um *corpus* de uma área específica do conhecimento: a Análise Sensorial Enológica.

¹² No Brasil, Faulstich é a cientista que inicia as pesquisas no âmbito da variação em terminologia e propõe o estudo da Teoria Socioterminológica.

(...) a terminologia é passível de variação porque faz parte da língua, porque é heterogênea por natureza, e porque é de uso social”.

Dessa constatação, resultou uma série de trabalhos sobre os termos e suas possíveis variantes. Nesse sentido, uma afirmação que é recorrente em todos os trabalhos de Faulstich diz respeito à maneira como a variação acontece. Para ela, as variantes resultam dos usos distintos que a comunidade faz de algum termo, *“em sua diversidade social, lingüística e geográfica”.*

Essa constatação leva a autora a estudar profundamente o estatuto do termo. Uma das suas primeiras afirmações é que a variação de um termo se realiza quando, para a forma de um termo X, há formas variantes constituídas por entidades lingüísticas com grande proximidade (termo Y), as quais denomina alotermo¹³. Faulstich (1998: 71) define que os termos Y podem se apresentar como:

“i) formas condensadas ou expandidas escritas de maneira quase idênticas, com o mesmo significado; ii) formas diferentes, em decorrência do uso em contextos discursivos de diferentes níveis, com o mesmo significado; iii) formas diferentes, mas com o mesmo significado, em decorrência do uso em espaços geográficos distintos em que se fala a mesma língua; iv) formas idênticas ou diferentes, com o mesmo significado ou com significado desviante, em decorrência do movimento que faz a língua no percurso histórico; v) formas provenientes de línguas estrangeiras que estimulam o surgimento de uma outra no vernáculo, com o mesmo significado.” (FAULSTICH, 1998: 71)

A definição dos alotermos com essas características foi explicitada tomando por base que cada estágio da língua está limitado por variedades lingüísticas que possivelmente apresentam *“a variação como processo, as variantes como protocolos naturais de evolução e a mudança como produto da alteração nos esquemas comunicativos”* (Faulstich, 1998: 75).

Assim, o divisor de águas que aludi no início desta seção é justamente o fato de que essas pesquisas sobre a variação terminológica conduziram Faulstich a propor que a socioterminologia é uma disciplina que se ocupa da identificação e da categorização das variantes lingüísticas dos termos em

¹³ Tendo como modelo a variação do fonema (alofone) e do morfema (alomorfe).

diferentes tipos de situação de uso da língua. Ao colocar em evidência a definição de variação em terminologia, Faulstich elaborou os postulados que sustentam a teoria socioterminológica. Esses postulados servem de base para a proposição de constructos teóricos que podem explicar a variação terminológica e como os processos de variação ocorrem nas linguagens de especialidade¹⁴. Basicamente, esses postulados, ou axiomas, determinam que:

- a) a estrutura terminológica deve ser associada à noção de heterogeneidade ordenada;
- b) não há isomorfismo entre termo-conceito-significado;
- c) a terminologia organiza uma gramática;
- d) há variação no universo dos termos; e
- e) os co-textos lingüísticos e os contextos discursivos são os ambientes de realização dos termos.

Nesses termos, de acordo com Faulstich (1995: 281), a teoria da variação socioterminológica (doravante TVS) requer um método próprio para sistematização dos termos e de suas variantes. Para isso, a autora (1995: 282) elaborou uma metodologia para a pesquisa socioterminológica e distinguiu **socioterminologia como prática do trabalho terminológico de socioterminologia como disciplina descritiva**.

Nas palavras de Faulstich:

“Socioterminologia, como prática do trabalho terminológico, fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem. Socioterminologia, como disciplina descritiva, estuda o termo sob a perspectiva lingüística na interação social.”
(FAULSTICH, 1995: 282)

Tendo em vista que a socioterminologia, como prática do trabalho terminológico, tem como fundamento a *“análise das condições de circulação do termo no funcionamento da língua”*, ela necessariamente deve operar com os critérios de variação lingüística dos termos no meio social e a perspectiva de mudança, caracterizados como princípios da sociolingüística. No entanto, Faulstich (1995: 284) afirma que *“a socioterminologia não é, de fato, uma*

¹⁴ Tais postulados serão explicitados na seção 2.3, pois eles são a base para a proposição do constructo de 2003.

disciplina derivada da sociolinguística, porém não se pode negar que é a visão mais flexível da sociedade e da comunidade que conduz os especialistas em terminologia a esse novo percurso". Então, a pesquisa sociolinguística pode servir como um guia para analisar a funcionalidade da socioterminologia, cuja área de atuação é a linguagem de especialidade¹⁵.

Assim, a socioterminologia, como disciplina descritiva, estuda o termo inserido no meio social numa perspectiva linguística e a inter-relação entre membros da sociedade, ao gerarem conceitos de um mesmo termo ou, ainda, capazes de gerar termos diferentes para um mesmo conceito. Este tipo de interação social na geração de termos e conceitos é característica dos estudos etnográficos.

Dando continuidade a seus estudos, Faulstich (1995: 282) definiu posturas para a realização do trabalho socioterminológico¹⁶. Entre elas, a autora salienta que é importante "*conceder, na análise do funcionamento dos termos, estatuto principal à sintaxe e à semântica*". É exatamente nesses níveis de representação linguística que o empreendimento gramatical da terminologia se sustenta na obra de Faulstich.

Nesse sentido, a autora adaptou dois princípios da semântica funcional para explicar a forma de identificação de um termo que se compõe de mais de um item lexical, isto é, uma UTC. O primeiro princípio diz respeito à atribuição de papel de predicador semântico à UTC. O segundo, trata do critério de predicação sintático-semântica na delimitação das UTCs.

No desenvolvimento de seu empreendimento teórico, Faulstich (1995: 285-286) classificou, inicialmente, as variantes terminológicas em quatro tipos¹⁷:

1. *Variante gráfica*: o termo é grafado de forma diferente em diferentes contextos.

¹⁵ Reside aí a principal diferença entre sociolinguística e socioterminologia, de acordo com Faulstich (1996: 15): a socioterminologia opera com a variação social que o termo pode ter nos vários níveis hierárquicos do discurso técnico e científico. A sociolinguística, por sua vez, trata da variação social ocorrida na língua geral, decorrente de mudanças, em sua sincronia.

¹⁶ Para maiores detalhes sobre esse trabalho, veja Faulstich (1995: 282-283).

¹⁷ Nosso objetivo é demonstrar o desenvolvimento do empreendimento teórico de Faulstich (1988-2003), por isso, não aprofundaremos as discussões sobre a classificação das variantes e nem apresentaremos exemplificações. Para um estudo mais aprofundado ver LAMBERTI (1999). Flávia Cristina Lamberti desenvolveu sua dissertação de mestrado com o título "*O empréstimo linguístico sob a perspectiva variacionista*" sob orientação de Enilde Faulstich.

2. *Variante morfossintática*: não ocorre mudança no conceito do termo se houver alternância de elementos gramaticais em sua estrutura.
3. *Variante socioprofissional*: em casos de estratificação vertical, não ocorre alteração de conceito e significado se houver mudança de registro.
4. *Variante topoletal ou geográfica*: em casos de estratificação horizontal, o conceito e o significado não se alteram se houver modificação de registro.

Posteriormente, Faulstich (1996: 17-18) considerou que todo o termo, por estar inserido nas linguagens de especialidade, faz parte da esfera socioprofissional e, por isso, eliminou a variante socioprofissional da classificação. Assim, a classificação das variantes terminológicas apresentou-se em Variantes Lingüísticas e Variantes de Registro:

Nas *variantes lingüísticas*, o processo de variação é determinado por um fenômeno caracteristicamente lingüístico. De acordo com Faulstich (op.cit.), alguns princípios regem a classificação dessas variantes:

- a) a análise do termo baseia-se na interpretação semântica;
- b) a visão funcional é utilizada para analisar as UTCs;
- c) o fundo lingüístico de análise é constituído pelos subsistemas da língua;
- d) levam-se em conta os usos escrito e oral dos termos.

Assim sendo, as variantes lingüísticas são classificadas por Faulstich (1996) em três tipos:

1. *Variante terminológica gráfica*: em que um registro oral ou escrito apresenta-se diferente em outro contexto.
2. *Variante terminológica lexical*: possibilita a substituição de um item lexical ou parte dele sem ocorrer modificação drástica no significado terminológico.
3. *Variante terminológica morfossintática*: aquela que, mesmo com inserção ou modificação de elementos gramaticais, de ordem morfológica ou sintática, nos sintagmas terminológicos, não sofre alteração em seu conceito.

Nas *variantes de registro*, por sua vez, a variação deriva do ambiente em que ocorre, no plano vertical, horizontal e/ou temporal em que os usos lingüísticos são realizados. De acordo com Faulstich (op.cit.), alguns princípios regem a classificação dessas variantes:

- e) a recolha dos termos é realizada no discurso real em linguagem de especialidade;
- f) “os termos pertencem à variedade socioprofissional”¹⁸;
- g) os textos para recolha do termo têm procedência diversificada, mas tratam do mesmo assunto;
- h) os termos recolhidos provêm de discursos com maior ou menor grau de formalização e tratam do mesmo assunto;
- i) os termos recolhidos provêm de épocas diferentes e tratam do mesmo assunto;
- j) levam-se em conta os usos oral e escrito.

Assim sendo, as variantes de registro são classificadas por Faulstich (1996: 17-18) em três tipos:

1. *Variante terminológica geográfica*¹⁹: ocorre no plano horizontal em regiões diferentes com mesma língua, em que não ocorrem mudanças no conceito e no significado ao ocorrerem mudanças de registro.
2. *Variante terminológica de discurso*: ocorre no plano vertical do discurso de especialidade e se caracteriza pelo estabelecimento de uma sintonia entre autores e usuários de textos mais ou menos formais.
3. *Variante terminológica temporal*: num primeiro momento, duas formas concorrem no processo de variação e mudança, posteriormente uma forma se fixa como preferida.

¹⁸ Esta variedade, em artigo datado de 1995 (Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina), era listada como um tipo de variante, no entanto, em 1996, passam ao patamar de variedade, abrangendo todas as variantes de registro.

¹⁹ No mesmo artigo de 1995, esta variante também era registrada como topoletal.

Em 1998, Faulstich reformulou novamente a tipologia das variantes terminológicas e reuniu-as em três grandes categorias: variantes concorrentes, variantes coocorrentes e variantes competitivas.

As variantes concorrentes tanto podem concorrer entre si ou concorrer para mudança, ou seja, onde uma variante concorrente aparece no discurso a outra não aparecerá, justamente em virtude da natureza de concorrência dessas variantes. Dessa forma, pode-se afirmar que as variantes concorrentes estão em distribuição complementar. Tais variantes classificam-se em: variantes terminológicas lingüísticas e variantes terminológicas de registro.

As variantes lingüísticas são classificadas por Faulstich (1998: 81) em cinco tipos:

1. *Variante terminológica fonológica*: o registro se apresenta em formas decalcadas da fala.
2. *Variante terminológica morfológica*: a estrutura de constituição do termo sofre alternância de ordem morfológica, mas o conceito não se altera.
3. *Variante terminológica sintática*: ocorre alternância em estruturas sintagmáticas que exercem função de predicação de uma UTC, sem, no entanto, ocorrer mudança de significado.
4. *Variante terminológica lexical*: ocorre apagamento de estrutura lexical de um UTC sem haver alteração de conceito.
5. *Variante terminológica gráfica*: ocorre em decorrência da forma escrita do termo e se apresenta com uma forma diversificada.

Nas variantes de registro, a variação deriva do ambiente em que ocorre, no plano vertical, horizontal e/ou temporal em que os usos lingüísticos são realizados.

Em 1998, Faulstich manteve a classificação das variantes terminológicas de registro como em 1996, qual seja:

1. *Variante terminológica geográfica*;
2. *Variante terminológica de discurso*; e
3. *Variante terminológica temporal*.

Para Faulstich (1998: 83), são as formas coocorrentes ou os “*conceitos coocorrentes que formalizam a sinonímia*”, ou seja, a ocorrência de formas equivalentes para um mesmo conceito ou de mais de um conceito para

apenas um termo, de forma simultânea em textos, favorecem os processos de sinonímia.

Faulstich (1998: 84) define a sinonímia terminológica como:

“um processo em que dois ou mais termos com relação de sentido idêntico podem coocorrer num mesmo contexto, sem que haja alteração no significado textual e discursivo. A sinonímia terminológica discursiva tem por função produzir a coesão textual, além de ser um dos mecanismos de ampliação vocabular.” (FAULSTICH, 1998: 84)

Observa-se, portanto, que a sinonímia não pode ser descartada ou eliminada em Terminologia, uma vez que tal relação associativa entre itens lexicais desempenha funções textuais – como constituição de coesão e ampliação vocabular – inerentes a qualquer tipo de discurso que se proponha a se fazer entender.

A variante competitiva está relacionada com os processos de empréstimos lingüísticos numa perspectiva variacionista²⁰.

Esse breve histórico das idéias de Faulstich sobre a variação socioterminológica está sintetizado no quadro abaixo:

Quadro 1: A variação em Terminologia nos estudos de Faulstich

VARIAÇÃO EM TERMINOLOGIA			
ANO	VARIANTES TERMINOLÓGICAS		
1995	Variante gráfica		
	Variante morfossintática		
	Variante socioprofissional		
	Variante topoletal ou geográfica		
1996	VARIANTES LINGÜÍSTICAS	VARIANTES DE REGISTRO	
	Variante gráfica	Variante geográfica	
	Variante lexical	Variante de discurso	
	Variante morfossintática	Variante temporal	
1998	VARIANTES CONCORRENTES	VARIANTES COCORRENTES	VARIANTES COMPETITIVAS

²⁰ Lamberti (1999) elaborou uma pesquisa no contexto de variação em que itens lexicais de línguas diferentes relacionam significados gerando variantes competitivas. A variação propriamente dita ocorre através do empréstimo que motiva o surgimento de um item equivalente na língua que o recebe. Então, cria-se uma situação de competição geralmente proporcionada pelo item da língua estrangeira e pelo item formado na língua vernacular que adapta o termo ao seu padrão fonológico.

	Variantes Lingüísticas	Variantes de registro	sinônimos	estrangeirismo	
	variante fonológica	variante geográfica			empréstimo propriamente dito
	variante morfológica				
	variante sintática	variante de discurso			
	variante lexical				
	variante gráfica	variante temporal			

Assim, atualmente, de acordo com a classificação proposta por Faulstich em 1998, o processo de variação em Terminologia se apresenta com algum tipo de variável que forma uma variante possível de ser classificada em uma das três categorias²¹ – concorrente, coocorrente ou competitiva – dependendo do tipo de processo de variação envolvido²².

Deduz-se que a tarefa fundamental do pesquisador variacionista, conforme Faulstich (1996: 16), será a identificação dos fenômenos lingüísticos variáveis, que se manifestam nas linguagens de especialidade inseridos no discurso oral e escrito. Para Faulstich (1996: 16), esta manifestação pode acontecer “*no sistema interno da língua na qual estão redigidos os textos de especialidade*”. Observa-se, então, que é uma manifestação de variação regular intrínseca que poderá ser avaliada na “*dimensão vocabular de um corpus textual de preferência especializado*”.

Por fim, é importante enfatizar que a grande questão que subjaz ao percurso teórico desta autora é a defesa de que “*não podemos pensar o item lexical ou item terminológico sem gramática*” (Faulstich, 2001: 35). Para a autora, a autonomia do léxico terminológico é tal que não pode ser sustentada

²¹ A constatação de que o universo dos termos comporta variação é imprescindível para a proposição do constructo que descreve os formativos, como veremos mais adiante. Nesse sentido, cumpre salientar que, para os fins de nossa análise, priorizaremos as variantes coocorrentes e as concorrentes, em especial a variação lingüística, pelas razões que exporemos no Capítulo 4.

²² Para maiores detalhes ver os trabalhos de:

LAMBERTI, Flávia. *Empréstimos lingüísticos no Português do Brasil: uma interpretação variacionista*. Dissertação (Lingüística) – Universidade de Brasília, 1999.

OLIVEIRA, M. Francisca A. O tratamento da sinonímia no dicionário escolar. Dissertação (Lingüística) – Universidade de Brasília, 2001.

por nenhum quadro teórico outro que não uma estrutura regida por regras próprias que regulamentem seu sistema lingüístico.

Nas palavras de Faulstich (2001: 36):

“É curioso notar que, em terminologia, a descrição revela nuances que pouco interessam às descrições feitas em torno da língua geral, como a formação de unidades (terminológicas) complexas em linguagens científicas, a estruturação de fraseologismos nas linguagens técnicas, o movimento e a variação de formas nos estratos de linguagens de especialidade, em sincronias distintas, entre outras.” (FAULSTICH, 2001: 36)

Há muito a ser dito sobre a evolução das pesquisas realizadas por Faulstich e certamente essas páginas não passam de uma breve cronologia dos aspectos mais importantes do desenvolvimento das pesquisas dessa autora. Para essa dissertação, como dissemos, vários pontos aqui tratados serão retomados à luz do constructo para a análise dos formativos: a mais recente contribuição de Faulstich para os estudos terminológicos.

Na próxima subseção, abordaremos a proposta de Faulstich (2003) para análise da formação de UTCs.

2.2.2 A proposta de Faulstich (2003) para formação de UTCs

Tendo visto que as variantes constituem fato do objeto da Terminologia e que elas podem apresentar formas como concorrente, coocorrente e competitiva, passamos a apresentar o constructo analítico proposto por Faulstich (2003). Cumpre-nos destacar que, se a Terminologia tem um objeto de estudo definido, como afirmamos no Capítulo 1, e que várias pesquisas são desenvolvidas no âmbito desta disciplina, então ela possui postulados que embasam a organização destes estudos. Destacamos, ainda, que assumimos que tais postulados possibilitam a adequação descritiva e explanatória dos termos e nosso foco de análise será como os termos podem ser adequadamente descritos em seu processo formativo.

De início, vamos recordar que a prática terminológica, anterior à década de 80, que desatrelava o conceito da realidade comunicativa em que estava inserido para, posteriormente, associar a ele um termo e uma definição, possibilitava a afirmação de que as terminologias não aceitam variação e que o que se deveria ter como objetivo seria a biunivocidade e a monorreferencialidade.

Porém, na década de 90, quando se concluiu que a TGT era insuficiente para explicar certos processos ocorrentes nas linguagens de especialidade, como a variação, o estudo da Terminologia tomou novos rumos.

Através de constatações empíricas que evidenciaram situações de variação provocadas pela diversidade de grupos sociais inseridos numa mesma área de especialidade e, com o surgimento de um tipo de pesquisa terminológica que partia do pressuposto lingüístico de que existe variação terminológica, surgiram novas alternativas no sentido de se desenvolver uma teoria terminológica que explicasse esses fenômenos e não os negasse, tendo em vista que era praticamente impossível praticar pesquisa terminológica com uma teoria quase que totalmente dissociada da realidade em que se inseria.

Dessa forma, a Terminologia recebe uma nova visão alicerçada em premissas essencialmente lingüísticas, capazes de lidar com fenômenos como a variação e com conceitos contextualizados em situações de comunicação.

Assim, Faulstich, entre outros pesquisadores, propõe um tipo de pesquisa terminológica que, além de privilegiar situações comunicativas reais em linguagem de especialidade, também ressalta a importância de um estudo aprofundado da variação, numa teoria, como vimos na subseção anterior, denominada socioterminologia e que estuda o termo a partir da visão de que ele é uma unidade terminológica passível de variação. Nesta perspectiva, Faulstich (1995), assumindo a variação terminológica como axioma basilar, propõe a Teoria da Variação em Socioterminologia (TVS).

Como anunciamos anteriormente, a TVS, segundo Faulstich (2003: 12), é sustentada por cinco postulados, explicitados abaixo:

“a) dissociação entre estrutura terminológica e homogeneidade ou univocidade ou monorreferencialidade, associando-se à estrutura terminológica a noção de heterogeneidade ordenada;

- b) abandono do isomorfismo categórico entre termo-conceito-significado;
- c) aceitação de que, sendo a terminologia um fato de língua, ela acomoda elementos variáveis e organiza uma gramática;
- d) aceitação de que a terminologia varia e de que essa variação pode indicar uma mudança em curso; e
- e) análise da terminologia em co-textos lingüísticos e em contextos discursivos da língua escrita e da língua oral.” (FAULSTICH, 2003: 14)

O postulado ‘a’ diz respeito ao fato de que o termo deixa de ser uma entidade monorreferencial para assumir, dependendo do contexto analisado, a “plurirreferencialidade”, isto é, em contextos afins, o termo é uma entidade que varia, podendo assumir diferentes formas. Além disso, se termos possuem as mesmas condições de uso, serão considerados variantes um do outro. Se este for o caso, eles têm formas diferentes para o mesmo significado referencial.

O postulado ‘b’ é uma consequência do postulado ‘a’, uma vez que, se o termo deixa de ser monorreferencial e biunívoco para adquirir um estatuto múltiplo, a isomorfia é abandonada e, em seu lugar, tem-se a “heterogeneidade ordenada” do postulado ‘a’. Numa visão socioterminológica, dependendo do contexto ou dos contextos em que os termos são usados, pode-se ter uma relação termo A - termo B - termo C x conceito x significado. Ou seja, no caso, três termos diferentes (A, B e C) que se referem ao mesmo conceito e têm o mesmo significado.

O postulado ‘c’ é a espinha dorsal do constructo para análise da formação de UTCs de Faulstich, porque, usando um princípio lingüístico a que a terminologia deve obedecer, qual seja, o reconhecimento pela lingüística da diversidade na unidade das línguas e, conseqüentemente, o reconhecimento da variação como um fato concreto, a terminologia também procede dessa forma, na análise das linguagens de especialidade, tendo em vista que, se a terminologia é um fato de língua, então ela deve acomodar elementos variáveis e organizar uma gramática que revele suas propriedades intrínsecas. Ou seja, em razão da existência da variação nas linguagens de especialidade, há a necessidade de se organizar tais elementos variáveis.

Segundo Faulstich (1998: 66), “a pesquisa socioterminológica deverá considerar que os termos, no meio lingüístico e social, são entidades passíveis de variação e de mudança”. Essa mudança pode ocorrer em situações em que

co-existem dois ou mais termos para um conceito: em algum período determinado, apenas um termo seria usado e os outros poderiam ser abandonados. Ainda, o que pode ocorrer é a existência de dois ou mais conceitos relacionados a apenas um termo que, num determinado momento, assumiria apenas um daqueles conceitos. O postulado 'd' exprime esta noção de que a mudança é um processo que pode estar ocorrendo num determinado período e poderá se concluir em um momento posterior.

O postulado 'e' está relacionado com a base de análise socioterminológica, pois, para identificar a variação, é necessário analisar vários contextos em que um mesmo termo ocorre para haver o reconhecimento da ocorrência de conceitos variantes. Então, a *"análise da terminologia em contextos lingüísticos e em contextos discursivos da língua escrita e da língua oral"* possibilitará a identificação da variação terminológica.

O objetivo do constructo desenvolvido por Faulstich (2003) é, numa perspectiva funcional, explicar a formação de termos, através da descrição do léxico terminológico na perspectiva em que a função das formas lingüísticas desempenhe um papel predominante na descrição lingüística, no âmbito da variação terminológica. Como consequência, a descrição lingüística terá um carácter formal-funcional, ou seja, além da análise das estruturas lingüísticas e do aspecto semântico, a posição dos formativos e suas respectivas funções na cadeia da unidade terminológica também serão analisados e descritos.

Então, fica evidente que a linha teórica de Faulstich está alicerçada numa abordagem socioterminológica que, na análise lingüística, tende a dar visibilidade a todos os aspectos das UTCs, quais sejam, as possibilidades de variação, as situações de uso, o carácter sintático e o aspecto semântico.

A formação de UTCs, segundo Faulstich, está alicerçada na seguinte regra geral de formação:

Quadro 2: O constructo teórico de Faulstich (2003)

$$C = < T (F), LT, R >$$

em que:

$T = \text{terminologia}$

$F = \text{formativo}$

$LT = \text{fundo lexical terminológico}$

$R = \text{regra}$

Seja $C = \langle T(F), LT(A), R \rangle$ em que $LT(A)$, $F = \{R\}$ e $R(F \rightarrow A)$

a	$F \rightarrow Aa$
B	$F \rightarrow B$
b	$F \rightarrow Bb$
n	<i>etc.</i>

Nas palavras da autora:

“o construto (C) é igual à equação formada por terminologia (T), composta de formativo (F). Um formativo terminológico pode ser ou um termo simples ($F \rightarrow A$), ou uma base acrescida de predicados (AB ; AaB ; ABC , etc.), isto é, os formativos se organizam numa seqüência de base + predicado, até o ponto em que as combinações sucessivas atinjam a exaustão semântica.” (FAULSTICH, 2003: 14).

Vale destacar que o processo de acréscimo de predicado à base pode ser considerado um fenômeno que, de acordo com Faulstich (2003: 14), ocorre num “*contínuo conceitual*” que parte de um formativo de propriedade +geral e chega ao +específico. Ou seja, no local em que se encontra um formativo +geral está uma base lexical que pode pertencer ao léxico da língua comum e ter um significado bastante abrangente. Esta base tem um predicado organizado através de argumentos. Esses argumentos concedem à base um caráter particularizante, que levam o termo a um nível +específico, o que faz com que o termo pertença a um léxico especializado. Esse processo contínuo ocorre de forma que cada argumento reopera o conceito do elemento anterior até que o conceito mais específico seja fechado, isto é, até que a formação atinja a exaustão semântica²³.

²³ De acordo com Faulstich (2003: 3), “um termo atinge a exaustão semântica quando 1) é formulado de acordo com as regras da gramática da língua em questão; 2) encerra um conceito evidente; 3) proporciona que seja formulada uma definição. Se um conjunto de termos seguir tais procedimentos, ele constitui o fundo lexical terminológico”.

Esse processo pode ser ilustrado através da figura 1 abaixo:

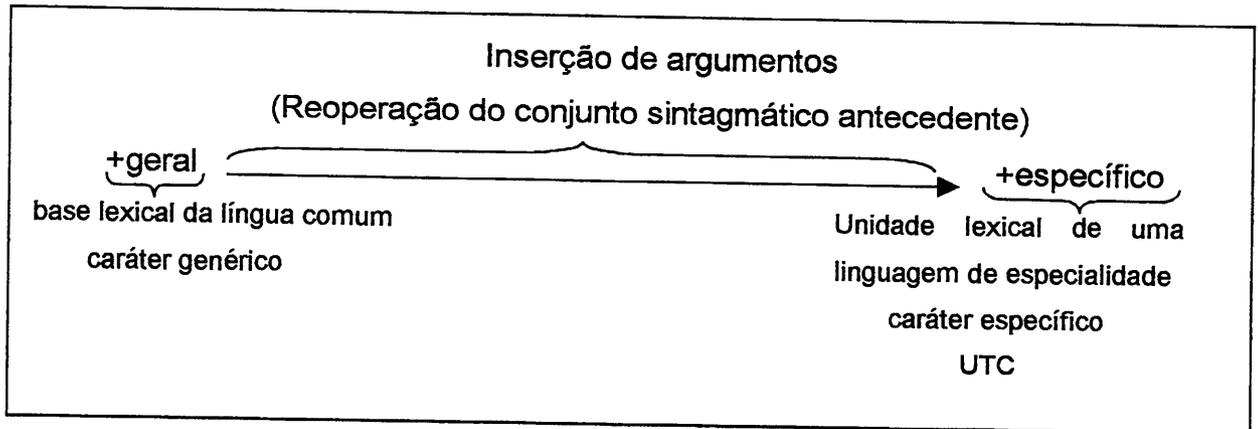


Figura 1: Reoperação do conceito em Terminologia

Então, de acordo com Faulstich (2003: 15), o processo de inserção de argumentos a uma base modifica o conceito dessa base e remete-o para o léxico de uma linguagem de especialidade. A cada inserção de argumento o termo torna-se mais específico e, por conseguinte, mais especializado. O exemplo (4) a seguir também pode ilustrar como um conceito +geral torna-se +específico:

↙ ↙

(4) [[[análise] organoléptica] total]

[[[A] B] C]

No exemplo (4), a base 'análise' (formativo A) opera o conceito +geral; o primeiro argumento 'organoléptica' (formativo B) reopera o conceito +geral de A e o segundo argumento 'total' (formativo C) reopera o conceito AB. Assim, uma vez que a base foi especificada pelos argumentos que operam o conceito anterior, o termo torna-se uma UTC que pertence à ASE.

Retomando à apresentação do constructo, de acordo com Faulstich (2003:15), "*T e F são disjuntos*", *LT é o axioma único*" e "*as regras R são produções simultâneas*". Ou seja, se a terminologia (T) estiver constituída numa linguagem de especialidade, não existem mais os formativos em si ou isolados, mas os termos que constituem essa terminologia, por isso T e F são

disjuntos. Ao identificar LT como um axioma único, Faulstich identifica o fundo lexical terminológico como a base epistemológica para alicerçar seu empreendimento científico, em que o conjunto de termos que foram constituídos seguindo os parâmetros de formação do constructo constituirá o fundo lexical terminológico (LT) de uma determinada linguagem de especialidade. As regras R são derivadas simultaneamente quando um formativo operar um conceito, partindo de uma forma única, ou unidade terminológica simples até que o conceito seja fechado.

Dessa equação, algumas cadeias de regras podem ser derivadas, como observamos abaixo:

Quadro 3: Derivação de cadeias de regras

Fonte: Dados extraídos de Faulstich (2003: 15)

(1) AF	Rx
(2) AaF	Ry
(3) AaBF	Rz
(4) AaBbF	Rδ
(5) ABF	Rn

Então, a primeira cadeia derivada [Rx] identifica a regra x que representa a base [A] e um lugar [F] para predicação. Na seqüência, Ry representa a inserção de um argumento [a] à base [A], demonstrando a formação da UTC [Aa], [F] simboliza lugar para nova inserção de argumento.

Na proposta de Faulstich, F corresponde ao lugar em que a variável aparece. Nesse sentido, a autora (2003: 16) afirma que:

No lugar de F “há vaga para predicação nova, com a possibilidade de um novo formativo de termo se inserir ali. R indica a regra que derivou o termo; R se fecha quando o conceito do termo se completa. As regras (R) obedecerão à ordem das cadeias derivadas, assim, cada termo ou conjunto de termos gerará as regras adequadas. Em conseqüência da ausência de um formativo marca-se a casa vazia com zero (Ø). Qualquer termo que comporte um zero (Ø), doravante, indica que naquele espaço existe um formativo in absentia.” (FAULSTICH, 2003: 16).

Vale destacar que a produção e a numeração das regras não são fixas, ou seja, cada derivação gerará a regra adequada para aquele termo em questão. Por exemplo, uma derivação que gerou uma regra R1, terá a regra R1 como a primeira regra derivada para aquele termo, mas, ao analisarmos outra derivação de um outro termo, uma nova regra R1 será gerada.

Ilustraremos o funcionamento do construto de Faulstich (2003: 16) apresentando, a título de exemplificação, a derivação de três tipos de regras²⁴.

A partir do termo **célula-tronco adulta da medula óssea**, a autora sustenta o seguinte procedimento derivacional:

UTC – (5) célula-tronco adulta da medula óssea [F, T]

Quadro 4: Exemplo de derivação de regras

Fonte: Adaptado de Faulstich (2003: 16)

REGRA1 - TERMO 1. célula	[AF] R1
REGRA 6 – TERMO 2. célula-tronco adulta da medulaØ	[AaBCØF] R6
REGRA 9 – TERMO 3. célula-tronco adulta da medula óssea	[AaBCDF] R9

Segundo Faulstich (2003: 16), no termo **célula-tronco da medula óssea**, temos a UTC já extraída, indicada em (4). Ao lado, [F, T], demonstra que, dentro da regra, tal formativo tem uma definição recoberta por ela. Ou seja, essa UTC é, então, analisada através da regra $C = \langle T (F), LT, R \rangle$, anteriormente explicitada.

Para ilustrar a Regra 1, a autora apresenta-nos o termo 'célula', marcado com o formativo A, fechado em [AF]. Isto significa que tal termo tem a extensão de um formativo. O elemento R1 determina que a regra 1 se estabeleceu.

Para ilustrar a Regra 6, Faulstich apresenta o termo complexo **célula-tronco adulta da medula** que foi marcado com os formativos A (célula), a (tronco), B (adulta), C (da medula), Ø (um formativo zero).

Segundo a autora (2003: 5), existe uma relação base+argumento entre A e a, isto é, entre 'célula' e 'tronco'. Essa relação é indicada através do uso de dois tipos de variáveis: maiúscula, para indicar formativos com categoria de base e seus predicados e, minúscula, para indicar argumentos com identificação total com a base.

²⁴ O termo apresentado foi retirado de FAULSTICH (2003: 16).

Cumpra explicar que a cada necessidade semântica para a especificação de um item e, conseqüentemente, a reoperação de seu conceito, ocorrerá a predicação que será constituída de seus argumentos. Assim, a cada reoperação de conceito de um formativo ou de um conjunto sintagmático, através de inserção de argumentos, uma nova regra será derivada.

Em linhas gerais, o constructo da gramática postulado por Faulstich (2003) funciona da seguinte forma: a partir de um termo, inicialmente simples, forma-se, por necessidade da própria linguagem de especialidade, uma predicação, onde os formativos se organizam numa seqüência de base+argumento num processo de predicação para reoperação de um conceito anterior da direita para a esquerda, até a exaustão semântica, isto é, até que o conceito do termo complexo esteja de acordo com as regras da gramática. Dessa forma, seguindo a fórmula apresentada anteriormente, uma terminologia de determinada linguagem de especialidade possui um formativo F que é representado por [F, T], ou seja, um formativo F de uma terminologia T. Dentro da representação [F, T], tem-se um fundo lexical terminológico LT que foi constituído para aquela linguagem. Através de uma regra R, o formativo F poderá ser do tipo A, ou a, ou B e assim sucessivamente até atingir a exaustão semântica. No constructo, isto é representado por $F \rightarrow A$ (leia-se formativo do tipo A). Quando a unidade terminológica atingir a exaustão semântica, o termo se fecha (F).

Faulstich (2003) substanciou a proposição do constructo de formativos para UTCs com um estudo de casos para demonstrar o funcionamento de terminologias, a variação em seu próprio âmbito e o processamento dos fenômenos gramaticais ocorrentes.

Na próxima seção faremos uma breve exposição deste estudo de casos, utilizando exemplos de UTCs da Medicina e da física.

2.2.3 Estudo de casos: derivação de regras e representação de conceitos

Para exemplificar a derivação de regras, Faulstich (2003: 19-26) analisa os seguintes casos:

1. Formativo zero (\emptyset) e tautologia
2. Formativo 'a' e significado apositivo

3. Formativos preposicionados
4. Formativos adjetivais
5. Formativos sob alçamento
6. Formativo [A] com base nominalizada
7. Formativos marcados por determinantes
8. Formativos valentes e formativos antecedidos por preposições diversas
9. Formativo com prefixo não-
10. Formativo com sufixo -mente

Passemos à apresentação individual de cada caso.

2.2.3.1 Formativo zero (\emptyset) e tautologia

A tautologia ocorre quando, numa mesma UTC, existem dois ou mais formativos com um mesmo conceito operando a base. Para ocorrer o apagamento da tautologia, usa-se uma representação de um formativo zero (\emptyset), que substituiria um dos formativos dentro da UTC. O formativo substituído por (\emptyset) seria aquele que não desestruturasse o conceito da UTC em relação com sua referência com o real, porque, de acordo com Faulstich (2003: 19), “é preciso estar atento ao fato de que um conceito funcional não pode perder a referência do real, tampouco sua utilidade discursiva, sob pena de produzir definições inoperantes e incorretas”. Então, assim como formativos tautológicos em uma UTC produziram uma definição inoperante e incorreta, o apagamento equivocado de um formativo também daria origem a uma UTC que não corresponderia ao conceito ao qual supostamente se referiria.

Para ilustrar esse caso, observe-se o exemplo abaixo:

(6) morte súbita cardíaca por cardiopatia²⁵	[F, T]	
1. morte súbita	[ABF]	R1
2. morte súbita \emptyset por cardiopatia	[AB \emptyset DF]	R2
3. morte súbita cardíaca \emptyset	[ABC \emptyset F]	R3
4. morte súbita cardíaca por cardiopatia	[ABCDF]	R4

²⁵ Termo do âmbito da Medicina.

Ao analisarmos esta UTC, a partir de seus formativos, identificaremos uma relação conceitual de mesmo referente entre ‘cardíaca’ e ‘cardiopatia’. ‘Cardíaca’ refere-se ao coração, enquanto ‘cardiopatia’ é relativo a uma doença do ou no coração. Desta forma, nota-se que ambos têm o mesmo referente: o coração. Por isso, justifica-se a substituição de ‘cardíaca’ ou de ‘cardiopatia’ por um formativo zero.

2.2.3.2 *Formativo ‘a’ e significado apositivo*

Este tipo de formativo é identificado formalmente pela letra ‘a’ de mesma categoria de ‘A’, pois ambos são substantivos. No entanto, neste caso, ‘a’ desempenha um papel apositivo de ‘A’.

De acordo com Faulstich (2003: 21), “a leitura do termo possibilita que, entre ‘A’ e ‘a’ se interponha **que é**”, para isso, é necessário que haja uma relação de identidade completa entre os dois formativos o que impossibilita a inserção de outro formativo entre os dois, sob pena de ocorrer a alteração de conceito e inadequação de definição.

Observe-se o exemplo a seguir:

Fonte: Adaptado de Faulstich (2003: 21)

(7) cópia carbono	[AaF]	R1
-------------------	-------	----

Em (7), temos o exemplo **cópia carbono**. Se inserirmos algum outro formativo entre ‘cópia’ e ‘carbono’, esse termo estará descaracterizado.

2.2.3.3 *Formativos preposicionados*

Observe-se o exemplo a seguir, em que a base não pertence a uma linguagem de especialidade:

(8) deficiência de glicocorticóide ²⁶	[F, T]
1. deficiência de glicocorticóide	[ABF] R1

Por não pertencer necessariamente a uma linguagem de especialidade específica, a base 'deficiência' precisa de argumentos que operem seu significado para que seja inserida em alguma linguagem especializada. No caso do termo exemplificado, o argumento inserido é um sintagma preposicionado, ou seja, é um sintagma formado por preposição mais substantivo 'de glicocorticóide'.

2.2.3.4 *Formativos adjetivais*

São formativos que operam o significado da base sob a forma de adjetivos.

(9) abscesso craniano epidural ²⁷	[F, T]	
1. abscesso	[AF]	R1
2. abscesso craniano	[ABF]	R2
3. abscesso craniano epidural	[ABCF]	R3

Em Medicina, existem vários tipos de abscessos, como subcutâneo e espinhal. Assim como 'subcutâneo' e 'espinhal' são adjetivos, 'craniano' e 'epidural' também são e identificam, caracterizam o tipo de abscesso com que se está lidando. Por isso, esses formativos são denominados adjetivais.

2.2.3.5 *Formativos sob alçamento*

Considere-se o exemplo abaixo:

(10) acidente vascular encefálico ²⁸	[F, T]
--	--------

²⁶ Termo do âmbito da Medicina.

²⁷ Idem.

(11) acidente encefálico vascular ²⁹	[F, T]	
1. acidente vascular	[ABF]	R1
2. acidente vascular encefálico	[ABCF]	R2
3. acidente encefálico vascular	[ABCF]	R1

Faulstich (2003: 23) apresenta esse caso de formativos sob alçamento através dos exemplos **lista eletrônica de endereços** e **lista de endereços eletrônicos**. Em **lista eletrônica de endereços**, temos uma lista, provavelmente num arquivo de computador que contém endereços que não são, necessariamente, eletrônicos. Em **lista de endereços eletrônicos**, temos uma lista de endereços eletrônicos que pode ser de qualquer formato: papel ou arquivo de computador. Então, identificamos mudança de significado entre essas duas UTCs, ocasionada pelo alçamento do adjetivo 'eletrônico'.

Observemos os exemplos em (10) e (11). Também se identifica alçamento do adjetivo 'encefálico' nestas duas UTCs. No entanto, não ocorre mudança de significado. Numa análise muito preliminar, ao tentarmos reconhecer UTCs que sofressem processos de alçamento na Medicina, vimos que as UTCs encontradas, apesar de terem um de seus formativos alçados, não sofriam mudança de significado. Uma explicação para esse fato poderia estar relacionada a própria área de especialidade em questão. A terminologia da Medicina, em hipótese, tomaria certos cuidados para, justamente, não haver a mudança de significado mesmo no processo de alçamento, uma vez que, se ela ocorresse, poderia causar certas confusões dos profissionais em relação ao tipo de tratamento ou de conduta a ser tomada em cada caso ou patologia denominada pelas UTCs com formativos sob alçamento³⁰.

2.2.3.6 *Formativo [A] com base nominalizada*

Neste caso, a base ou formativo [A] não tem condições de formar uma regra 1 porque não tem um conceito fechado, ou seja, sua extensão conceitual

²⁸ Termo do âmbito da Medicina.

²⁹ Idem.

³⁰ Como afirmamos, esta análise é muito superficial e necessita de aprofundamento para verificarmos se isso realmente ocorre, por isso, colocamos este caso em hipótese.

só ocorre com a UTC completa. Esta é a situação que ocorre com a UTC a seguir:

(12) denominação de bouquet de redução ³¹	[F, T]	
1. denominação de bouquet	[ABF]	R1
2. denominação de bouquet de redução	[ABCF]	R2

O conceito dessa UTC só estará fechado com a totalidade extensional completa; não há possibilidade, pois, de se identificar essa UTC, que se refere a um tipo de bouquet, sem sua extensão completa. Isto pode ser observado através do formativo deverbal 'denominação' que não tem um conceito fechado.

2.2.3.7 *Formativos marcados por determinantes*

Conforme Faulstich (2003: 24), "o artigo é, comumente, um atualizador, um determinante que atribui ao substantivo a que se refere um valor específico, concretizando e particularizando a existência do objeto". Assim, na formação de UTCs, o artigo funciona como um determinante que especifica o substantivo, dando-lhe um sentido mais especializado.

(13) cisto do baço ³²	[ABF]	R1
(14) biossíntese da catecolamina ³³	[ABF]	R1
(15) cotovelo do golfista ³⁴	[ABF]	R1

Esse caso de especificação ocorre com essas três UTCs através da contração da preposição de+artigo. No caso de (13) é o artigo 'o', em (14) 'a' e em (15) temos, novamente, o artigo 'o'. Em (15), por exemplo, **cotovelo do golfista** identifica um tipo de patologia que acomete a articulação entre o braço

³¹ Termo do âmbito da Análise Sensorial Enológica.

³² Termo do âmbito da Medicina.

³³ Idem.

³⁴ Idem.

e o antebraço que, não necessariamente, acontece apenas com golfistas, mas caracteriza-se por ser mais comum nesta atividade, o golfe.

2.2.3.8 *Formativos valentes e formativos antecedidos por preposições diversas*

As preposições são selecionadas pela valência dos formativos antecedentes e tais preposições introduzem o argumento conseqüente e estabelecem uma relação semântica entre o formativo anterior e o formativo posterior.

(16) anemia por cefalosporina ³⁵	[ABF] R1
(17) convulsão com lidocaína ³⁶	[ABF] R1
(18) corticosteróide para pneumonite por hidrocarboneto ³⁷	[ABCF]R1

Em (16), por exemplo, a preposição 'por' estabelece a relação semântica de motivo ou razão pela qual desenvolveu-se uma anemia, ou seja, a base 'anemia' selecionou a preposição 'por' para identificar o causador desta patologia, no caso, um medicamento.

2.2.3.9 *Formativo com prefixo não-*

O prefixo não- opera um significado negativo sobre o formativo conseqüente a ele. Sua função é de prefixo de negação em virtude de sua posição, ou seja, ligado a um dos formativos da UTC.

Observemos os exemplos a seguir:

(19) alopecia não-cicatricial ³⁸	[ABF] R1
(20) hirsutismo não-endócrino ³⁹	[ABF] R1

³⁵ Idem.

³⁶ Idem.

³⁷ Idem.

³⁸ Termo do âmbito da Medicina.

(21) anomalias cromossômicas não-germinativas ⁴⁰	[ABCF]R1
(22) endocardite trombótica não-bacteriana ⁴¹	[ABCF]R1

No caso de (22), o prefixo não- ligado ao formativo 'bacteriana' gera um significado negativo em que, a 'endocardite trombótica' não se caracteriza por ser causada por bactérias.

2.2.3.10 *Formativo com sufixo -mente*

O uso do modalizador –mente, segundo Faulstich (2003: 26) é “*uma estratégia de marcação semântica com papel específico*”, uma vez que, o formativo que recebe o modalizador antecede o formativo [B] e opera o conceito desse formativo identificando um significado de meio ou modo de operação do conceito. Como se pode notar no exemplo que segue:

(23) movimento uniformemente variado ⁴²	[ACBF]	R1
---	--------	----

Em **movimento uniformemente variado**, o formativo uniformemente opera o significado de 'variado' e não de 'movimento', sugerindo o sentido de que a variação do movimento ocorre de forma uniforme.

RESUMO

Este capítulo tratou de sistematizar os estudos sobre as UTCs, apresentar os principais pontos do empreendimento teórico de Faulstich para os estudos terminológicos e, por fim, apresentar a mais recente contribuição dessa autora para a construção de uma gramática da Terminologia: o constructo para a análise dos formativos numa perspectiva socioterminológica.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Idem.

⁴² Termo do âmbito da Física.

Assim, neste capítulo, definimos UTC como uma estrutura sintática complexa que possui elementos ligados semanticamente entre si para referir um só conceito.

A pesquisa de Faulstich sobre variantes mostrou-nos que o termo complexo sofre variação assim como o lexema e que esta variação terminológica merece ser estudada e categorizada. Além disso, a história dos estudos terminológicos com foco na variação desenvolvidos por Faulstich foi precursora e fundamentou a elaboração do constructo apresentado na subseção 2.2.3, uma vez que tal constructo foi proposto para explicar a variação em terminologia.

A partir do que apresentamos, no entanto, estamos assumindo que tal constructo parece possibilitar a descrição da formação de UTCs em sua gênese e não apenas da variação terminológica.

Esse constructo para análise dos formativos também apresenta-nos que uma UTC define-se como um termo constituído de dois ou mais formativos, sendo que o formativo seguinte opera o significado do formativo ou dos formativos anteriores, num contínuo semântico do +geral até o +específico.

Em termos resumitivos, estaremos, nos próximos capítulos, procurando analisar a exaustão semântica de uma UTC através do constructo adotado como referencial analítico desta pesquisa.

Este capítulo, ao apresentar os principais pontos do empreendimento teórico de Faulstich, também mostrou os primitivos terminológicos segundo Faulstich. Abaixo, eles estão sintetizados:

1) LÉXICO

“O conjunto de todas as unidades lexicais de uma língua.” (1988: 18)

2) UNIDADE LEXICAL

“Um signo. Entidade lexical com natureza bipartida. Unidade lexical inserida na língua comum é identificada como lexema. Unidade lexical inserida em uma linguagem de especialidade é identificada como termo”. (1994: 313-314)

3) LEXEMA

“Unidade do léxico. *Unidade virtual plena de significado, que se realizará, no uso, sob a forma de palavra simples, composta ou agrupada*”. (1988: 20)

4) TERMO

“Unidade da terminologia. *Unidade lexical típica de variado domínio de vocabulário científico e técnico*”. (1994: 313)

5) UNIDADE TERMINOLÓGICA COMPLEXA

“Termo composto por dois ou mais formativos sendo que o formativo seguinte opera o significado do(s) anterior(es), constituindo um contínuo de significação do +geral até o +específico”. (2003: 12-15) “Estruturas sintáticas complexas que possuem elementos de ligação semântica por se referirem a um só conceito”.

6) FORMATIVO

“Elemento lexical *que compõe uma UTC indissociável, tanto na forma quanto no conteúdo*”. (2003: 12)

O próximo capítulo será destinado à metodologia que norteará a análise dos dados reunidos da Análise Sensorial Enológica (doravante, ASE).

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo deste capítulo é apresentar os procedimentos metodológicos que seguiremos para a análise dos dados. Esses procedimentos serão mostrados em duas seções: a primeira tratará do trabalho terminológico, isto é, da constituição e do tratamento do *corpus* e, a segunda apresentará os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, enfatizando as categorias analíticas utilizadas para a descrição dos formativos das UTCs na ASE, segundo o constructo de Faulstich (2003).

Passemos, pois, à primeira seção.

3.1 Coleta e tratamento dos dados

Antes de iniciarmos a explicitação dos procedimentos metodológicos para coleta e tratamento dos dados, esclareceremos que tipo de trabalho terminológico será desenvolvido neste estudo e com que linha de pesquisa ele se identifica.

3.1.1 A pesquisa terminológica

Na pesquisa cuja metodologia apresentaremos a seguir, privilegiaremos o trabalho terminológico desenvolvido pela Direção de Terminologia e Normalização, Departamento de Tradução do Governo Canadense, através do banco de dados TERMIUM®, criado por serviços de Terminologia e tradução para armazenar terminologias de várias áreas do conhecimento.

No banco de dados TERMIUM®, as etapas do trabalho terminológico, que seguiremos neste estudo, são as seguintes:

- ① Identificar e avaliar as fontes documentais especializadas;
- ② Delimitar o campo temático da análise terminológica mediante um sistema de classificação;
- ③ Recolher os termos de fontes unilíngües e marcar as provas textuais pertinentes;
- ④ Registrar em fichas terminológicas os termos recolhidos;
- ⑤ Revisar as fichas para assegurar a conformidade das regras de pesquisa, de redação, de citação e de difusão;
- ⑥ Registrar as fichas em uma base de dados e verificar a conformidade por meio de uma releitura;
- ⑦ Gerenciar o conteúdo terminológico em função da evolução do saber especializado, do uso lingüístico e das necessidades dos usuários;
- ⑧ Extrair os dados segundo os tipos de produtos solicitados pelos clientes.

Assim, neste estudo, a pesquisa terminológica levará em conta essas etapas de trabalho. Para deixá-las mais explícitas, na próxima seção, apresentaremos os procedimentos metodológicos para coleta, organização e tratamento dos dados.

3.1.2 A constituição do corpus

Neste estudo, analisaremos os formativos de UTCs em um *corpus* que foi constituído em três momentos diferentes:

1º → Em 1999, Lara, ao demonstrar a capacidade descritiva da Semântica Lexical de Dubois (1999) para o léxico da ASE, propôs uma especificação semântica do léxico daquela subárea e extraiu computacionalmente 121 UTCs⁴³;

2º → Em 2001, Duarte, ao realizar um estudo lexical das UTCs no âmbito da ASE, investigou o comportamento dessas unidades através dos resultados obtidos por Café (1999) na análise da Gramática Funcional de Dik (1977) para UTCs da área da Biotecnologia do Vegetais e ampliou o *corpus* com mais 177 UTCs⁴⁴;

3º → Neste estudo, estamos contribuindo com mais 170 UTCs⁴⁵ para a organização de um banco de dados iniciado por Lara (1999) e ampliado por Duarte (2001), o qual constituiu um dos subprojetos do Projeto INTERCON⁴⁶.

Então, o *corpus* total desta análise foi constituído de 467 UTCs coletadas computacionalmente das fontes documentais relacionadas a seguir:

- 1) AMARANTE, J. O. A. (1983) *Vinhos do Brasil e do mundo para conhecer e beber*. São Paulo: Summus Editorial.
- 2) RATTI, R (1984). *Como degustar os vinhos*. In: _____. Manual do degustador. Bento Gonçalves: Edições AEB Latino Americana.
- 3) SCHROEDER, O. B. (1985) *Iniciação ao vinho*. Ed. Da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁴³ Essas UTCs estão expostas no Anexo II desta dissertação.

⁴⁴ Essas UTCs estão expostas no Anexo III desta dissertação.

⁴⁵ Essas UTCs estão expostas no Anexo IV desta dissertação.

⁴⁶ O Projeto INTERCON, "A Interface Sintaxe-Semântica e os Sistemas de Representação do Conhecimento", foi um projeto desenvolvido no Instituto de Letras da UFRGS, no período de 1999 a 2003, sob a coordenação da Profª Drª Sabrina Pereira de Abreu. Esse projeto teve como objetivo analisar as unidades lexicais da língua comum e as das linguagens de especialidade, contrastivamente. Os léxicos preparados para tais análises geraram inúmeras fichas terminográficas e lexicográficas. O projeto foi encerrado em 2003 e, os dados resultantes estão sendo inseridos num Banco de Dados da Língua Geral, também sob a coordenação da Profª Sabrina Pereira de Abreu.

- 4) CATALUÑA, E. (1988) *As uvas e os vinhos*. Publicações Globo Rural. Rio de Janeiro: Ed. Globo.
- 5) LONA, A. A. (1996) *Vinhos – degustação, elaboração e serviço*. Porto Alegre: AGE Editora.

O *corpus* foi extraído através de um sistema de tratamento automático. As fontes documentais foram escaneadas, passaram por necessárias correções para depois receber o tratamento computacional. Para esse tratamento computacional, foram utilizados dois⁴⁷ programas computacionais que fazem parte do ambiente virtual ZStation⁴⁸. Esses dois programas são denominados ZText e ZTermino.

O programa computacional ZText é um *software* que usa a tecnologia ZStation para efetuar uma análise ampla de um *corpus*, prática de terminólogos e lingüistas. Ele instrumentaliza esses cientistas possibilitando a indexação de documentos para operar de forma interativa, extrair formas simples, complexas e associadas e constituir arquivos de ocorrências e concordância, bem como identificar contextos de ocorrência dos dados extraídos⁴⁹.

O ZText foi utilizado na fase inicial de organização do léxico da Análise Sensorial Enológica. Para isso, aplicaram-se filtros às fontes documentais escaneadas e corrigidas a fim de se obterem apenas os termos que fazem parte do léxico propriamente dito.

Os filtros correspondem aos itens lexicais que jamais poderão constituir termo. Dessa forma, os itens puramente gramaticais, como artigos, pronomes demonstrativos, pronomes relativos, conjunções, pontuação, constituíram o primeiro filtro aplicado ao *corpus* em questão. Esses itens puramente gramaticais não podem constituir um termo por não possuírem conceito que possa operar uma base. No entanto, um artigo (determinante)

⁴⁷ Na verdade, o ambiente ZStation é constituído por três programas – ZText, ZTermino e ZLoc –, no entanto, o ZLoc que se caracteriza pela extração de locuções não foi utilizado por Lara (1999) na referida pesquisa terminográfica.

⁴⁸ O ZStation foi desenvolvido por Henri Zinglé, da Université de Nice – Sophia Antipolis (France). O ZStation é um ambiente de engenharia lingüística desenvolvido através dos métodos de inteligência artificial, com o objetivo de informatizar conhecimentos lingüísticos para aplicações voltadas para o tratamento automático das línguas.

⁴⁹ Cumpre-nos salientar que os processos de automação são muito importantes para a pesquisa terminológica, tendo em vista que eles reduzem o tempo de execução das tarefas terminográficas, como a coleta e a organização de dados.

pode estar em contração com uma preposição em um termo e, neste caso, será parte constituinte de uma UTC, como no caso de:

(24) variedade da uva

em que o artigo 'a' está contraído com a preposição 'de' e faz parte da UTC.

Abaixo apresentamos o primeiro filtro aplicado para obtenção do *corpus*:

**o a os as um uma uns umas este esta isto estes estas esse essa
 isso esses essas aquele aquela aquilo aqueles aquelas deste desta disto
 destes destas desse dessa disso desses dessas daquele daquela daquilo
 daqueles daquelas neste nesta nisto nestes nestas nesse dessa nisso
 nesses nessas naquele naquela naquilo naqueles naquelas àquele àquela
 àquilo àqueles àquelas que quem qual quais cujo cuja cujos cujas onde
 donde aonde quê porque porquê quanto quanta quantos quantas quando
 como algum alguma alguém alguns algumas nenhum nenhuma ninguém
 algo nada tudo outrem outro outra outros a outras todo toda todos todas
 cada qualquer de com por em a para do da dos das pelo pela pelos pelas
 no na nos nas ao às aos à abaixo debaixo embaixo baixo acima cima ante
 perante antes após redor até atrás detrás acerca conforma contra depois
 desde diante defronte dentro durante entre exceto afora junto sem sob
 sobre e nem também mas porém contudo entretanto todavia ou logo pois
 ainda portanto aqui ali cá lá ontem hoje amanhã bem mal talvez tão
 bastante quão assim ora outrossim tal tais tampouco.**

Quadro 5: Filtros aplicados por Lara (1999) para extração de UTCs da ASE

Posteriormente, as listagens preliminares passaram pela aplicação de novos filtros. Esses filtros foram constituídos por numerais, advérbios e pronomes interrogativos, com o objetivo de restringir ao máximo a ocorrência de itens que não pudessem constituir termos. A listagem final sofreu o crivo técnico, ou seja, os "candidatos a termo" foram analisados por um especialista

da ASE⁵⁰ que confirmou os dados. Então, após a aplicação dos filtros citados e do crivo do especialista, a listagem final foi constituída por UTCs que têm como estatuto gramatical, principalmente o nome.

O programa computacional ZTermino é um *software* para trabalho terminológico baseado também nos mecanismos informatizados do ZStation. O ZTermino representa uma relação entre abordagens tradicionais de tratamento e representação de dados com novas tecnologias de bancos de dados para cálculo e representação do conhecimento. Além disso, o ZTermino revela-se útil para a recuperação e tradução de documentos, uma vez que relaciona termos e conceitos.

Nos três momentos em que os dados foram coletados – 1999, 2001 e 2004 – as fontes documentais utilizadas para coleta foram as mesmas. No entanto, para a nossa contribuição para o banco de dados do INTERCON, também lançamos mão da pesquisa via Internet, nos *sites* abaixo relacionados:

- 1) <http://www.stratsplace.com/7ich/glossary.html/>
- 2) <http://www.academiadovinho.com.br/bibliotec/glossario.html/>
- 3) <http://www.e-mercatura.net/html/glossario.asp?/html/>
- 4) <http://www.bvbv.hpg.ig.com.br/acervo/une/une14.html/>
- 5) [http://www.dequim.ist.utl//bbio/66/pdf/Remoção zimologica daacidez.pdf](http://www.dequim.ist.utl//bbio/66/pdf/Remoção_zimologica_daacidez.pdf)
- 6) <http://www.winexperts.com.br>

Estes *sites* sofreram os mesmos processos para coleta e tratamento de dados que as fontes documentais impressas.

Do total de 467 UTCs identificadas nas fontes documentais, 314 foram confirmadas como UTCs da ASE. Essas 314 UTCs constituem o *corpus* para a análise do constructo de Faulstich (2003)⁵¹.

Além da análise e aplicação do constructo de Faulstich (2003), para cada UTC foi elaborada uma ficha terminológica, contendo a estrutura que segue:

⁵⁰ A consultoria técnica é de responsabilidade do Prof. M. Sc. Vicente Manfroi, do Instituto de Engenharia de Alimentos da UFRGS.

⁵¹ A lista com essas UTCs está exposta no Anexo VII desta dissertação.

Quadro 6: Estrutura de uma ficha terminológica.

Fonte: Manual de Terminologia. TERMIUM® - Direção de terminologia e normalização – Departamento de tradução do governo canadense.

Campo 1: área temática, subárea temática

Campo 2: indicador de língua

Campo 3: entrada principal + fonte + parâmetros de uso

A entrada principal é o termo, expressão, nome ou título oficial preferido e que aparece como a primeira opção do grupo de entradas de um módulo lingüístico.

Campo 4: abreviatura da entrada principal + fonte + parâmetros de uso

A abreviatura é a representação reduzida da unidade terminológica, nome ou título com somente uma ou várias de suas letras.

Campo 5: entrada secundária + fonte + parâmetros de uso

A entrada secundária é um termo, expressão, nome ou título oficial diferente da entrada principal, que designa, porém, o mesmo conceito. Podem existir diferenças em sua utilização (frequência, nível de língua, etc) que se indicam na ficha por meio de parâmetros (marcas de uso). Podem também apresentar-se variantes ortográficas e sintáticas.

Campo 6: abreviatura de entrada secundária + fonte + parâmetros de uso

Campo 7: indicador de prova textual + prova textual + fonte

Os principais tipos de prova textual e seus indicadores são os seguintes: a definição (DEF), o contexto explicativo (CONT), o exemplo de uso (EX), a observação (OBS), que pode ser de caráter terminológico, administrativo ou técnico.

Campo 8: fontes

Campo 9: autor

Campo 10: data de criação

A título de ilustração, apresentamos um exemplo de uma ficha terminológica do termo **acidez fixa**, de acordo com a estrutura mostrada no Quadro 6:

Quadro 7: Exemplo de ficha terminológica.

<p>ENOLOGIA Análise Sensorial Enológica</p> <p>POR</p> <p>ACIDEZ FIXA n.f.</p> <p><i>DEF Compreende os ácidos encontrados na uva juntamente com aqueles produzidos durante a fermentação.</i></p> <p>CONT Por sua vez, o ácido málico contribui para o parâmetro da acidez fixa, tanto na perspectiva bacteriológica como também em termos de efeitos na qualidade organoléptica dos vinhos.</p> <p>M-42*1984**2</p> <p>S-http://dequim.ist.utl/*6</p> <p>Elizandra de Siqueira</p> <p>27/11/2003</p>

Essa ficha terminológica foi elaborada tendo como base a padronização do Banco de Dados TERMIUM® organizado e gerenciado pela Direção de Terminologia e Normalização, Departamento de Tradução do Governo Canadense.

É necessário observar que a ASE é um subdomínio da Enologia. Por isso, nas fichas terminológicas, a área Enologia será escrita em caixa alta (ENOLOGIA) e a sua subárea ASE em caixa baixa (Análise Sensorial Enológica).

É necessário destacar também que, no campo 8, identificador da fonte documental utilizada na pesquisa do termo, uma codificação especial será apresentada seguindo a seguinte padronização:

1º) Serão usados dois tipos de fontes documentais:

- a) manuais de degustação;
- b) *sites* da Internet relacionados com a área.

2º) Essas fontes documentais estão codificadas da seguinte forma:

a) os manuais receberão a letra **M** no campo de identificação da fonte, seguida da página da obra, de seu ano de publicação e do número que indica a referência bibliográfica completa, que indica a fonte documental específica. Esse número será colocado como segue:

1) AMARANTE, J. O. A. (1983) *Vinhos do Brasil e do mundo para conhecer e beber*. São Paulo: Summus Editorial.

2) RATTI, R (1984). *Como degustar os vinhos*. In: _____. Manual do degustador. Bento Gonçalves: Edições AEB Latino Americana.

3) SCHROEDER, O. B. (1985) *Iniciação ao vinho*. Ed. Da Universidade Federal de Santa Catarina.

4) CATALUÑA, E. (1988) *As uvas e os vinhos*. Publicações Globo Rural. Rio de Janeiro: Ed. Globo.

5) LONA, A. A. (1996) *Vinhos – degustação, elaboração e serviço*. Porto Alegre: AGE Editora.

b) os sites da Internet estarão identificados a letra **S** no campo de indicação da fonte, seguida do endereço eletrônico da sua página inicial e do número de indicação do endereço completo do site, como segue:

1) <http://www.stratsplace.com/7ich/glossary.html/>

2) <http://www.academiadovinho.com.br/bibliotec/glossario.html/>

3) <http://www.e-mercatura.net/html/glossario.asp?/html/>

4) <http://www.bvbov.hpg.ig.com.br/acervo/une/une14.html/>

5) [http://www.dequim.ist.utl//bbio/66/pdf/Remoção zimologica daacid ez.pdf](http://www.dequim.ist.utl//bbio/66/pdf/Remoção_zimologica_daacid_ez.pdf)

6) <http://www.winexperts.com.br>

3º) Os asteriscos, colocados após cada codificação, significam a progressão da informação. Assim:

a) **M-40*1984**1** significa que a fonte documental é um Manual, a informação foi extraída da página 40, a data de edição da obra é 1984 e é a primeira obra identificada na codificação, ou seja, Ratti (1984);

b) **S-http://www.stratsplace.com*1** significa que a fonte documental é um Site da Internet e que o endereço completo é aquele relacionado na codificação dos sites identificado pelo número 1.

Cumpra registrar que a elaboração de fichas terminológicas não constitui objetivo principal desta pesquisa. No entanto, a ficha terminológica é o fim de um trabalho terminológico, e para que os termos sejam tratados, é necessário apresentar as definições e os contextos de ocorrência. Nessa perspectiva, a ficha é uma consequência natural de um trabalho nessa área⁵².

Vale lembrar que, como exposto na seção 3.1.1, uma ficha terminológica deve sofrer revisão, avaliação e atualização constantes. Por isso, as fichas elaboradas neste estudo não são consideradas conclusivas e continuarão passando por avaliações constantes, mesmos após a conclusão deste estudo.

Cumpra-nos destacar que as fichas terminológicas confeccionadas são o diferencial desta pesquisa em relação aos trabalhos desenvolvidos por Lara (1999) e Duarte (2001) e constituem a contribuição deste estudo para o banco de dados da ASE que está sendo encetado no projeto de proposição de um Banco de Dados para a Língua Geral mencionado anteriormente.

Como afirmamos na seção 3.1.1, os procedimentos metodológicos seguiram as etapas de trabalho terminológico desenvolvido pelo TERMIUM®. A seguir, sintetizamos essas etapas, agora com a devida contextualização para a presente pesquisa:

1º) Identificação e avaliação as fontes documentais especializadas.

- 1) AMARANTE, J. O. A. (1983) *Vinhos do Brasil e do mundo para conhecer e beber*. São Paulo: Summus Editorial.
- 2) RATTI, R (1984). *Como degustar os vinhos*. In: _____. Manual do degustador. Bento Gonçalves: Edições AEB Latino Americana.
- 3) SCHROEDER, O. B. (1985) *Iniciação ao vinho*. Ed. Da Universidade Federal de Santa Catarina.
- 4) CATALUÑA, E. (1988) *As uvas e os vinhos*. Publicações Globo Rural. Rio de Janeiro: Ed. Globo.

⁵² As fichas serão apresentadas, em ordem alfabética, no tomo II, no anexo VIII desta pesquisa. Posteriormente, essas fichas serão inseridas em um banco de dados que será organizado para consulta *on-line*.

- 5) LONA, A. A. (1996) *Vinhos – degustação, elaboração e serviço*. Porto Alegre: AGE Editora.

2º) Delimitação do campo temático da análise terminológica mediante um sistema de classificação.

Analisaremos, neste estudo, a área da Enologia (ENOLOGIA) subárea ASE (Análise Sensorial Enológica).

3º) Recolha dos termos de fontes unilíngües e apresentação das provas textuais pertinentes.

Os termos recolhidos e confirmados encontram-se listados no Anexo V deste estudo.

4º) Registrar em fichas terminológicas os termos recolhidos.

As fichas terminológicas encontram-se no Anexo VIII deste estudo.

5º) Revisão das fichas com vistas a assegurar a conformidade das regras de pesquisa, de redação, de citação e de difusão.

As fichas elaboradas neste estudo não estão totalmente concluídas e, como dissemos, deverão passar por avaliações freqüentes na organização dos dados no Banco de Dados da Língua Geral.

6º) Registro das fichas em uma base de dados e verificação da conformidade por meio de uma releitura.

As fichas terminológicas, elaboradas para tratamento do *corpus* da presente pesquisa, serão incluídas em uma base de dados para consulta *on-line*.

7º) Gerenciamento do conteúdo terminológico em função da evolução do saber especializado, do uso lingüístico e das necessidades dos usuários.

A base de dados que armazenará as fichas terminológicas possibilitará a correção, substituição, inserção e exclusão de termos, enfim, tal base de dados possibilitará a gestão do seu conteúdo através de programas informatizados pertinentes.

8º) *Extração dos dados segundo os tipos de produtos solicitados pelos clientes.*

Os termos da ASE ficarão inseridos na base de dados à disposição de enólogos, degustadores e demais interessados nessa subárea.

Em síntese, os procedimentos metodológicos do trabalho terminológico podem ser assim enumerados:

- escolha de fonte documental, através de indicação de especialista da área, no caso, ASE;
- escaneamento da fonte;
- elaboração de filtros para a busca;
- aplicação de programas de gerenciamento de dados;
- edição de listagens de termos;
- confirmação da consultoria técnica;
- edição da listagem final;
- organização/elaboração de fichas terminológicas;
- organização/elaboração de glossário técnico da área.

Na próxima seção, serão apresentados os procedimentos metodológicos para a análise das UTCs seguindo os pressupostos de Faulstich (2003).

3.2 Critérios para análise das UTCs do léxico da Análise Sensorial Enológica

Após a extração dos dados e sua confirmação pela metodologia do trabalho terminológico, descrita na seção anterior, os dados serão analisados segundo o constructo de Faulstich (2003). Nesse sentido, para a análise das UTCs, primeiramente, assumiremos os casos apresentados por Faulstich (2003).

Como vimos no Capítulo 2, Faulstich apresenta as seguintes possibilidades para a realização de formativos, que serão utilizadas para a análise das 314 UTCs do léxico da Análise Sensorial Enológica:

1. Formativo zero (\emptyset) e tautologia
2. Formativo 'a' e significado apositivo
3. Formativos preposicionados
4. Formativos adjetivais
5. Formativos sob alçamento
6. Formativo [A] com base nominalizada
7. Formativos formados por determinantes
8. Formativos valentes e formativos antecedidos por preposições diversas
9. Formativo com prefixo não-
10. Formativo com sufixo -mente

A título de exemplificação da análise que se pretende realizar, apresentamos a descrição da UTC **papilas gustativas linguais**:

(25) papilas gustativas linguais	[F, T]	
1. papilas	[AF]	R1
2. papilas gustativas \emptyset	[AB \emptyset F]	R2
3. papilas gustativas linguais	[ABCF]	R3

A interpretação da derivação da cadeia de regras seria:

A partir de uma base formativa, obtemos a regra 1; no segundo momento da derivação, a busca da exaustão semântica se inicia e já apresenta a posição vazia, como expressa a regra 2; por fim, na aplicação da regra 3, temos o preenchimento da terceira casa como o termo completo⁵³.

Todas as 314 UTCs serão submetidas a uma classificação prévia e, conseqüentemente, a derivação da cadeia de regras que exemplifica cada UTC, como será demonstrado no anexo I deste trabalho.

⁵³ No Capítulo 4, esta UTC será inteiramente interpretada.

As considerações sobre a adequação descritiva do constructo de Faulstich (2003) ao *corpus* analisado serão feitas através do reconhecimento de alguns fatores, como enquadramento das UTCs nos casos identificados, a partir da classificação das UTCs em cada caso e das análises qualitativa e quantitativa da aplicação do próprio constructo para a compreensão dos formativos lexicais de uma dada linguagem de especialidade.

A análise qualitativa será demonstrada apenas de forma ilustrativa, isto é, através da apresentação de alguns termos exemplificativos de cada um dos dez casos⁵⁴.

A análise quantitativa, por sua vez, tratará das 314 UTCs do *corpus*, tendo em vista que esse tipo de análise servirá de base para a avaliação da capacidade descritiva do constructo de Faulstich (2003) no universo da ASE.

Na análise quantitativa serão considerados os seguintes fatores:

- número de ocorrências para cada caso;
- UTCs com maior extensão, ou seja, com número de formativos;
- regra mais produtiva;
- regra menos produtiva;
- caso com maior número de ocorrências;
- caso com menor número de ocorrências ou sem ocorrências.

RESUMO

Neste capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para a coleta e organização dos dados, assim como a metodologia utilizada para a análise do *corpus*.

O próximo capítulo é destinado à análise e discussão sobre as UTCs extraídas do léxico da ASE na perspectiva teórica adotada nesta pesquisa.

⁵⁴ Cabe lembrar que essa análise será realizada com todas as 314 UTCs, e a aplicação do constructo as 314 UTCs da ASE encontram-se no Anexo I desta dissertação.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Como já dissemos, o objetivo principal da presente dissertação é estudar os formativos de UTCs no âmbito da ASE. Então, tendo situado este trabalho no âmbito dos estudos terminológicos no Capítulo 1, apresentado o constructo proposto por Fauslich, no Capítulo 2 e feita a recolha dos dados conforme o procedimento apresentado no Capítulo 3, chegamos ao conjunto de UTCs que será analisado neste capítulo. Essas UTCs, como dissemos, constituem-se de 314 ocorrências, seguindo os critérios de classificação e exclusão dos candidatos a termo, determinados no Capítulo 3.

A análise que segue está estruturada da seguinte maneira:

- a) Serão tratadas as 314 UTCs recolhidas conforme procedimento metodológico apresentado no Capítulo 3;
- b) esse tratamento seguirá a proposta de Faulstich (2003), conforme apresentado no Capítulo 2; e
- c) os casos de UTCs não contemplados no constructo de Faulstich serão discutidos no final da análise com o objetivo de contribuir com o empreendimento analítico proposto por essa autora.

Como vimos no capítulo 2, em síntese, o constructo da gramática postulado por Faulstich (2003) funciona da seguinte forma: a partir de um termo, inicialmente simples, forma-se, por necessidade da própria linguagem de especialidade, uma predicação, na qual os formativos se organizam numa seqüência de base+argumento num processo de predicação para reoperação de um conceito anterior da direita para a esquerda, até a exaustão semântica, isto é, até que o conceito do termo complexo esteja de acordo com as regras da gramática que indicam que uma base pode receber argumentos, para que ocorra a formação de uma UTC. Dessa forma, seguindo a fórmula $C = \langle T(F), LT, R \rangle$, a terminologia de uma determinada linguagem de especialidade possui um formativo F que é representado por [F, T], ou seja, um formativo F de uma terminologia T. Dentro dessa representação, tem-se um fundo lexical terminológico LT que foi constituído para aquela linguagem. Através de uma regra R, o formativo F poderá ser do tipo A, ou a, ou B, e assim sucessivamente até atingir a exaustão semântica. Quando a unidade terminológica atingir a exaustão semântica, o termo se fecha. Este último mecanismo é representado por (F). Apenas a título de ilustração demonstramos a derivação final de uma UTC da ASE, destacando (F) na representação da regra:

(26) áreas de sensibilidade gustativa

[ABCF]

R3

Aqui se observa a exaustão semântica da seguinte maneira: na ASE, os termos estão geralmente relacionados com as sensações que os vinhos suscitam nos seres humanos e essas sensações estão ligadas estreitamente aos sentidos e, obviamente, aos órgãos do sentido, ou seja, essas sensações relacionam-se com os órgãos humanos responsáveis pelo tato, olfato, paladar e visão, que são os sentidos instigados pelo sabor, pelo aroma e pela textura do vinho. Então, quando existe a ocorrência de um termo como 'áreas de sensibilidade' é necessário que se determine que tipo de sensibilidade é essa. No caso de (26), as áreas de sensibilidade referem-se às regiões que "sentem" o gosto, localizadas especificamente na língua, por isso a exaustão semântica foi atingida na regra 3, em que o terceiro formativo foi inserido especificando que tipo de áreas de sensibilidade o termo se refere. Neste momento é preciso

pontuar que Faulstich (2003) substanciou a proposição desse constructo através de apresentação de casos que contemplam o funcionamento de terminologias, a variação em seu próprio âmbito e o processamento de fenômenos gramaticais como a adjetivação e a nominalização. Esses casos serão o ponto de partida para a observação das UTCs no âmbito da ASE.

Retomado, em linhas gerais, o referencial analítico que será suporte para a análise das UTCs da ASE, passemos à análise propriamente dita.

4.1 Análise dos casos de variação nos dados da ASE

Observemos o postulado ‘c’ proposto por Faulstich e que é a base para o constructo que ora analisamos:

“c) (...) a terminologia, por ser um fato de língua, acomoda elementos variáveis e organiza uma gramática...” (Faulstich, 2003: 12)

Assim, as variantes terminológicas podem organizar uma gramática que explique a heterogeneidade ordenada estabelecida no próprio processo de variação. Como já dissemos no Capítulo 2, não serão aqui examinadas as variantes competitivas, pois a escolha recaiu nas variantes coocorrentes e, em especial, nas concorrentes, considerando que nessas variantes encontramos todos os aspectos da heterogeneidade ordenada que emana do universo dos termos (variação fonológica, variação morfológica, variação sintática, variação lexical e variação gráfica) que interessa considerar para a análise dos formativos, isto é, a variação sintática, por exemplo, estará evidenciada nas situações de apagamento, como veremos a seguir. Por outro lado, a variação morfológica poderá estar caracterizada na expressão das marcas de flexão da LE examinada.

As variantes coocorrentes, por sua vez, poderão se manifestar em vários passos da aplicação das regras de derivação, por exemplo, os termos ‘aroma de frutas’ e ‘aroma de frutos’ constituem, no *corpus* examinado, exemplo de variação coocorrente e concorrente, pois a variação morfológica assegura que se trata de uma variante concorrente; por outro lado, esses

termos estão em variação sinonímica, pois podem ser intercambiáveis em contextos lingüísticos idênticos.

Assim, o postulado “c”, o qual assegura que terminologias organizam uma gramática pode ser claramente percebido nas variantes que serão objeto de análise na presente dissertação. Obviamente, as variantes competitivas também acomodam uma gramática, mas a análise de tais situações de variação deverá ser objeto de futura investigação. Para os fins deste trabalho, consideramos suficiente para a descrição do funcionamento do constructo de Faulstich e de sua adequação descritiva analisar os termos em variação lingüística, portanto coocorrentes, os quais são evidenciados em todos os passos de aplicação das regras, e os termos concorrentes que se apresentaram em nosso *corpus*.

Assim, para separar joio de trigo, analisaremos, primeiramente, os casos de variação concorrente, isto é, variação de natureza lingüística, especificamente, morfológica, pois, quando uma ocorrência se realiza, outra não tem ambiente lingüístico para sua realização. Após, analisaremos os demais casos de variação coocorrentes, os quais não serão destacados, mas estarão evidenciados em diferentes momentos de atualização das regras de formação.

No *corpus* examinado, há dois casos de variação que serão aqui analisados separadamente. Esses casos apresentam, em sua maioria, variação de natureza lingüística, especificamente, morfológica, e por isso podem ser classificados, de acordo com Faulstich (1998), como concorrentes, ou seja, quando uma ocorrência se realiza, outra não tem ambiente lingüístico para sua realização.

Passamos, então, a apresentar estas variantes que estão em distribuição complementar:

As variantes concorrentes lingüísticas morfológicas são as seguintes:

(27) **aroma de frutas secas/aroma de frutos secos** (variação de gênero)

aroma de frutas secas	[F, T]	
aroma de frutas	[ABF]	R1
aroma de frutas secas	[ABCF]	R2
aroma de frutos	[ABF]	R3

aroma de frutos secos [ABCF] R4

(28) **característica olfativa/características olfativas** (variação de número)

característica olfativa	[F, T]	
característica	[AF]	R1
característica olfativa	[ABF]	R2
características olfativas	[ABF]	R3

(29) **sabor ácido/sabores ácidos** (variação de número)

sabor ácido	[F, T]	
sabor	[AF]	R1
sabor ácido	[ABF]	R2
sabores ácidos	[ABF]	R3

(30) **sensação olfativa/sensações olfativas** (variação de número)

sensação olfativa	[F, T]	
sensação	[AF]	R1
sensação olfativa	[ABF]	R2
sensações olfativas	[ABF]	R3

(31) **vinho licoroso/vinhos licorosos** (variação de número)

vinho licoroso	[F, T]	
vinho	[AF]	R1
vinho licoroso	[ABF]	R2
vinhos licorosos	[ABF]	R3

Como se vê, a maioria das ocorrências de variantes lingüísticas podem ser classificadas como morfológicas, como é o caso da variação de gênero da UTC () e de número das UTCs (), (), (), () e (). Assim, na análise da variação das UTCs do *corpus* da ASE, observamos dois casos: 10 UTCs relacionadas à variação concorrente e são classificadas como variantes lingüísticas morfológicas, isto é, quando uma ocorrência se realiza, outra não tem ambiente lingüístico para sua realização.

As próximas sub-seções tratarão da aplicação do constructo de Faulstich (2003) às demais UTCs do *corpus* da ASE, com ênfase, obviamente, na descrição da formação dos termos. Cumpre lembrar que a variação coocorrente é um fenômeno recorrente e será pontuado ao longo da análise.

4.1.1 Análise dos Casos

Para fins de organização dos dados, primeiramente, as 314 UTCs da ASE foram classificadas nos dez casos de formativos. Os resultados encontrados nesta classificação estão apresentados nas subseções subseqüentes, caso a caso.

4.1.1.1 UTCs com formativo Ø e tautologia

Como vimos no Capítulo 2, o caso de UTCs com formativo ZERO e tautologia ocorre quando, numa mesma UTC, existem dois ou mais formativos operando a base com um mesmo conceito. Para demonstrar o apagamento da tautologia, usa-se uma representação de um formativo zero (Ø), que substitui um dos formativos dentro da UTC. O formativo substituído por (Ø) é aquele que não desestrutura o conceito da UTC em relação com sua referência com o real, porque, de acordo com Faulstich (2003: 19), “(...) *um conceito funcional não pode perder a referência do real, tampouco sua utilidade discursiva, sob pena de produzir definições inoperantes e incorretas*”. Então, assim como formativos tautológicos em uma UTC poderiam produzir uma definição inoperante e incorreta, o apagamento equivocado de um formativo também poderia dar origem a uma UTC que não corresponde ao conceito ao qual supostamente se refere.

As UTCs abaixo exemplificam o caso de UTCs com formativo tautológico:

1. papilas gustativas da superfície lingual
2. papilas gustativas linguais

Das 314 UTCs analisadas, duas UTCs foram reconhecidas como contendo formativos tautológicos, totalizando 0,65% do *corpus* examinado.

Essas UTCs derivaram até a regra 4, isto é, a derivação realizou-se até a regra [ABCDF]. Esta situação pode ser devida à necessidade de uma representação a mais na derivação para a ocorrência do formativo zero (\emptyset).

Um exemplo de UTCs com formativo \emptyset e tautologia encontrada no *corpus* analisado é o seguinte:

(32) papilas gustativas linguais	[F, T]	
papilas	[AF]	R1
papilas gustativas	[ABF]	R2
papilas gustativas \emptyset	[AB \emptyset F]	R3
papilas gustativas linguais	[ABCF]	R4

s.f. Pequenas saliências na superfície da língua na qual estão situadas as células receptoras do paladar.

Ao observarmos essa UTC, podemos identificar a realização de formativos \emptyset , isto é, um formativo que poderia estar ocupando uma casa argumental, mas que, por razões discursivas, está *in absentia*. No entanto, ele pode ser recuperado durante a leitura. Na UTC **papilas gustativas linguais**, o formativo 'linguais' pode estar ausente no discurso em duas situações. Na primeira, esta UTC já pode ter sido usada anteriormente e, num segundo momento, ao ser repetida, o usuário omite esse formativo, o qual durante a leitura, poderia ser inferido através do contexto. Na segunda situação, podemos inferir que as 'papilas gustativas' estão localizadas na região da língua e, por isso, seria redundante usar o formativo 'linguais', por isso, caberia o uso do formativo \emptyset .

Neste primeiro caso analisado, observa-se que as UTCs () e () são coocorrentes, uma vez que podem ser usadas intercambiavelmente no contexto especializado.

4.1.1.2 UTCs com formativo 'a' com significado apositivo

Para Faulstich, esse tipo de formativo é identificado formalmente pela letra 'a' de mesma categoria de 'A', pois ambos são substantivos. No entanto, neste caso, 'a' desempenha um papel apositivo de 'A'. Por exemplo, no caso exposto na seção 2.5.2, no Capítulo 2, no termo **cópia carbono**. Se inserimos algum outro formativo entre 'cópia' e 'carbono', esse termo estará descaracterizado, ou seja, 'carbono' desempenha função de aposto de 'cópia'.

Assim, de acordo com Faulstich (2003: 21), "*a leitura do termo possibilita que, entre 'A' e 'a' se interponha que é*", para isso, é necessário que haja uma relação de identidade completa entre os dois formativos o que impossibilita a inserção de outro formativo entre os dois, sob pena de ocorrer alteração de conceito e inadequação de definição.

Nenhuma ocorrência foi encontrada neste caso. Este fato pode estar relacionado com a propriedade individualizante característica deste tipo de UTC: necessidade de vincular uma identidade total entre os formativos da UTC; este caso parece ser pouco freqüente nas linguagens de especialidade. A nossa hipótese para isso é que, na linguagem analisada, não existiriam UTCs com formativo 'a' com significado apositivo, justamente em consequência dessa característica individualizante. A identidade total entre os formativos da UTC não teria ambiente favorável para sua realização devido ao produtivo processo de formação de UTCs com formativo adjetival (que será exposto posteriormente). Ou seja, a formação de UTCs com formativo adjetival ficaria favorecida na ASE, devido às próprias características dessa linguagem, quais sejam, identificar e qualificar sensações, nesse contexto conceitual a relação de identidade completa definida por Faulstich como critério para identificação deste tipo de ocorrência não se concretizaria.

4.1.1.3 UTCs com formativos preposicionados

Alguns termos nas linguagens de especialidade têm sua formação a partir de bases que não pertencem necessariamente à linguagem em questão. Nesse caso, a base precisa de argumentos que operem seu significado para que a UTC seja inserida em alguma linguagem especializada.

Exemplos desse tipo encontrados no *corpus* são:

1. aprendizado de olfação
2. áreas de sensibilidade gustativa
3. aroma de animais
4. aroma de ervas
5. aroma de especiarias
6. aroma de frutas secas
7. aroma de manteiga
8. aromas de flores
9. batoque de lado
10. cálice de degustação
11. características de limpidez
12. casca de cebola
13. casca de laranja
14. cheiro de rolha
15. copo de degustação
16. copo de prova
17. degustação de avaliação por pontos
18. degustação de base
19. degustação de cantina
20. degustação de idoneidade
21. degustação de qualidade
22. degustação de reconhecimento
23. doce de fruta
24. escala de avaliação
25. escala de intensidade
26. escala de limpidez
27. exame de limpidez
28. exame de transparência
29. exame de viscosidade
30. ficha de avaliação
31. ficha de degustação
32. formação de espuma
33. gama de sensações
34. grau de ataque
35. grau de limpidez
36. grau de persistência
37. licor de expedição
38. licor de tiragem
39. método de avaliação
40. mosto de gota
41. mosto de prensa
42. odor de noz
43. odor de pimenta
44. odor de sabugueiro
45. odor de trufa
46. odores de baunilha
47. odores de torrefação
48. pontas de álcool
49. região de captação das sensações salinas
50. repertório de odores
51. sensação de acidez
52. sensação de adstringência
53. sensação de amargo
54. sensação de calor
55. sensação de corpo
56. sensação de doce
57. sensação de harmonia
58. sensação de temperatura na boca
59. tintos de guarda
60. tipos de degustação
61. tipos de papilas
62. tipos de sensações
63. tonalidade de cor
64. umbral de percepção do sabor doce
65. videira de vinho
66. vinho de caldeira
67. vinho de gota
68. vinho de lágrima
69. vinho de longa guarda
70. vinho de lote
71. vinho de mesa
72. vinho de missa

As 72 ocorrências comportam-se praticamente da mesma maneira, isto é, todas são constituídas de formativos que selecionam outros formativos que pertencem à categoria de substantivo, além disso, podemos destacar que o substantivo (formativo B) forma um sintagma preposicionado com a preposição 'de'.

As UTCs em (33) e (34) ilustram o caso de UTCs com formativos preposicionados encontrados no *corpus*.

(33) aroma de especiarias

[F,T]

aroma	[AF]	R1
aroma de especiarias	[ABF]	R2

s.m. Sensação olfativa que alguns vinhos proporcionam que remete a essências de cravo, canela, noz moscada.

Nessa UTC, o formativo 'A' 'aroma' pertence ao léxico comum e significa <<odor agradável ao olfato>>. Porém, ao receber o formativo 'B' 'de especiarias' passa a significar <<sensação olfativa que alguns vinhos proporcionam que remete a essências de cravo, canela, noz moscada>> e pertencer ao léxico da ASE. Ou seja, um formativo que antes pertencia ao léxico comum passa a pertencer ao léxico da ASE através da inserção de um formativo preposicionado, no caso 'de especiarias'.

Em (34), o mesmo caso fica caracterizado. Vejamos:

(34) características de cor	[F,T]	
características	[AF]	R1
características de cor	[ABF]	R2

s.f. Aspecto visual do vinho identificado através da análise visual com o objetivo de identificação de tonalidades, reflexos e matizes das cores do vinho.

Esta UTC tem o formativo 'B' 'de cor' operando o sentido da base 'características' que, sozinha, pertence ao léxico comum.

Observamos dois fenômenos na análise do caso de formativos preposicionados. O primeiro é que todos os formativos 'A' ou base selecionam um argumento que deve ser preposicionado devido a sua valência, ou seja, eles precisam de um argumento que esteja determinado por uma preposição para que ocorra exaustão semântica. Segundo, nas UTCs com formativos preposicionados não seria possível realizar a comutação do sintagma preposicional por formativos adjetivais correspondentes, caso contrário, o sentido da UTC seria modificado. Por exemplo, se comutássemos 'de cor', na UTC **características de cor** por 'colorido', teríamos **características coloridas**. Nesta suposta UTC, 'coloridas' exerce a função de um adjetivo que especifica

a base 'características'. Assim, as características é que são coloridas e a UTC deixa de remeter para tonalidades, reflexos e matizes das cores do vinho.

Consideramos o caso de formativos preposicionados como o caso que melhor ilustra o processo de operação do conceito da base, pois a base, pertencendo ao léxico comum, tem seu sentido +geral e, ao receber os formativos preposicionados que o especificam, torna-se +específico.

Das 314 UTCs analisadas, 72 foram identificadas como UTCs com formativos preposicionados, totalizando 23,25% das UTCs examinadas. Além do critério usado por Faulstich (2003) para identificar esses formativos, também utilizamos o critério de realização da preposição 'de' sem nenhum determinante.

Das 72 UTCs com formativos preposicionados, nenhuma derivou a regra 1. Sessenta e cinco UTCs derivaram a regra 2, 5 UTCs derivaram a regra 3 e 2 UTCs derivaram a regra 4, o que demonstra, mais uma vez, a produtividade da formação de UTCs com apenas dois formativos.

Os resultados obtidos na análise das UTCs com formativos preposicionados estão resumidos na tabela a seguir:

Tabela 1: UTCs com formativos preposicionados

TOTAL	72
% do <i>corpus</i>	23,25
R1	0
R2	65
R3	5
R4	2

Desses resultados podemos concluir que, das 314 UTCs analisadas através do constructo, 72 UTCs, ou 23,25% do *corpus* analisado, são constituídas de formativos ligados pela preposição 'de', geralmente observando a construção formativo A+de+formativo B. Aparentemente, este número de ocorrências não se destaca, porém, se analisarmos que a ocorrência de UTCs com formativos adjetivais foi de pouco mais de 50% e que o caso de UTCs com

formativos preposicionados totalizou 23,25%, os dois casos juntos reúnem aproximadamente 73% das UTCs analisadas. Então, o caso de UTCs com formativo preposicionado representa o segundo caso com maior número de ocorrências.

4.1.1.4 UTCs com formativos adjetivais

Como vimos no Capítulo 2, os formativos adjetivais são formativos que operam o significado da base sob a forma de adjetivos.

As UTCs listadas abaixo enquadram-se no caso de formativos adjetivais:

- | | |
|---------------------------------|------------------------------------|
| 1. acidez adstringente | 36. borraça queimada |
| 2. acidez agressiva | 37. capacidade sensorial |
| 3. acidez equilibrada | 38. caracteres específicos |
| 4. acidez fixa | 39. caracteres objetivos |
| 5. acidez málica | 40. caracteres organolépticos |
| 6. acidez real | 41. característica olfativa |
| 7. acidez refrescante | 42. características aromáticas |
| 8. acidez total | 43. características organolépticas |
| 9. acidez volátil | 44. características positivas |
| 10. ácido agressivo | 45. características varietais |
| 11. açúcar invertido | 46. casta nobre |
| 12. açúcares fermentescíveis | 47. cavidade bucal |
| 13. adaptação sensorial | 48. componentes aromáticos |
| 14. aguardente vínica | 49. componentes organolépticos |
| 15. análise gustativa | 50. copo cilíndrico |
| 16. análise olfativa | 51. cor vermelho rubi |
| 17. análise organoléptica total | 52. cores intensas |
| 18. análise sensorial | 53. cores pálidas |
| 19. análise visual | 54. corpúsculos gustativos |
| 20. aroma intenso | 55. cremor tartárico |
| 21. aromas alimentares | 56. degustação analítica |
| 22. aromas complexos | 57. degustação tradicional |
| 23. aromas específicos do vinho | 58. exame final |
| 24. aromas primários | 59. exame gustativo |
| 25. aromas secundários | 60. exame olfativo |
| 26. aromas terciários | 61. exame organoléptico |
| 27. aromas vínicos | 62. exame visual |
| 28. aspectos negativos | 63. fase inicial de ataque |
| 29. aspiração direta | 64. fase olfativa |
| 30. avaliação geral | 65. ficha ampelográfica |
| 31. avaliação qualitativa | 66. fineza aromática |
| 32. avaliação quantitativa | 67. frescor acidulado |
| 33. bica aberta | 68. grande reserva |
| 34. boca seca | 69. grande vinho |
| 35. borda lateral da língua | 70. identificações organolépticas |

- | | | | |
|------|--|------|--|
| 71. | impressões aromáticas | 115. | substâncias voláteis |
| 72. | impressões gustativas | 116. | tecido epidérmico central da
cavidade bucal |
| 73. | intensidade aromática | 117. | tecido epidérmico central da
língua |
| 74. | juízo geral | 118. | uvas americanas |
| 75. | juízo técnico | 119. | uvas aromáticas |
| 76. | limiar normal gustativo | 120. | uvas podres |
| 77. | limiar normal olfativo | 121. | uvas verdes |
| 78. | margem póstero-lateral | 122. | via conduto retrorinal |
| 79. | material coloidal em suspensão | 123. | via nasal direta |
| 80. | mecanismo neurofisiológico da
degoção | 124. | via retrorinal |
| 81. | mucosa olfativa | 125. | vinho aguçado |
| 82. | observação visual | 126. | vinho branco |
| 83. | parte central da língua | 127. | vinho branco jovem |
| 84. | potência visual | 128. | vinho corrente |
| 85. | prova cega | 129. | vinho doce natural |
| 86. | prova comparativa | 130. | vinho fino |
| 87. | prova varietal | 131. | vinho generoso |
| 88. | prova vertical | 132. | vinho jovem |
| 89. | receptores específicos | 133. | vinho licoroso |
| 90. | reflexos amarelados | 134. | vinho quente |
| 91. | registro nasal nervoso | 135. | vinho rico |
| 92. | regras básicas | 136. | vinho saboroso |
| 93. | sabor ácido | 137. | vinho salino |
| 94. | sabor amargo | 138. | vinho tenro |
| 95. | sabor doce | 139. | vinho tênue |
| 96. | sabor salgado | 140. | vinho tinto |
| 97. | sabores básicos | 141. | vinhos aromáticos |
| 98. | sabores doces aparentes | 142. | vinhos aromatizados |
| 99. | sabores doces reais | 143. | vinhos brancos maduros |
| 100. | segundo vinho | 144. | vinhos brancos secos |
| 101. | sensação ácida | 145. | vinhos curtos |
| 102. | sensação gustativa | 146. | vinhos especiais |
| 103. | sensação gosto-olfativa | 147. | vinhos novos |
| 104. | sensação olfativa | 148. | vinhos oxidados |
| 105. | sensação tátil | 149. | vinhos rosados |
| 106. | sensações específicas | 150. | vinhos secos |
| 107. | sensações gerais | 151. | vinhos tintos de guarda |
| 108. | sensações retro-olfativas | 152. | vinhos tranquilos |
| 109. | sensações térmicas | 153. | vinhos velhos |
| 110. | sensações visuais | 154. | vinhos verdes de Portugal |
| 111. | sensibilidade gustativa | 155. | zona amarga |
| 112. | substâncias aromáticas | | |
| 113. | substâncias odoríficas | | |
| 114. | substâncias sápidas | | |

Estas 155 UTCs têm um comportamento similar entre si, isto é, todas possuem uma constituição de formativos A+B ou A+B+C sendo que os formativos B e/ou C têm categoria de adjetivo. Constatamos que, na ASE, a maioria das UTCs são constituídas por dois formativos (A e B). O caso de

formativos adjetivais não foi diferente e a lista de UTCs acima demonstra esse fato.

Vejamos o exemplo abaixo:

(35) degustação tradicional	[F, T]	
degustação	[AF]	R1
degustação tradicional	[ABF]	R2

s.f. Uma degustação dirigida sob métodos normais de olfação e paladar.

Nessa UTC, o formativo 'A' teve seu conceito expandido pela inserção do formativo 'B' 'tradicional' que tem categoria gramatical de adjetivo. Então, este formativo adjetiva, caracteriza a base, neste caso, explicitando o tipo de degustação que está sendo realizado.

Já a UTC abaixo derivou até a regra 3:

(36) vinho doce natural	[F, T]	
vinho	[AF]	R1
vinho doce	[ABF]	R2
vinho doce natural	[ABCF]	R3

s.m. Denominação reservada aos vinhos procedentes na sua maioria das variedades: Muscat, Grenache, Macabeu e Malvasia.

Essa UTC é constituída por três formativos: 'A' é a base identificada como substantivo. 'B' e 'C' são adjetivos que operam o conceito de 'A' caracterizando o tipo de vinho.

Das 314 UTCs analisadas, 155 unidades são constituídas de formativos adjetivais. Totalizando 50,96% de UTCs com formativos adjetivais, ou seja, a maior parte das UTCs analisadas pertence a esse caso.

Das 155 UTCs com formativos adjetivais, nenhuma UTC derivou a regra 1, 132 derivaram a regra 2, 21 derivaram a regra 3, uma UTC atingiu a derivação da regra 4 e, também, uma UTC derivou a regra 5. Disso conclui-se que a maioria das UTCs com formativos adjetivais coletadas do léxico da ASE é constituída por dois formativos, ou seja, a extensão das UTCs analisadas da ASE só derivaram até a regra 2 [ABF] porque são formadas por apenas dois

elementos como na UTC **sensibilidade gustativa**, em que a base (formativo A) é caracterizada pelo formativo B.

A situação de a maioria das UTCs coletadas do léxico da Análise Sensorial Enológica ser constituída por formativos adjetivais já era esperada, uma vez que tal linguagem de especialidade, na maioria das vezes, faz referência a qualidades e características dos tipos de vinhos e das sensações envolvidas na análise organoléptica.

Esse fenômeno está diretamente relacionado com o tipo de organização semântica subjacente ao léxico especializado nesta área do conhecimento. O léxico da ASE pode ser dividido em léxico visual – relativo aos termos que determinam as sensações visuais –, léxico olfativo – relativo aos termos que se referem às sensações olfativas – e, léxico gustativo – relativo aos termos referentes às sensações do paladar. Nesse sentido, os termos inseridos nessa linguagem de especialidade, inevitavelmente, em sua maioria, serão caracterizados por formação adjetival.

Os resultados obtidos na análise das UTCs com formativos adjetivais estão sintetizados na tabela a seguir:

Tabela 2: UTCs com formativos adjetivais

TOTAL	155
% do <i>corpus</i>	50,96%
R1	0
R2	132
R3	21
R4	1
R5	1

Na tabela 2, destacamos a ocorrência de 132 UTCs que derivaram a regra 2 [ABF]. Essa ocorrência numerosa de UTCs pode evidenciar que a ASE é uma linguagem econômica, por utilizar, geralmente, apenas um lugar na valência. Essa evidência pode ser reforçada pelo fato de que nenhuma UTC derivou até a regra 4 [ABCDF].

4.1.1.5 UTCs com formativo sob alçamento

Neste caso, Faulstich (2003) identifica uma mudança de sentido entre as UTCs que têm um formativo alçado. Porém, nos dados da ASE, identificamos duas UTCs que possuem um formativo alçado, mas que, aparentemente, não implicam modificação de sentido.

As duas UTCs abaixo listadas representam o caso de UTCs com formativo sob alçamento:

1. caracteres olfato-gustativos
2. caracteres gusto-olfativos

Analisaremos as duas UTCs abaixo que identificam as UTCs com formativo sob alçamento para ilustrarmos o alçamento sem modificação de sentido:

(37) caracteres olfato-gustativos	[F, T]	
caracteres	[AF]	R1
caracteres olfato-gustativos	[ABF]	R2

s.m. Fatores de caráter gustativo e olfativo dos vinhos. Na degustação, ambas as sensações (gosto e olfato) relacionam-se para perceberem certos aspectos do vinho.

(38) caracteres gusto-olfativos	[F, T]	
caracteres	[AF]	R1
caracteres gusto-olfativos	[ABF]	R2

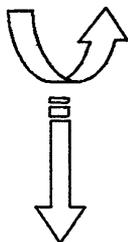
s.m. Fatores de caráter gustativo e olfativo dos vinhos. Na degustação, ambas as sensações (gosto e olfato) relacionam-se para perceberem certos aspectos do vinho.

Faulstich (2003: 23) demonstra no estudo do caso de formativo sob alçamento que uma UTC, uma vez que tenha um de seus formativos alçado, tem também seu sentido modificado.

Em nossa análise, identificamos o caso de formativo sob alçamento, como demonstrado a seguir:



(37) caracteres olfato-gustativos



(38) caracteres gusto-olfativos

A UTC **caracteres olfato-gustativos** tem o formativo 'B' modificado de 'olfato-gustativo' para 'gusto-olfativos', ou seja, ocorre um alçamento entre os formativos gustativo e olfativo. Não pudemos identificar qual UTC teria sofrido o alçamento.

No entanto, no caso destas UTCs da ASE, o sentido encontrado na definição, aparentemente permanece inalterado, isto é, ambos significam <<fatores de caráter gustativo e olfativo dos vinhos. Na degustação, ambas as sensações (gosto e olfato) relacionam-se para perceberem certos aspectos do vinho>>. Ainda seriam necessárias novas análises para reconhecermos se esse caso se repete em outras linguagens de especialidade.

Por termos identificado este caso com formativo sob alçamento sem aparente modificação de significado, poderíamos considerar que não ocorre formação de nova UTC no caso de (37) e (38) e que estaria ocorrendo uma variação de ordem morfossintática que estabeleceria uma relação de sinonímia entre essas UTCs.

No entanto, se analisarmos mais detidamente este mecanismo de alçamento e o próprio significado das UTCs em questão, observaremos que o próprio alçamento, no caso da linguagem aqui examinada, envolve modificação de sentido, revelando um referência semântica na análise. Nestas UTCs, estão envolvidas duas sensações basicamente diferentes: a sensação

olfativa e a sensação gustativa. Se o formativo 'olfativo' está colocado numa posição anterior ao formativo 'gustativo', o termo olfativo ganha maior destaque na análise sensorial. Ao passo que, se for o contrário, isto é, se o formativo 'gustativo' estiver antes do 'olfativo', então o 'gustativo' é que está em evidência, isto é, a ordem dos formativos mudou, assim como também mudou a ordem da análise organoléptica. Em **caracteres gusto-olfativos** a sensação destacada é a gustativa e, em **caracteres olfato-gustativos**, a sensação destacada é a olfativa. Isso poderia estar sendo motivado pelo próprio fazer da área especializada em questão. A ASE prioriza níveis de análise organoléptica, então, a posição do formativo seria localizada em função de qual sensação estaria sendo privilegiada.

Disso conclui-se que o alçamento, também nestas duas UTCs, contribui para a formação de UTCs, muito embora os dicionários especializados, em suas definições, não demonstrem isso. Pois, como dissemos anteriormente, as duas UTCs significam <<*fatores de caráter gustativo e olfativo dos vinhos. Na degustação ambas as sensações (gosto e olfato) relacionam-se para perceberem certos aspectos do vinho*>>.

Das 314 UTCs examinadas, identificamos duas UTCs (0,65%) com formativos sob alçamento, o que determina que esse processo de formação de UTCs não é muito produtivo nesta linguagem. Um argumento para isso seria que a linguagem em questão preferiria identificar cada sensação, cada referente individualmente e não conjuntamente, como nas duas UTCs identificadas, tendo em vista que essa linguagem se refere ao domínio dos vinhos, isto é, refere-se ao universo dos sabores e teores, aromas e odores, cores e texturas. A ASE é uma linguagem de especialidade que tenta verbalizar, ou seja, que tenta encontrar termos para os conceitos relacionados às sensações humanas despertadas ao se ver (sensação visual), ao se cheirar (sensação olfativa) e ao se provar (sensação gustativa) um vinho. Assim, se essa tarefa já é tão árdua com sensações individualizadas, com sensações conjuntas seria ainda mais difícil, o que poderia justificar a baixa produtividade de formativos sob alçamento nesse tipo de linguagem.

Cumpramos observar que as UTCs **caracteres gusto-olfativos** e **caracteres olfato-gustativos** poderiam ser variantes sinonímicas entre si se permanecerem com a mesma definição.

4.1.1.6 UTCs com formativo [A] com base nominalizada

Neste caso, a base ou formativo [A] não tem condições de formar uma regra 1 [AF] porque não tem um conceito fechado, ou seja, sua extensão conceitual só ocorre com a UTC completa.

As UTCs, encontradas no *corpus*, ilustram esse tipo de formativo [A] com base nominalizada:

1. avaliação da cor
2. denominação de bouquet de redução
3. determinação da fineza
4. determinação da harmonia
5. duração gustativa aromática
6. indicação de proveniência regulamentada
7. individuação das características positivas
8. individuação dos caracteres objetivos
9. individuação dos caracteres
10. individuação das características
11. julgamento dos sentidos
12. percepção dos sabores
13. persistência gustativa aromática
14. reconhecimento dos aromas

Observemos as UTCs (2), (5) e (13):

(2) denominação de bouquet de redução

(5) duração gustativa aromática

(13) persistência gustativa aromática

Nestes casos, há a ocorrência de bases deverbiais, ou seja, bases que originaram-se de verbos e, por isso, assumem as necessidades de complemento do verbo de origem: em (2) denominação → denominar; em (5) duração → durar e, em (13) persistência → persistir. Nessas UTCs, a incompletude semântica não é só motivada pela referência da base com o léxico comum, mas também pelo fato de terem sua origem em verbos que necessitam de um complemento.

Das 14 UTCs com formativo [A] com base nominalizada, nenhuma UTC derivou a regra 1 [AF]. Doze UTCs derivaram a regra 2 [ABF] e 2 UTCs derivaram a regra 3 [ABCF].

Vejamos um exemplo para melhor caracterizar uma UTC com formativo [A] com base nominalizada.

(39) duração gustativa aromática	[F, T]	
duração gustativa	[ABF]	R1
duração gustativa aromática	[ABCF]	R2

s.f. Tempo em que a sensação gusto-olfativa permanece na boca para identificação da característica de um vinho longo na boca.

Nessa UTC, a base (ou formativo 'A') não tem condições suficientes para derivar a regra 1 porque a base 'duração' não tem referente identificado isoladamente, a duração pode ser gustativa ou olfativa, então deve sempre vir acompanhada do formativo B. Entendemos que a base tem condições suficientes para exaurir um nível na derivação quando encerrar um conceito fechado inserido na linguagem de especialidade em questão. Dessa forma, a extensão conceitual só é realizada quando a base desse tipo de UTCs tiver seu conceito operado por outros formativos que efetuarão um processo de nominalização na base.

Note-se que os dados encontrados revelam que a natureza da base determinará a expansão para duas ou mais casas argumentais.

4.1.1.7 UTCs com formativos marcados por determinantes

Como vimos no Capítulo 2, conforme Fausitich (2003: 24), "*o artigo é, comumente, um atualizador, um determinante que atribui ao substantivo a que se refere um valor específico, concretizando e particularizando a existência do objeto*". Assim, na formação de UTCs, o artigo funciona como um determinante que especifica o substantivo, dando-lhe um sentido mais especializado.

As UTCs listadas abaixo foram encontradas no *corpus* e apresentam essa característica da determinação:

1. açúcares da uva
2. aeração do mosto
3. aeração do vinho
4. análise da cor
5. análise da viscosidade
6. aspecto do vinho
7. base da língua
8. características do vinho
9. células da mucosa
10. juízo dos vinhos
11. mecanismo da degustação

12. sensações do tato
13. sentido do gosto
14. sentidos do homem
15. tamanho da borbulha
16. técnica da degustação
17. zonas da língua

Com 17 ocorrências, este caso figura como o terceiro caso com maior número de ocorrências no *corpus* examinado.

Observa-se, no conjunto de UTCs, casos de determinação com o artigo definido que podem ser representados pelos exemplos a seguir:

(40) açúcares da uva	[F, T]	
açúcares	[AF]	R1
açúcares da uva	[ABF]	R2

s.m. Representados pela glicose e frutose, são transformados em álcool.

(41) componentes do vinho	[F, T]	
componentes	[AF]	R1
componentes do vinho	[ABF]	R2

s.m. Componentes básicos que compõem o vinho, tais como o grau alcoólico, a acidez fixa, a acidez volátil e os açúcares redutores residuais.

Esses mecanismos de utilização de determinantes estão a serviço da exaustão semântica que todo termo especializado necessita, conforme sustentado por Faulstich (2003). Tais mecanismos são observados no emprego dos determinantes que, nessas UTCs, tomam seu sentido transparente, o que faz com que sua presença seja essencial para a constituição desse sentido, ou seja, existe uma determinação semântica para isso

Das 314 UTCs coletadas, 17 foram identificadas como UTCs com formativos marcados por determinantes, totalizando 5,41% do *corpus* analisado.

Das 17 UTCs com formativos marcados por determinantes, todas as 17 derivaram a regra 2 [ABF], como exemplifica o exemplo (35).

A tabela abaixo resume os resultados obtidos na análise das UTCs com formativos marcados por determinantes:

Tabela 3: Análise de UTCs com formativos marcados por determinantes.

TOTAL	17
% do <i>corpus</i>	5,41
R1	0
R2	17
R3	0
R4	0

Na tabela 3, destacamos a ocorrência de 17 UTCs que derivaram a regra 2 [ABF]. Novamente, a regra 2 mostra-se produtiva nesta linguagem de especialidade, como já havíamos observado na análise dos formativos adjetivais.

4.1.1.8 UTCs com formativos valentes e formativos antecedidos por preposições diversas

Nesse caso, as preposições são selecionadas pela valência dos formativos antecedentes. Tais preposições, por sua vez, introduzem o argumento conseqüente e estabelecem uma relação semântica entre o formativo anterior e o formativo posterior.

1. avaliação por pontos⁵⁵
2. correspondência ao tipo
3. degustação para avaliação quantitativa⁵⁶
4. gosto a luz

Analisaremos um caso de UTC que faz parte do conjunto de UTCs com formativos valentes e formativos antecedidos por preposições diversas.

⁵⁵ Esta UTC também poderia ser classificada no caso de formativo [A] com base nominalizada, no entanto, estamos observando a formação da UTC a partir da seleção de uma preposição.

⁵⁶ Esta UTC também poderia ser classificada no caso de formativo [A] com base nominalizada, no entanto, estamos observando a formação da UTC a partir da seleção de uma preposição.

(42) avaliação por pontos	[F, T]	
avaliação	[AF]	R1
avaliação por pontos	[ABF]	R2

s.f. Degustação realizada através de um método que atribui uma pontuação a cada vinho. Esta pontuação é registrada na ficha de avaliação por pontos.

No caso de formativos antecidos por outros tipos de preposição, observamos que as preposições que regem o segundo formativo são selecionadas pela valência do primeiro formativo. Nota-se, na UTC **avaliação por pontos**, que a relação estabelecida pela preposição “por” entre os dois formativos é de modo/maneira como é realizada a ‘avaliação’. Destaca-se o fato de o formativo ‘avaliação’ ser deverbais, derivado do verbo avaliar, o que também colabora para a necessidade de algum tipo de complementação. Neste caso, a complementação ocorreu através de um argumento preposicionado.

Das 314 UTCs examinadas, 4 foram reconhecidas como UTCs com formativos valentes e formativos antecidos por preposições diversas, totalizando 1,27% do *corpus* analisado. Três UTCs derivaram a regra 2 [ABF] e uma UTC derivou a regra 3 [ABCF]. Vejamos a derivação das UTCs que não foram exemplificadas nesta seção:

(43) correspondência ao tipo	[F, T]	
correspondência	[AF]	R1
correspondência ao tipo	[ABF]	R2

(44) degustação para avaliação quantitativa	[F, T]	
degustação	[AF]	R1
degustação para avaliação	[ABF]	R2
degustação para avaliação quantitativa	[ABCF]	R3

(45) gosto a luz	[F, T]	
gosto	[AF]	R1
gosto a luz	[ABF]	R2

4.1.1.9 UTCs com formativo com prefixo não-

O prefixo não- opera um significado negativo sobre o formativo conseqüente a ele. Sua função é de prefixo de negação em virtude de sua posição, ou seja, ligado a um dos formativos da UTC.

A UTC abaixo ilustra o caso de UTC com formativo com prefixo não-:

(46) açúcares não-fermentescíveis	[F, T]	
açúcares	[AF]	R1
açúcares não-fermentescíveis	[ABF]	R2

s.m. Açúcares (nos mostos ou nos vinhos) que não fermentam pela ação das leveduras: são representados, essencialmente pelas pentoses.

Nesta UTC, o elemento “não-” ocupa uma posição prefixal indicando a negação do elemento conseqüente. Neste exemplo, o prefixo “não-” identifica um tipo de açúcar que não sofre fermentação ou que não fermenta.

Das 314 UTCs examinadas, apenas uma é constituída por formativo com prefixo não-, totalizando 0,32% do *corpus* analisado.

Observamos que o prefixo não- tem, na língua, outros prefixos co-ocorrentes à disposição, tais como: i-, in-, a-, com o mesmo significado, isto é, negação. Notamos que o uso do advérbio ‘não’ como prefixo não é, em geral, produtivo, mas é mais econômico dizer **açúcares não-fermentescíveis** do que ‘açúcares que não são fermentescíveis’. Outra observação a ser feita é que a base da UTC (46) não admite ‘infermentescíveis’ ou afermentescíveis’. Assim, a ocorrência do advérbio não como prefixo seria gerada por um fator de economia da língua que apaga a estrutura ‘que não’ e faz com que o advérbio faça as vezes de prefixo. Outra motivação para a ocorrência de ‘não’ como prefixo seria de origem morfológica. Existiria uma distribuição complementar entre os prefixos que expressam negação e a realização de um estaria condicionada a que tipo de item lexical ele se uniria. Seria necessário analisarmos outras linguagens de especialidade, outras UTCs com prefixo não- e a que bases ele se une para confirmarmos ou não estas hipóteses.

4.1.1.10 UTCs com formativo com sufixo -mente

O uso do modalizador –mente, segundo Faulstich (2003: 26) é “*uma estratégia de marcação semântica com papel específico*”, uma vez que o formativo que recebe o modalizador antecede o formativo [B].

Nenhuma ocorrência foi identificada como constituída por formativo com sufixo -mente.

Sabemos que o modalizador –mente é bastante produtivo na língua comum, devido a sua especificidade de marcação semântica do formativo precedido pelo formativo A; no entanto, na ASE, provavelmente não existam UTCs com tal sufixo. Um argumento para esta ausência seria que essa estratégia de marcação semântica não seria necessária para a identificação organoléptica dos vinhos, uma vez que ASE opera geralmente com adjetivos. Sabemos que os adjetivos podem se unir ao sufixo –mente. No entanto, dessa união resulta uma situação de adverbialização, o que faria com que o adjetivo adverbializado (doce-docemente, por exemplo) deixasse de recuperar um conceito ou de reoperar um conceito anterior para assumir um caráter de modalizador.

Na análise podemos observar que o constructo de Faulstich (2003) foi capaz de descrever 89,17% das UTCs encontradas no *corpus*. Ou seja, 89,17% das UTCs reunidas no *corpus* foram perfeitamente descritas pelos casos identificados por Faulstich (2003). Sendo que o caso mais produtivo foi o de UTCs com formativos adjetivais que, das 314 UTCs coletadas, totalizou 154 UTCs.

A regra mais produtiva foi a regra do tipo 2, com 251 ocorrências. Este fato pode ser devido à maioria das UTCs examinadas ser constituída por dois formativos apenas. Por essa mesma razão, a regra 4 foi a menos produtiva.

Observemos agora o quadro a seguir:

Tabela 4: Produtividade das regras

TIPO DE REGRA	Nº DE OCORRÊNCIAS	%
R1	0	0
R2	244	78,66
R3	25	8,28
R4	4	1,27
R5	1	0,32
TOTAL	278	89,17

Este quadro indica a produtividade das regras derivadas na análise das UTCs que foram descritas pelo constructo de Faulstich (2003). Como se pode notar, a regra 2 foi a mais produtiva com 78,66% de ocorrências. Isso se deve, principalmente, ao fato de a maioria das UTCs serem constituídas por dois formativos. Destacamos que a regra 2 atuou mais freqüentemente em dois casos (formativos marcados por determinantes e formativos adjetivais). Isso reforça o fato de a ASE ser essencialmente adjetival, uma vez que esses dois casos têm como característica principal a ocorrência de adjetivos ou determinantes operando diretamente o conceito da base, pois, como o adjetivo geralmente vem ao lado do nome para caracterizá-lo, não há necessidade de outras expansões para a exaustão semântica do termo.

Na próxima seção apresentaremos outros casos identificados na análise das UTCs que não foram descritas pelos casos tratados pelo constructo de Faulstich (2003).

4.1.2 Outros casos

Ao analisarmos o *corpus* de 314 UTCs da ASE, o constructo possibilitou a descrição de 278 UTCs, as 38 UTCs não descritas podem ser agrupadas em três novos casos que serão discutidos a seguir.

Vale destacar que estes casos novos serão analisados e interpretados apenas através da análise das 38 UTCs restantes e que, certamente, são

necessários estudos de outras linguagens de especialidade para a confirmação destes casos e de suas respectivas derivações de regras.

Um dos casos é caracterizado por uma UTC composta por formativos de categoria verbal, mas que são utilizados como nome.

Observe abaixo:

1. saber beber

s.m. Conhecimento dos usos da convivência, da higiene, da saúde e da moderação, aliada às regras de hospitalidade e de cortesia.

(47) saber beber	[F, T]	
saber beber	[ABF]	R1

Nesta UTC, a regra derivada é a regra 1, uma vez que sua exaustão semântica é atingida no processo de nominalização realizado sobre a UTC fechada.

O segundo caso encontrado foi o de UTCs com formativo com conjunção aditiva. Identificamos nas fontes documentais uma UTC cuja formação tem a ocorrência da conjunção aditiva 'e'.

Vejam os:

(48) ficha de avaliação por pontos e reconhecimento [F, T]

ficha [AF] R1

ficha de avaliação [ABF] R2

ficha de avaliação por pontos [ABCF] R3

ficha de avaliação por pontos e reconhecimento [ABCCF] R4

s.f. Tabela onde se registra a pontuação do vinho referente a cada critério relacionado durante a avaliação por pontos.

Na derivação apresentada em (48), a regra 4 foi derivada [ABCCF] porque existem dois formativos figurando na mesma posição unidos pela conjunção 'e', ou seja, 'pontos' e 'reconhecimento' são dois formativos que poderiam estar ocupando a posição do formativo 'C'.

No entanto, esses dois outros casos identificados têm pouca significância, uma vez que foi registrada apenas uma UTC em cada um deles. O terceiro caso, que veremos a seguir, porém, deve ser observado mais

atentamente, pois foram identificadas 36 UTCs que se enquadram nessa descrição.

O terceiro caso encontrado é o de UTCs com formativos operando o conceito de uma base que não está fonologicamente realizada, ou seja, a base foi suprimida da posição do formativo 'A' num processo que pode ser caracterizado como de elipse da base.

Foram encontradas cinco bases elípticas, conforme se observa no quadro a seguir:

Tabela 5: UTCs com base elíptica⁵⁷

VINHO	BASE			
	SABOR DE	AROMA DE	ODOR DE	APARÊNCIA DE
Ø amarelo-âmbar	Ø avelã tostada	Ø avelã tostada	Ø borracha queimada	Ø papel branco
Ø amarelo-palha	Ø café verde	Ø café verde	Ø cartão molhado	
Ø amarelo-dourado	Ø cravo da Índia	Ø cravo da Índia	Ø suor de cavalo	
Ø amarelo nítido	Ø espinheiro branco	Ø espinheiro branco		
Ø branco com reflexos	Ø flor de acácia	Ø flor de amendoeira		
Ø branco com reflexos amarelados	Ø casca de laranja			
Ø branco com reflexos alaranjados	Ø fruta fresca			
Ø branco com reflexos esverdeados	Ø frutas secas			
Ø branco de branco	Ø maçã verde			
Ø branco de tinto	Ø noz moscada			
Ø branco papel	Ø pimentão verde			
Ø rosado de mistura	Ø pão torrado			
Ø rosado de sangria				
Ø tintos de guarda				
Ø tintos envelhecidos				
Ø tintos jovens				
Ø tintos jovens esfriados				
Ø vermelho tijolo				
Ø longo na boca				

Na tabela 5, as UTCs com base elíptica foram organizadas de acordo com a base que teve o formativo A apagado. Então, os formativos que possuíam como base o formativo 'vinho' estão na primeira coluna da tabela, já com a base apagada, como as UTCs **longo na boca** e **branco com reflexos alaranjados**. Na segunda coluna da tabela, temos as UTCs que originariamente tinham como base o formativo 'sabor' que seleciona um

⁵⁷ Uma outra interpretação seria possível a partir da análise de uma provável UTC como, por exemplo, **sensação de odor de borracha queimada** que sofreria o apagamento dos formativos 'sensação de' e 'odor de', ficando representada como **ØØ borracha queimada**. Não estamos considerando tal interpretação porque, no domínio examinado – a ASE – o termo 'sensação' é uma palavra temática, isto é, a ASE é a linguagem especializada das **sensações**. No entanto, este poderia ser objeto de futuras pesquisas.

argumento preposicionado, por isso, operamos com o apagamento de ‘sabor de’, como exemplificam as UTCs **casca de laranja** e **café verde**. Algumas das UTCs que possuíam a base ‘sabor de’ também poderiam se realizar com ‘aroma de’, então, algumas UTCs estão repetidas na terceira coluna com essa base apagada. A base ‘odor de’ foi apagada nas UTCs **borracha queimada**, **cartão molhado** e **suor de cavalo**, assim como a base ‘aparência de’ foi apagada em **papel branco**.

Na análise, que observou o apagamento do formativo A, reconhecemos 36 UTCs com formativo-base elíptico que totalizaram 10,19% do *corpus* coletado. Explicitados a seguir:

1. amarelo-âmbar
2. amarelo-dourado
3. amarelo-palha
4. amarelo nítido
5. avelã tostada
6. branco papel
7. branco de branco
8. branco de tinto
9. borracha queimada
10. branco com reflexos
11. branco com reflexos alaranjados
12. branco com reflexos amarelados
13. branco com reflexos esverdeados
14. café verde
15. cartão molhado
16. casca de laranja
17. cravo da Índia
18. espinheiro branco
19. flor de acácia
20. flor de amendoeira
21. fruta fresca
22. frutas secas
23. longo na boca
24. maçã verde
25. noz moscada
26. papel branco
27. pão torrado
28. pimentão verde
29. rosado de mistura
30. rosado de sangria
31. suor de cavalo
32. tintos de guarda
33. tintos envelhecidos
34. tintos jovens
35. tintos jovens esfriados
36. vermelho tijolo

Analisaremos três UTCs com base elíptica:

(49) avelã tostada	[F, T]	
(sabor de) ou (aroma de) avelã	[ABF]	R1
Avelã	[AF]	R2 (apagamento da base)
avelã tostada	[ABF]	R3

s.f. Odor de avelã tostada seca, normalmente encontrado nos vinhos brancos.

(50) café verde	[F, T]	
(sabor de) ou (aroma de) café	[ABF]	R1
Café	[AF]	R2 (apagamento da base)
café verde	[ABF]	R3

s.m. Vinho que apresenta sensações olfativas ou gusto-olfativas que se assemelham ao fruto em questão.

(51) suor de cavalo	[F, T]	
(odor de) suor	[ABF]	R1
Suor	[AF]	R2 (apagamento da base)
suor de cavalo	[ABF]	R3

s.m. Aroma desagradável, vulgar em vinhos tintos, provocado por uma levedura que não existe na uva. Também conhecido por cheiro a estrebaria.

Essas UTCs têm sua base apagada provavelmente em razão do uso. Os enólogos e degustadores, por usarem tais UTCs com muita frequência, acabam subentendendo a base por julgarem desnecessária a sua utilização. No entanto, a recuperação da base só é possível para os *experts* na matéria.

Devemos ressaltar que a subárea referida pela linguagem de especialidade analisada, pois ASE, caracteriza-se por propriedades relacionadas a uma pesquisa qualitativa do vinho através das sensações instigadas por ele no ser humano. Essas sensações são identificadas pelos sentidos humanos, ou seja, tato, olfato, paladar e visão. Os termos utilizados

na ASE servem para denominar essas sensações organolépticas e os vinhos analisados. Por exemplo, o termo **suor de cavalo** na ASE, não se refere ao suor do animal em si, mas ao odor suscitado por uma determinada substância em alguns vinhos tintos.

Esse tipo de especificação semântica que refere-se às representações lingüísticas para sensações humanas foi estudado por Lara (1999). Nesse estudo, Lara desenvolveu uma análise à luz da Semântica Lexical proposta por Dubois (1999) e propôs uma organização do léxico da ASE, que como já dissemos, constitui-se basicamente de unidades lexicais que remetem às sensações humanas (tato, paladar, olfato e visão)⁵⁸.

A análise que ora desenvolvemos corrobora o estudo de Lara (1999), pois também identifica essa propriedade especial da ASE, qual seja, apresentar termos para denominar as características organolépticas dos vinhos.

Essa propriedade foi reconhecida, principalmente, com este caso de base elíptica. Observemos os fatores que nos fazem chegar a essa conclusão.

Analisemos, primeiramente, as UTCs que têm como base o formativo

VINHO:

Ø amarelo-âmbar
 Ø amarelo-palha
 Ø amarelo-dourado
 Ø amarelo nítido
 Ø branco com reflexos
 Ø branco com reflexos amarelados
 Ø branco com reflexos esverdeados
 Ø branco de branco
 Ø longo na boca
 Ø branco de branco
 Ø branco de tinto

Ø branco papel
 Ø rosado de mistura
 Ø rosado de sangria
 Ø tintos envelhecidos
 Ø tintos jovens
 Ø tintos jovens esfriados
 Ø vermelho tijolo

Por estamos operando com UTCs que denominam vinho e que em sua maioria estão relacionadas com uma cor, com exceção da UTC **longo na boca**, temos UTCs que remetem a sensação visual, especialmente. Porém, em segunda análise, não é apenas essa sensação que está envolvida. Por se tratar de tipos de vinho, e o vinho é definido por ser um alimento que suscita

⁵⁸ Para maiores detalhes ver Lara (1999).

todas as sensações humanas, então, os outros sentidos – paladar, olfato e tato – também concorrem nestas UTCs.

Nas UTCs com formativo ‘aroma de’ e ‘odor de’, o único sentido envolvido é o olfativo, nas UTCs com formativo ‘sabor de’, o sentido é o gustativo e nas UTCs com formativo ‘aparência de’, o sentido envolvido é apenas o visual. Assim, podemos organizar essas UTCs no seguinte esquema:

BASE	SENSAÇÃO
VINHO	Gustativa Visual Olfativa Tátil
UTCs	
Ø amarelo-âmbar Ø branco de tinto Ø amarelo-palha Ø branco papel Ø amarelo-dourado Ø rosado de mistura Ø amarelo nítido Ø rosado de sangria Ø branco com reflexos	Ø tintos envelhecidos Ø branco com reflexos amarelados Ø tintos jovens Ø branco com reflexos esverdeados Ø tintos jovens esfriados Ø branco de branco Ø vermelho tijolo Ø longo na boca

BASE	SENSAÇÃO
SABOR DE	→ Gustativa
UTCs	
Ø avelã tostada Ø flor de acácia Ø café verde Ø casca de laranja Ø frutas secas Ø cravo da índia Ø maçã verde Ø espinheiro branco Ø noz moscada Ø fruta fresca Ø pimentão verde Ø pão torrado	

BASE	SENSAÇÃO
AROMA DE	→ Olfativa
UTCs	
Ø avelã tostada Ø espinheiro branco Ø café verde Ø flor de amendoeira Ø cravo da índia	

BASE	SENSAÇÃO
ODOR DE	→ Olfativa
UTCs	
Ø borracha queimada Ø cartão molhado Ø suor de cavalo	

BASE	SENSAÇÃO
APARÊNCIA DE	→ Visual
UTC	
Ø papel branco	

Observando esse esquema que relaciona uma ou mais sensações a uma base que sofreu elipse na UTC, podemos assentar a especificação semântica que remete às características organolépticas humanas organizadas por Lara (1999) na ASE para explicarmos este tipo de ocorrência. É preciso considerar que esse caso de apagamento da base poderia ser enquadrado no caso examinado por Faulstich denominado “formativo Ø e tautologia”. Para explicarmos essa possibilidade, vamos apresentar uma parte do esquema exposto anteriormente. Vejamos:

BASE	SENSAÇÃO
VINHO	{ Gustativa Visual Olfativa Tátil
UTCs	
Ø amarelo-âmbar Ø amarelo-palha Ø amarelo-dourado Ø amarelo nítido Ø branco com reflexos Ø branco com reflexos amarelados Ø branco com reflexos esverdeados Ø branco de branco Ø longo na boca	Ø branco de tinto Ø branco papel Ø rosado de mistura Ø rosado de sangria Ø tintos envelhecidos Ø tintos jovens Ø tintos jovens esfriados Ø vermelho tijolo

As UTCs acima listadas, por remeterem diretamente ao ‘vinho’ através de especificação de todas as propriedades sensoriais humanas, poderiam sofrer o apagamento do formativo [A] ‘vinho’ pela ocorrência de um conceito tautológico como em (52):

(52) vinho rosado de mistura = rosado de mistura

∅ rosado de mistura

Então, a elipse da base 'vinho' pode ser considerada como inserida no caso "formativo ∅ e tautologia" examinado por Faulstich.

As outras bases, por sofrerem especificação de apenas uma sensação (ou visual, ou olfativa, ou gustativa, ou tátil), também poderiam ser enquadradas no caso de "formativo ∅", porém, sem tautologia. Como em (53):

(53) aroma de flor de acácia ≠ flor de acácia

∅ flor de acácia

Em resumo, esse último caso proposto como "formativo com base elíptica" estaria enquadrado no caso de "formativo ∅ e tautologia" com a sugestão da inserção de uma espécie de "subcaso", isto é, aquelas UTCs que não apresentaram repetição conceitual e, por isso, não possuem tautologia, seriam incluídas no caso de "formativo ∅ sem tautologia".

Ainda é necessário pontuar que, no caso de UTC com base elíptica, estamos também diante de variantes coocorrentes, pois, durante a derivação, a partir do próprio momento do apagamento, poderíamos considerar que as formas elípticas seriam sinônimas das formas completas e poderiam ocorrer uma em lugar da outra.

4.2 Resultados

A partir da análise das UTCs no âmbito da ASE identificou-se que:

- a regra 2 foi a mais produtiva, com 78,66% de derivações;
- as regras 3 e 4 foram as menos produtivas, cada uma com 0,96% das derivações;
- o caso de maior número de ocorrências foi o caso de UTCs com formativos adjetivais, com 50,96% das UTCs coletadas;
- dois casos estudados por Faulstich (2003) que não tiveram ocorrências na Análise Sensorial Enológica:
 - 1) UTCs com formativo 'a' e significado apositivo;

- 2) UTCs com formativo com sufixo –mente.
- foram encontradas cinco UTCs com maior extensão do que as descritas por Faulstich (2003), são elas:
 - 1) ficha de avaliação por pontos e reconhecimento
 - 2) região de captação das sensações salinas
 - 3) tecido epidérmico central da língua
 - 4) umbral de percepção do sabor doce
 - 5) papilas gustativas da superfície lingual
- três casos novos foram identificados:
 - 1) UTCs com verbo nominalizado
 - 2) UTCs com formativo com conjunção aditiva
 - 3) UTCs com base elíptica que foi incluído no caso de formativo \emptyset e tautologia.

A partir da análise das UTCs do *corpus* examinado da Análise Sensorial Enológica através do constructo de Faulstich (2003), evidenciou-se que tal constructo foi capaz de descrever 89,17% dos dados analisados. Disso conclui-se que o constructo da gramática da terminologia de Faulstich (2003) tem satisfatório poder descritivo.

Com relação à variação lingüística, encontramos 10 UTCs relacionadas à variação concorrente, as quais estão em distribuição complementar, isto é, quando uma ocorrência se realiza, a outra não tem ambiente lingüístico para sua realização. As demais UTCs analisadas, como demonstramos, explicitam a situação de variação sinonímica no próprio processo de formação do termo.

O constructo de Faulstich (2003), através do estudo de casos realizado por Faulstich, foi capaz de descrever a formação de UTCs no âmbito da Análise Sensorial Enológica em 278 UTCs das 314 analisadas. Devido ao seu poder descritivo, esse constructo possibilitou levantar três novos casos para a análise das 38 UTCs restantes. Deste fato, infere-se que o constructo de Faulstich (2003) foi capaz de descrever satisfatoriamente a formação de 89,17% das UTCs coletadas da subárea Análise Sensorial Enológica.

O constructo de Faulstich (2003) possui um grau de adequação descritiva mais do que satisfatório, o qual se sustenta em suas propriedades especiais que enunciaremos a seguir.

A propriedade mais importante do constructo é o carácter recursivo das regras, isto é, suas regras podem se reaplicar sucessivamente às estruturas resultantes – UTCs – em um número indefinido de vezes. Essa propriedade sugere que o constructo tenha capacidade para caracterizar a expansividade de uma UTC.

A análise realizada no âmbito do léxico da Análise Sensorial Enológica revelou que o constructo de Faulstich (2003) apresenta a adequação descritiva compatível com os tipos de ocorrências de UTCs, isto é, o constructo de formação de termos explica de maneira consistente a formação de UTCs através de suas regras. Além disso, o constructo instrumentaliza o terminólogo com recursos lingüísticos que permitem a projeção de possíveis expansões dos termos nos domínios examinados.

Podemos dizer que o constructo de Faulstich parece poder explicar a formação de UTCs em qualquer linguagem de especialidade. Mas este fato ainda precisa ser estudado em pesquisas futuras.

O estudo realizado durante a análise das UTCs do léxico da ASE, através da aplicação do constructo de Faulstich (2003), possibilitou a identificação de uma propriedade especial de tal constructo. Essa propriedade é caracterizada pela própria adequação descritiva do modelo em questão. Ou seja, a natureza explanatória do modelo cria alternativas de aplicação às UTCs através de quase todos os níveis lingüísticos de análise, isto é, o constructo, para analisar e explicar a formação de unidades terminológicas, faz uso especialmente da semântica, mas também considera as combinatórias sintáticas possíveis e os acréscimos semânticos advindos da morfologia. Essa natureza explanatória, que imbrica propriedades lingüísticas de natureza diversa, ao nosso ver, constitui um bom argumento para caracterizarmos o constructo estudado nesta dissertação como um primeiro passo para a edificação de uma gramática dos termos.

RESUMO

Neste capítulo, apresentamos a análise do *corpus* amparada na proposta de Faulstich (2003) para uma gramática da Terminologia. Assim, a análise dos dados revelou que o constructo de Faulstich (2003) tem um poder

descritivo consistente e satisfatório para os casos examinados, tendo se mostrado apto a descrever a formação de termos da Análise Sensorial Enológica.

Agora, passemos às conclusões desta pesquisa.

CONCLUSÃO

Esta dissertação objetivou investigar o comportamento dos formativos de UTCs no âmbito da Análise Sensorial Enológica. De início, localizamos os pressupostos teóricos que sustentam a distinção entre estudos lexicológicos e terminológicos no âmbito dos estudos lingüísticos, e definimos que Lexicologia é o estudo das palavras no âmbito da língua comum e que Terminologia é o estudo do termo no âmbito das linguagens de especialidade. Também definimos que a Socioterminologia é uma disciplina que se ocupa da identificação e da categorização das variantes lingüísticas dos termos em diferentes tipos de situação de uso da língua em contextos especializados.

No segundo capítulo, sistematizamos os estudos sobre as UTCs, as quais identificamos como um conjunto com dois ou mais formativos numa organização sintática que constitui um termo com valor conceitual de um referente.

Colocadas essas bases para a nossa pesquisa, pudemos sistematizar a trajetória da Terminologia, inserida nos Estudos Lingüísticos.

Vimos que, nos estudos lingüísticos, existe uma disciplina denominada Lexicologia, que, como dissemos, é o estudo das palavras no âmbito da língua comum. Essa disciplina reserva lugar para o estudo do subléxico das linguagens de especialidade. As linguagens de especialidade possuem características particularizantes que as distanciam da língua comum, como a formação produtiva de unidades complexas. Por isso, a Terminologia, a

disciplina que estuda o termo no âmbito das linguagens de especialidade, é que tem competência para estudar esse tipo de característica.

No início dos estudos terminológicos, nos anos 30, a variação era considerada uma anomalia que precisava ser combatida e eliminada. No entanto, recentemente (década de 80), a variação em terminologia passou a ser considerada um fenômeno lingüístico normal e até necessário entre comunidades lingüísticas distintas. Então, a Socioterminologia surge como proposta para gerenciar essa variação, identificando-a e categorizando-a.

Nessa perspectiva, Faulstich desenvolve a Teoria Socioterminológica no Brasil, a partir do ponto de vista de que estudar o uso dos termos em contextos de língua oral e escrita levanta possibilidades de observação da variação pela identificação de variantes dentro do mesmo contexto ou em contexto diferentes em que o mesmo termo é usado. Assim, Faulstich caracterizou, categorizou e organizou os tipos de variantes terminológicas e fez evoluir a Teoria da Variação em Terminologia.

Com essa evolução, Faulstich, ao analisar o comportamento dessas variantes, constatou que tal comportamento seguia padrões formais passíveis de ser agrupados em casos e descritos por uma fórmula, por um constructo teórico. Então, essa autora propôs o constructo da variação em Terminologia, alicerçado na fórmula $C = \langle T(F), LT, R \rangle$ e analisou as variantes nos 10 casos apresentados no Capítulo 2.

No entanto, esse constructo pode adquirir o estatuto de gramática da Terminologia porque, se pode descrever a variação, então, ele é capaz de analisar também processos de formação de UTCs, entendidos como a somatória das variações possíveis, utilizando para isso os níveis sintático, semântico e morfológico de análise lingüística.

Para realizarmos a análise lingüística dos formativos de UTCs através da aplicação do constructo de Faulstich (2003), organizamos um *corpus* coletado em três momentos diferentes – Lara (1999), Duarte (2001) e Siqueira (2004) – inserido no léxico da Enologia, subléxico Análise Sensorial Enológica. Esse *corpus* recebeu tratamento computacional do ambiente Zstation elaborado por Zinglé (1997 e ss).

Baseamos o trabalho terminológico nas etapas da pesquisa desenvolvida pelo TERMIUM®, inclusive com a elaboração de fichas terminológicas das UTCs do *corpus* da Análise Sensorial Enológica.

Após a extração dos dados e sua confirmação pela metodologia do trabalho terminológico, eles foram analisados segundo o constructo proposto por Faulstich (2003), exposto no Capítulo 2.

Então, a análise foi amparada na proposta de Faulstich (2003), que revelou ter uma capacidade descritiva satisfatória, apresentando condições suficientes para descrever a formação de termos da Análise Sensorial Enológica.

Concluimos, como resultados da análise, que:

- o constructo de Faulstich (2003) possibilitou a descrição da formação de 89,17% das UTCs coletadas da subárea Análise Sensorial Enológica.
- a regra 2 foi a regra mais produtiva, com 78,66% de derivações;
- as regras 3 e 4 foram as menos produtivas, cada uma com 0,96% das derivações;
- o caso de maior número de ocorrências foi o caso de UTCs com formativos adjetivais, com 50,96% das UTCs coletadas;
- ocorreram dois casos estudados por Faulstich (2003) que não tiveram ocorrências na Análise Sensorial Enológica:
 - 3) UTCs com formativo 'a' e significado apositivo;
 - 4) UTCs com formativo com sufixo -mente.
- existiu um caso modificado: UTCs com formativos sob alçamento;
- foram encontradas cinco UTCs com maior extensão:
 - 6) ficha de avaliação por pontos e reconhecimento
 - 7) região de captação das sensações salinas
 - 8) tecido epidérmico central da língua
 - 9) umbral de percepção do sabor doce
 - 10) papilas gustativas da superfície lingual
- três casos novos foram sugeridos:
 - 1) UTCs com verbo nominalizado
 - 2) UTCs com formativo com conjunção aditiva
 - 3) UTCs com base elíptica

Identificamos duas propriedades que se destacaram durante a análise do constructo:

- 1) o caráter recursivo das regras, demonstrado pela numeração utilizada na seqüência da derivação (R1, R2, R3, Rn); e
- 2) a instrumentalização do terminólogo com recursos lingüísticos que permitem a projeção de possíveis expansões dos termos nos domínios examinados.

Como reconhecemos três novos casos durante a análise, um encaminhamento da pesquisa poderia ser constituído no sentido de aplicar o constructo a um *corpus* maior a fim de confirmarmos a existência desses referidos casos. Ainda com essa mesma finalidade e para corroborarmos os resultados desta pesquisa, poderíamos aplicar o constructo de Faulstich (2003) a áreas de especialidade distintas, inclusive em outras línguas, tendo em vista a hipótese de que o constructo teórico analisado é capaz de descrever qualquer linguagem de especialidade inserida em qualquer língua.

Outro encaminhamento diz respeito ao estudo do caso de formativos sob alçamento, com o objetivo de verificarmos questões de variação de sentido relacionadas com formativos alçados.

Pretendemos continuar nosso trabalho relacionado com a organização das fichas terminológicas, tendo em vista que identificamos termos sem definição e outros com definições problemáticas. Por não ser objetivo do nosso trabalho o estudo da definição dos termos, não colocaremos tais problemas aqui, mas em outras oportunidades vindouras.

Para concluir, registramos novamente que a análise dos dados revelou que o constructo de Faulstich (2003) tem um satisfatório poder descritivo, porque possibilitou a descrição de 89,17% das UTCs coletadas da subárea Análise Sensorial Enológica e, ainda, possibilitou-nos propor a inserção de mais três casos aos já existentes.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ABREU, S. P. & LARA, L. Z. *Considerações sobre a formação lexical de verbos denominais em linguagem de especialidade*. Letras de Hoje. Porto Alegre, vol. 35, 2000, p. 139-154.
- ALVES, Ieda Maria. *A delimitação da unidade lexical nas línguas de especialidade*. In: Palavra, SP, 1999.
- AUGER, Pierre. & ROSSEAU, Louis-Jean. *Méthodologie de la recherche terminologique*. Dans: Études, recherches et documentation. Gouvernement du Québec. 1978.
- AUGER, Pierre. *Lés outils de la terminotique: tupologie des logiciels d'aide à la terminologie et/ou d'automatisation de la chaîne de travail em terminographie*. Terminologies nouvelles, no. 11, p. 46-52, 1994.
- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BASILIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1999, 2ª ed.
- BOULANGER, J.C. *Le miroir aux alouettes: le calque en intelligence artificielle*. Langage et l'Homme, vol. 23, fasc.1, 1988.
- BOULANGER, J.C. *Une lecture socioculturelle de la terminologie*. Cahiers de Linguistique Sociale: Terminologie et sociolinguistique, no. 18, Mont Saint Aignan, Université de Rouen, edité par F. Gaudin et A. Assal, 1991.

- CABRÉ, M.T. *Bases cognitivas de la terminología: hacia una visión comunicativa del concepto*. Instituto Universitário de Lingüística Aplicada. Universidade Pompeu Fabra, Barcelona, 2002.
- CABRÉ, M. T. *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona, Ed. Antártida/Empúries, 1993.
- CABRÉ, M.T. *Hacia un nuevo modelo de bancos de datos terminológicos*. In: VI Simpósio Iberoamericano de Terminología, Cuba, 16-20 de novembro, 1998.
- CABRÉ, M. T. *Sociocognitive terminology theory*. In: II Simpósio Internacional de Veranode. 13-16 de julho de 1999. Barcelona, IULA. 2001.
- CAFÉ, Lígia. *La description et l'analyse des unités terminologiques complexes en langue portugaise (variété brésilienne): une contribution à l'automatisation de la banque de données terminologiques du Brésil (BRASILTERM)*. Tomos I e II. Tese. Quebec. 1999.
- CASSANY, Daniel, MARTÍ, Jaume. *Estrategias de divulgación de um conceito científico: el prión*. In: I Simpósio Internacional de Análise do Discurso, Visor Libros, Barcelona, 2002.
- CELESTIN, Tina et al. *Méthodologie de la recherche terminologique ponctuelle*. Dans: Études, recherches et Documentation. Gouvernement du Québec, 1984.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de lingüística e fonética*. Tradução e adaptação de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.
- DIK, Simon. *Gramática funcional*. Sociedade General Española de Libreria. Madrid, 1977.
- DUARTE, Denise S. *Unidades terminológicas complexas: um estudo lexical no âmbito da Análise Sensorial Enológica*. Dissertação de mestrado. UFRGS, 2001.
- FAULSTICH, Enilde. *Interpretação de variante lexical: ensino/aprendizagem de vocabulário em livro didático de primeiro grau*. São Paulo, USP. Tese. 1988.
- _____. *Metodologia para projeto terminográfico*. Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernáculos, Centro Lexterm, Brasília, 1990.

- _____. *Natureza epistemológica do lexema e do termo*. In: XXIII Anais de seminários do GEL, vol. 1, 313-319, 1994.
- _____. *Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação*. Brasília: Centro Lextern, 1995.
- _____. *Terminologia: cooperação e intercâmbio*. In: Jornada Panllatina de Terminología, IULA, Univerdade Pompeo-Fabra, Barcelona, Dezembro, 1995.
- _____. *Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina*. Brasília, v.24, n. 3, p. 281-288, set./dez. 1995.
- _____. *Spécificités linguistiques de la lexicologie. Nature épistémologique*. Meta, XLI, 02/04/1996.
- _____. *Variantes terminológicas: princípios lingüísticos de análise e método de recolha*. In: Seminaire Realiter, Université Nice Sophia Antipolis, Nice, Julho, 1996.
- _____. *Da lingüística histórica à terminologia*. In: Investigações: Linguística e Teoria Literária, vol. 7, 1997, p. 71-101.
- _____. *Planificação lingüística e problemas de normalização*. In: Alfa, São Paulo, n. 42, 1998, p. 247-268.
- _____. *A terminologia no Brasil: histórico e perspectivas II*. In: A Terminologia no Brasil, Número Especial, 1998.
- _____. *Princípios formais e funcionais da variação em terminologia*. Seminário de Terminologia Teórica, Barcelona, 28-29 de janeiro, 1999.
- _____. *Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista*. In: Tradterm, n.7, Barcelona, 2001, p. 11-40.
- _____. *Formação de Termos: do constructo e das regras às evidências empíricas*. In: FAULSTICH, E.; ABREU, S.P. de (orgs). *Linguística aplicada à terminologia – Cooperação Internacional: Brasil e Canadá*. Porto Alegre, UFRGS, 2003.
- FINATTO, Maria José Bocomy. *Definição terminológica: fundamentos teórico-metológicos para sua descrição e explicação*. Tese de doutorado. UFRGS. Porto Alegre, 2001.
- FERRERO, Carmen López. *Aproximaciones al análisis de los discursos profesionales*. In: Revista Signos, Vol. XXXV, Valparaiso, 2002.
- KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992.

- LAMBERTI, Flávia Cristina Cruz. *Empréstimos lingüísticos no português do Brasil: uma interpretação variacionista*. Dissertação de Mestrado. Brasília, UnB, 1999.
- LARA, Leandro Zanetti. *Análise sensorial enológica: proposta para elaboração de um glossário técnico*. UFRGS. 1999.
- LEE, Seung-Hwa. *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. Tese de doutorado. UNICAMP, 1995.
- MACIEL, Anna Maria Becker. *Para o reconhecimento da especificidade do termo jurídico*. Tese de doutorado. UFRGS. Porto Alegre, 2001.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo, Editora UNESP, 2000.
- NIKLAS-SALMINEN, Aïno. *La lexicologie*. Paris, Masson & Armand Colin Éditeurs, 1997.
- OLIVEIRA, M. Francisca A. *O tratamento da sinonímia no dicionário escolar*. Dissertação (Lingüística) – Universidade de Brasília, 2001.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1999, 1ª ed.
- ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.
- SAGER, Juan C. *A practical course in terminology processing*. EUA, John Benjamins Publishing Company, 1990.
- SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor. Ícone, 1988.
- _____. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.
- _____. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1997.
- SILVA, Regina Maria Furquim Freire da. *Terminologização e Lexicalização: proporcionalidade e divergências*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2003.
- SPENCER, Andrew. *The place of morphology*. In: _____. *Morphological theory: na introductiona to Word structure ingenerative grammar*. Cambridge, MA: Brasil Blackwell, 1991, p. 423-459.
- VILLALVA, Alina. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Tese de doutorado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1994.

ZINGLÉ, H. *Acquisition et traitement de données terminologiques avec Ztermino*. Travaux du Lilla n.2, Publ. De la Faculté des Lettres, Arts et Sciences Humaines de l'Université de Nice-Sophia Antipolis, 1997.

MANUAIS E OBRAS TERMINOGRÁFICAS

AMARANTE, J. O. A. *Vinhos do Brasil e do mundo para conhecer e beber*. São Paulo, Summus Editorial, 1983.

BENNETT, J. Claude e PLUM, Fred. *Tratado de Medicina interna*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan. 1997, 2ª ed, Vol1e2.

BONJORNO, Regina Azenha. *Física fundamental*. São Paulo, FTD, 1997.

CATALUÑA, E. *As uvas e os vinhos*. Publicações Globo Rural. Rio de Janeiro, Ed. Globo, 1988 .

LONA, A. A. *Vinhos – degustação, elaboração e serviço*. Porto Alegre, AGE Editora, 1996.

PAVEL, S. & NOLET, D. *Handbook of Terminology*. Translation Bureau. Minister of Public Works and Government Services Canada, 2001.

RATTI, R . *Como degustar os vinhos*. In: _____. Manual do degustador. Bento Gonçalves, Edições AEB Latino Americana, 1984.

SCHROEDER, O. B. *Iniciação ao vinho*. Ed. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1985 .

SITES DA INTERNET PESQUISADOS

<http://www.stratsplace.com/7ich/glossary.html/>

<http://www.academiadovinho.com.br/bibliotec/glossario.html/>

<http://www.e-mercatura.net/html/glossario.asp?/html/>

<http://www.bvbv.hpg.ig.com.br/acervo/une/une14.html/>

[http://www.dequim.ist.utl//bbio/66/pdf/Remoção zimologica daacidez.pdf](http://www.dequim.ist.utl//bbio/66/pdf/Remoção_zimologica_daacidez.pdf)

<http://www.winexperts.com.br>

ANEXO I
ANÁLISE DO CORPUS ATRAVÉS DO CONSTRUCTO

FORMATIVO ZERO E TAUTOLOGIA

1. papilas gustativas da superfície lingual		[F, T]
papilas	[AF]	R1
papilas \emptyset da superfície lingual	[A \emptyset CDF]	R2
papilas gustativas $\emptyset \emptyset$	[AB $\emptyset\emptyset$ F]	R3
papilas gustativas da superfície lingual	[ABCDF]	R4
2. papilas gustativas linguais		[F, T]
papilas	[AF]	R1
papilas \emptyset linguais	[A \emptyset CF]	R2
papilas gustativas \emptyset	[AB \emptyset F]	R3
papilas gustativas linguais	[ABCF]	R4

FORMATIVO PREPOSICIONADO

1. aprendizado de olfação		[F, T]
aprendizado	[AF]	R1
aprendizado de olfação	[ABF]	R2
2. áreas de sensibilidade gustativa		[F, T]
áreas	[AF]	R1
áreas de sensibilidade	[ABF]	R2
áreas de sensibilidade gustativa	[ABCF]	R3

3. aroma de animais		[F, T]
aroma	[AF]	R1
aroma de animais	[ABF]	R2
4. aroma de ervas		[F, T]
aroma	[AF]	R1
aroma de ervas	[ABF]	R2
5. aroma de especiarias		[F, T]
aroma	[AF]	R1
aroma de especiarias	[ABF]	R2
8. aroma de manteiga		[F, T]
aroma	[AF]	R1
aroma de manteiga	[ABF]	R2
9. aromas de flores		[F, T]
aromas	[AF]	R1
aromas de flores	[ABF]	R2
10. batoque de lado		[F, T]
batoque	[AF]	R1
batoque de lado	[ABF]	R2
11. cálice de degustação		[F, T]
cálice	[AF]	R1
cálice de degustação	[ABF]	R2

12. características de limpidez		[F, T]
características	[AF]	R1
características de limpidez	[ABF]	R2
13. casca de cebola		[F, T]
casca	[AF]	R1
casca de cebola	[ABF]	R2
14. casca de laranja		[F, T]
casca	[AF]	R1
casca de laranja	[ABF]	R2
15. cheiro de rolha		[F, T]
cheiro	[AF]	R1
cheiro de rolha	[ABF]	R2
16. copo de degustação		[F, T]
copo	[AF]	R1
copo de degustação	[ABF]	R2
17. copo de prova		[F, T]
copo	[AF]	R1
copo de prova	[ABF]	R2
18. degustação de avaliação por pontos		[F, T]
degustação	[AF]	R1
degustação de avaliação	[ABF]	R2
degustação de avaliação por pontos	[ABCF]	R3

19. degustação de base		[F, T]
degustação	[AF]	R1
degustação de base	[ABF]	R2
20. degustação de cantina		[F, T]
degustação	[AF]	R1
degustação de cantina	[ABF]	R2
21. degustação de idoneidade		[F, T]
degustação	[AF]	R1
degustação de idoneidade	[ABF]	R2
22. degustação de qualidade		[F, T]
degustação	[AF]	R1
degustação de qualidade	[ABF]	R2
23. degustação de reconhecimento		[F, T]
degustação	[AF]	R1
degustação de reconhecimento	[ABF]	R2
24. doce de fruta		[F, T]
doce	[AF]	R1
doce de fruta	[ABF]	R2
25. escala de avaliação		[F, T]
escala	[AF]	R1
escala de avaliação	[ABF]	R2

26. escala de intensidade		[F, T]
escala	[AF]	R1
escala de intensidade	[ABF]	R2
27. escala de limpidez		[F, T]
escala	[AF]	R1
escala de limpidez	[ABF]	R2
28. exame de limpidez		[F, T]
exame	[AF]	R1
exame de limpidez	[ABF]	R2
29. exame de transparência		[F, T]
exame	[AF]	R1
exame de transparência	[ABF]	R2
30. exame de viscosidade		[F, T]
exame	[AF]	R1
exame de viscosidade	[ABF]	R2
31. ficha de avaliação		[F, T]
ficha	[AF]	R1
ficha de avaliação	[ABF]	R2
32. ficha de degustação		[F, T]
ficha	[AF]	R1
ficha de degustação	[ABF]	R2
33. formação de espuma		[F, T]
formação	[AF]	R1
formação de espuma	[ABF]	R2

34. gama de sensações		[F, T]
gama	[AF]	R1
gama de sensações	[ABF]	R2
35. grau de ataque		[F, T]
grau	[AF]	R1
grau de ataque	[ABF]	R2
36. grau de limpidez		[F, T]
grau	[AF]	R1
grau de limpidez	[ABF]	R2
37. grau de persistência		[F, T]
grau	[AF]	R1
grau de persistência	[ABF]	R2
38. licor de expedição		[F, T]
licor	[AF]	R1
licor de expedição	[ABF]	R2
39. licor de tiragem		[F, T]
licor	[AF]	R1
licor de tiragem	[ABF]	R2
40. método de avaliação		[F, T]
método	[AF]	R1
método de avaliação	[ABF]	R2
41. mosto de gota		[F, T]
mosto	[AF]	R1
mosto de gota	[ABF]	R2

42. mosto de prensa		[F, T]
mosto	[AF]	R1
mosto de prensa	[ABF]	R2
43. odor de noz		[F, T]
odor	[AF]	R1
odor de noz	[ABF]	R2
44. odor de pimenta		[F, T]
odor	[AF]	R1
odor de pimenta	[ABF]	R2
45. odor de sabugueiro		[F, T]
odor	[AF]	R1
odor de sabugueiro	[ABF]	R2
46. odor de trufa		[F, T]
odor	[AF]	R1
odor de trufa	[ABF]	R2
47. odores de baunilha		[F, T]
odores	[AF]	R1
odores de baunilha	[ABF]	R2
48. odores de torrefação		[F, T]
odores	[AF]	R1
odores de torrefação	[ABF]	R2

49. pontas de álcool		[F, T]
pontas	[AF]	R1
pontas de álcool	[ABF]	R2
50. região de captação das sensações salinas		[F, T]
região	[AF]	R1
região de captação	[ABF]	R2
região de captação das sensações	[ABCF]	R3
região de captação das sensações salinas	[ABCDF]	R4
51. repertório de odores		[F, T]
repertório	[AF]	R1
repertório de odores	[ABF]	R2
52. sensação de acidez		[F, T]
sensação	[AF]	R1
sensação de acidez	[ABF]	R2
53. sensação de adstringência		[F, T]
sensação	[AF]	R1
sensação de adstringência	[ABF]	R2
54. sensação de amargo		[F, T]
sensação	[AF]	R1
sensação de amargo	[ABF]	R2
55. sensação de calor		[F, T]
sensação	[AF]	R1
sensação de calor	[ABF]	R2

56. sensação de corpo		[F, T]
sensação	[AF]	R1
sensação de corpo	[ABF]	R2
57. sensação de doce		[F, T]
sensação	[AF]	R1
sensação de doce	[ABF]	R2
58. sensação de harmonia		[F, T]
sensação	[AF]	R1
sensação de harmonia	[ABF]	R2
59. sensação de temperatura na boca		[F, T]
sensação	[AF]	R1
sensação de temperatura	[ABF]	R2
sensação de temperatura na boca	[ABCF]	R3
60. tintos de guarda		[F, T]
tintos	[AF]	R1
tintos de guarda	[ABF]	R2
61. tipos de degustação		[F, T]
tipos	[AF]	R1
tipos de degustação	[ABF]	R2
62. tipos de papilas		[F, T]
tipos	[AF]	R1
tipos de papilas	[ABF]	R2

63. tipos de sensações		[F, T]
tipos	[AF]	R1
tipos de sensações	[ABF]	R2
64. tonalidades de cor		[F, T]
tonalidades	[AF]	R1
tonalidades de cor	[ABF]	R2
65. umbral de percepção do sabor doce		[F, T]
umbral	[AF]	R1
umbral de percepção	[ABF]	R2
umbral de percepção do sabor	[ABCF]	R3
umbral de percepção do sabor doce	[ABCDF]	R4
66. videira de vinho		[F, T]
videira	[AF]	R1
videira de vinho	[ABF]	R2
67. vinho de caldeira		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho de caldeira	[ABF]	R2
68. vinho de gota		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho de gota	[ABF]	R2
69. vinho de lágrima		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho de lágrima	[ABF]	R2

70. vinho de longa guarda		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho de guarda	[ABF]	R2
vinho de longa guarda	[ACBF]	R3
71. vinho de lote		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho de lote	[ABF]	R2
72. vinho de mesa		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho de mesa	[ABF]	R2
73. vinho de missa		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho de missa	[ABF]	R2

FORMATIVOS ADJETIVAIS

1. acidez adstringente		[F, T]
acidez	[AF]	R1
acidez adstringente	[ABF]	R2
2. acidez agressiva		[F, T]

acidez	[AF]	R1
acidez agresiva	[ABF]	R2
3. acidez equilibrada		[F, T]
acidez	[AF]	R1
acidez equilibrada	[ABF]	R2
4. acidez fija		[F, T]
acidez	[AF]	R1
acidez fija	[ABF]	R2
5. acidez málica		[F, T]
acidez	[AF]	R1
acidez málica	[ABF]	R2
6. acidez real		[F, T]
acidez	[AF]	R1
acidez real	[ABF]	R2
7. acidez refrescante		[F, T]
acidez	[AF]	R1
acidez refrescante	[ABF]	R2
8. acidez total		[F, T]
acidez	[AF]	R1
acidez total	[ABF]	R2
9. acidez volátil		[F, T]
acidez	[AF]	R1
acidez volátil	[ABF]	R2

10. ácido agressivo		[F, T]
ácido	[AF]	R1
ácido agressivo	[ABF]	R2
11. açúcar invertido		[F, T]
açúcar	[AF]	R1
açúcar invertido	[ABF]	R2
12. açúcares fermentescíveis		[F, T]
açúcares	[AF]	R1
açúcares fermentescíveis	[ABF]	R2
13. adaptação sensorial		[F, T]
adaptação	[AF]	R1
adaptação sensorial	[ABF]	R2
14. aguardente vínica		[F, T]
aguardente	[AF]	R1
aguardente vínica	[ABF]	R2
15. análise gustativa		[F, T]
análise	[AF]	R1
análise gustativa	[ABF]	R2
16. análise olfativa		[F, T]
análise	[AF]	R1
análise olfativa	[ABF]	R2
17. análise organoléptica total		[F, T]
análise	[AF]	R1
análise organoléptica	[ABF]	R2

análise organoléptica total	[ABCF]	R3
18. análise sensorial		[F, T]
análise	[AF]	R1
análise sensorial	[ABF]	R2
19. análise visual		[F, T]
análise	[AF]	R1
análise visual	[ABF]	R2
20. aroma intenso		[F, T]
aroma	[AF]	R1
aroma intenso	[ABF]	R2
21. aromas alimentares		[F, T]
aromas	[AF]	R1
aromas alimentares	[ABF]	R2
22. aromas complexos		[F, T]
aromas	[AF]	R1
aromas complexos	[ABF]	R2
23. aromas específicos do vinho		[F, T]
aromas	[AF]	R1
aromas específicos	[ABF]	R2
aromas específicos do vinho	[ABCF]	R3
24. aromas primários		[F, T]
aromas	[AF]	R1
aromas primários	[ABF]	R2

25. aromas secundários		[F, T]
aromas	[AF]	R1
aromas secundários	[ABF]	R2
26. aromas terciários		[F, T]
aromas	[AF]	R1
aromas terciários	[ABF]	R2
27. aromas vínicos		[F, T]
aromas	[AF]	R1
aromas vínicos	[ABF]	R2
28. aspectos negativos		[F, T]
aspectos	[AF]	R1
aspectos negativos	[ABF]	R2
29. aspiração direta		[F, T]
aspiração	[AF]	R1
aspiração direta	[ABF]	R2
30. avaliação geral		[F, T]
avaliação	[AF]	R1
avaliação geral	[ABF]	R2
31. avaliação qualitativa		[F, T]
avaliação	[AF]	R1
avaliação qualitativa	[ABF]	R2
32. avaliação quantitativa	[F, T]	
avaliação	[AF]	R1
avaliação quantitativa	[ABF]	R2

33. bica aberta		[F, T]
bica	[AF]	R1
bica aberta	[ABF]	R2
34. boca seca		[F, T]
boca	[AF]	R1
boca seca	[ABF]	R2
35. borda lateral da língua		[F, T]
borda	[AF]	R1
borda lateral	[ABF]	R2
borda lateral da língua	[ABCF]	R3
36. borracha queimada		[F, T]
borracha	[AF]	R1
borracha queimada	[ABF]	R2
37. capacidade sensorial		[F, T]
capacidade	[AF]	R1
capacidade sensorial	[ABF]	R2
38. caracteres específicos		[F, T]
caracteres	[AF]	R1
caracteres específicos	[ABF]	R2
39. caracteres objetivos		[F, T]
caracteres	[AF]	R1
caracteres objetivos	[ABF]	R2

40. caracteres organolépticos		[F, T]
caracteres	[AF]	R1
caracteres organolépticos	[ABF]	R2
41. característica olfativa		[F, T]
característica	[AF]	R1
característica olfativa	[ABF]	R2
42. características aromáticas		[F, T]
características	[AF]	R1
características aromáticas	[ABF]	R2
43. características olfativas		[F, T]
características	[AF]	R1
características olfativas	[ABF]	R2
44. características organolépticas		[F, T]
características	[AF]	R1
características organolépticas	[ABF]	R2
45. características positivas		[F, T]
características	[AF]	R1
características positivas	[ABF]	R2
46. características varietais		[F, T]
características	[AF]	R1
características varietais	[ABF]	R2
47. casta noble		[F, T]
casta	[AF]	R1
casta noble	[ABF]	R2

48. cavidade bucal		[F, T]
cavidade	[AF]	R1
cavidade bucal	[ABF]	R2
49. cavidade oral		[F, T]
cavidade	[AF]	R1
cavidade oral	[ABF]	R2
50. componentes aromáticos		[F, T]
componentes	[AF]	R1
componentes aromáticos	[ABF]	R2
51. componentes organolépticos		[F, T]
componentes	[AF]	R1
componentes organolépticos	[ABF]	R2
52. copo cilíndrico		[F, T]
copo	[AF]	R1
copo cilíndrico	[ABF]	R2
53. cor vermelho rubi		[F, T]
cor	[AF]	R1
cor vermelho	[ABF]	R2
cor vermelho rubi	[ABCF]	R3
54. cores intensas		[F, T]
cores	[AF]	R1
cores intensas	[ABF]	R2

55. cores pálidas		[F, T]
cores	[AF]	R1
cores pálidas	[ABF]	R2
56. corpúsculos gustativos		[F, T]
corpúsculos	[AF]	R1
corpúsculos gustativos	[ABF]	R2
57. cremor tartárico		[F, T]
cremor	[AF]	R1
cremor tartárico	[ABF]	R2
58. degustação analítica		[F, T]
degustação	[AF]	R1
degustação analítica	[ABF]	R2
59. degustação tradicional		[F, T]
degustação	[AF]	R1
degustação tradicional	[ABF]	R2
60. exame final		[F, T]
exame	[AF]	R1
exame final	[ABF]	R2
61. exame gustativo		[F, T]
exame	[AF]	R1
exame gustativo	[ABF]	R2

62. exame olfativo		[F, T]
exame	[AF]	R1
exame olfativo	[ABF]	R2
63. exame organoléptico		[F, T]
exame	[AF]	R1
exame organoléptico	[ABF]	R2
64. exame visual		[F, T]
exame	[AF]	R1
exame visual	[ABF]	R2
65. fase inicial de ataque		[F, T]
fase	[AF]	R1
fase inicial	[ABF]	R2
fase inicial de ataque	[ABCF]	R3
66. fase olfativa		[F, T]
fase	[AF]	R1
fase olfativa	[ABF]	R2
67. ficha ampelográfica		[F, T]
ficha	[AF]	R1
ficha ampelográfica	[ABF]	R2
68. fineza aromática		[F, T]
fineza	[AF]	R1
fineza aromática	[ABF]	R2

69. frescor acidulado		[F, T]
frescor	[AF]	R1
frescor acidulado	[ABF]	R2
70. grande reserva		[F, T]
reserva	[AF]	R1
grande reserva	[BAF]	R2
71. grande vinho		[F, T]
vinho	[AF]	R1
grande vinho	[BAF]	R2
72. identificações organolépticas		[F, T]
identificações	[AF]	R1
identificações organolépticas	[ABF]	R2
73. impressões aromáticas		[F, T]
impressões	[AF]	R1
impressões aromáticas	[ABF]	R2
74. impressões gustativas		[F, T]
impressões	[AF]	R1
impressões gustativas	[ABF]	R2
75. intensidade aromática		[F, T]
intensidade	[AF]	R1
intensidade aromática	[ABF]	R2
76. julgamento geral		[F, T]
julgamento	[AF]	R1
julgamento geral	[ABF]	R2

77. julgamento técnico		[F, T]
julgamento	[AF]	R1
julgamento técnico	[ABF]	R2
78. limiar normal gustativo		[F, T]
limiar	[AF]	R1
limiar normal	[ABF]	R2
limiar normal gustativo	[ABCF]	R3
79. limiar normal olfativo		[F, T]
limiar	[AF]	R1
limiar normal	[ABF]	R2
limiar normal olfativo	[ABCF]	R3
80. material coloidal em suspensão		[F, T]
material	[AF]	R1
material coloidal	[ABF]	R2
material coloidal em suspensão	[ABCF]	R3
81. margem póstero-lateral		[F, T]
margem	[AF]	R1
margem póstero-lateral	[ABF]	R2
82. mecanismo neurofisiológico da degustação		[F, T]
mecanismo	[AF]	R1
mecanismo neurofisiológico	[ABF]	R2
mecanismo neurofisiológico da degustação	[ABCF]	R3
83. mucosa olfativa		[F, T]
mucosa	[AF]	R1
mucosa olfativa	[ABF]	R2

84. observação visual		[F, T]
observação	[AF]	R1
observação visual	[ABF]	R2
85. parte central da língua		[F, T]
parte	[AF]	R1
parte central	[ABF]	R2
parte central da língua	[ABCF]	R3
86. potência visual		[F, T]
potência	[AF]	R1
potência visual	[ABF]	R2
87. prova cega		[F, T]
prova	[AF]	R1
prova cega	[ABF]	R2
88. prova comparativa		[F, T]
prova	[AF]	R1
prova comparativa	[ABF]	R2
89. prova varietal		[F, T]
prova	[AF]	R1
prova varietal	[ABF]	R2
90. prova vertical		[F, T]
prova	[AF]	R1
prova vertical	[ABF]	R2

91. receptores específicos		[F, T]
receptores	[AF]	R1
receptores específicos	[ABF]	R2
92. reflexos amarelados		[F, T]
reflexos	[AF]	R1
reflexos amarelados	[ABF]	R2
93. registro nasal nervoso		[F, T]
registro	[AF]	R1
registro nasal	[ABF]	R2
registro nasal nervoso	[ABCF]	R3
94. regras básicas		[F, T]
regras	[AF]	R1
regras básicas	[ABF]	R2
95. sabor ácido		[F, T]
sabor	[AF]	R1
sabor ácido	[ABF]	R2
96. sabor amargo		[F, T]
sabor	[AF]	R1
sabor amargo	[ABF]	R2
97. sabor doce		[F, T]
sabor	[AF]	R1
sabor doce	[ABF]	R2

98. sabor salgado		[F, T]
sabor	[AF]	R1
sabor salgado	[ABF]	R2
99. sabores ácidos		[F, T]
sabores	[AF]	R1
sabores ácidos	[ABF]	R2
100. sabores básicos		[F, T]
sabores	[AF]	R1
sabores básicos	[ABF]	R2
101. sabores doces aparentes		[F, T]
sabores	[AF]	R1
sabores doces	[ABF]	R2
sabores doces aparentes	[ABCF]	R3
102. sabores doces reais		[F, T]
sabores	[AF]	R1
sabores doces	[ABF]	R2
sabores doces reais	[ABCF]	R3
103. segundo vinho		[F, T]
vinho	[AF]	R1
segundo vinho	[BAF]	R2
104. sensação ácida		[F, T]
sensação	[AF]	R1
sensação ácida	[ABF]	R2

105. sensação gustativa		[F, T]
sensação	[AF]	R1
sensação gustativa	[ABF]	R2
106. sensação gusto-olfativa		[F, T]
sensação	[AF]	R1
sensação gusto-olfativa	[ABF]	R2
107. sensação olfativa		[F, T]
sensação	[AF]	R1
sensação olfativa	[ABF]	R2
108. sensação tátil		[F, T]
sensação	[AF]	R1
sensação tátil	[ABF]	R2
109. sensações específicas		[F, T]
sensações	[AF]	R1
sensações específicas	[ABF]	R2
110. sensações gerais		[F, T]
sensações	[AF]	R1
sensações gerais	[ABF]	R2
111. sensações retro-olfativas		[F, T]
sensações	[AF]	R1
sensações retro-olfativas	[ABF]	R2

112. sensações térmicas		[F, T]
sensações	[AF]	R1
sensações térmicas	[ABF]	R2
113. sensações visuais		[F, T]
sensações	[AF]	R1
sensações visuais	[ABF]	R2
114. sensações olfativas		[F, T]
sensações	[AF]	R1
sensações olfativas	[ABF]	R2
115. sensibilidade gustativa		[F, T]
sensibilidade	[AF]	R1
sensibilidade gustativa	[ABF]	R2
116. substâncias aromáticas		[F, T]
substâncias	[AF]	R1
substâncias aromáticas	[ABF]	R2
117. substâncias odoríficas		[F, T]
substâncias	[AF]	R1
substâncias odoríficas	[ABF]	R2
118. substâncias sápidas		[F, T]
substâncias	[AF]	R1
substâncias sápidas	[ABF]	R2
119. substâncias voláteis		[F, T]
substâncias	[AF]	R1
substâncias voláteis	[ABF]	R2

120. tecido epidérmico central da cavidade bucal		[F, T]
tecido	[AF]	R1
tecido epidérmico	[ABF]	R2
tecido epidérmico central	[ABCF]	R3
tecido epidérmico central da cavidade	[ABCDF]	R4
tecido epidérmico central da cavidade bucal	[ABCDEF]	R5
121. tecido epidérmico central da língua		[F, T]
tecido	[AF]	R1
tecido epidérmico	[ABF]	R2
tecido epidérmico central	[ABCF]	R3
tecido epidérmico central da língua	[ABCDF]	R4
122. uvas americanas		[F, T]
uvas	[AF]	R1
uvas americanas	[ABF]	R2
123. uvas aromáticas		[F, T]
uvas	[AF]	R1
uvas aromáticas	[ABF]	R2
124. uvas podres		[F, T]
uvas	[AF]	R1
uvas podres	[ABF]	R2
125. uvas verdes		[F, T]
uvas	[AF]	R1
uvas verdes	[ABF]	R2

126. via conduto retronasal		[F, T]
via	[AF]	R1
via conduto	[ABF]	R2
via conduto retronasal	[ABCF]	R3
127. via nasal direta		[F, T]
via	[AF]	R1
via nasal	[ABF]	R2
via nasal direta	[ABCF]	R3
128. via retronasal		[F, T]
via	[AF]	R1
via retronasal	[ABF]	R2
129. vinho aguado		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho aguado	[ABF]	R2
130. vinho branco		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho branco	[ABF]	R2
131. vinho branco jovem		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho branco	[ABF]	R2
vinho branco jovem	[ABCF]	R3
132. vinho corrente		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho corrente	[ABF]	R2

133. vinho doce natural		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho doce	[ABF]	R2
vinho doce natural	[ABCF]	R3
134. vinho fino		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho fino	[ABF]	R2
135. vinho generoso		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho generoso	[ABF]	R2
136. vinho jovem		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho jovem	[ABF]	R2
137. vinho licoroso		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho licoroso	[ABF]	R2
138. vinho quente		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho quente	[ABF]	R2
139. vinho rico		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho rico	[ABF]	R2

140. vinho saboroso		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho saboroso	[ABF]	R2
141. vinho salino		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho salino	[ABF]	R2
142. vinho tenro		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho tenro	[ABF]	R2
143. vinho tênue		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho tênue	[ABF]	R2
144. vinho tinto		[F, T]
vinho	[AF]	R1
vinho tinto	[ABF]	R2
145. vinhos aromáticos		[F, T]
vinhos	[AF]	R1
vinhos aromáticos	[ABF]	R2
146. vinhos aromatizados		[F, T]
vinhos	[AF]	R1
vinhos aromatizados	[ABF]	R2
147. vinhos brancos maduros		[F, T]
vinhos	[AF]	R1
vinhos brancos	[ABF]	R2
vinhos brancos maduros	[ABCF]	R3

148. vinhos brancos secos		[F, T]
vinhos	[AF]	R1
vinhos brancos	[ABF]	R2
vinhos brancos secos	[ABCF]	R3
149. vinhos curtos		[F, T]
vinhos	[AF]	R1
vinhos curtos	[ABF]	R2
150. vinhos especiais		[F, T]
vinhos	[AF]	R1
vinhos especiais	[ABF]	R2
151. vinhos licorosos		[F, T]
vinhos	[AF]	R1
vinhos licorosos	[ABF]	R2
152. vinhos novos		[F, T]
vinhos	[AF]	R1
vinhos novos	[ABF]	R2
153. vinhos oxidados		[F, T]
vinhos	[AF]	R1
vinhos oxidados	[ABF]	R2
154. vinhos rosados		[F, T]
vinhos	[AF]	R1
vinhos rosados	[ABF]	R2
155. vinhos secos		[F, T]

vinhos	[AF]	R1
vinhos secos	[ABF]	R2
156. vinhos tintos de guarda		[F, T]
vinhos	[AF]	R1
vinhos tintos	[ABF]	R2
vinhos tintos de guarda	[ABCF]	R3
157. vinhos tranqüilos		[F, T]
vinhos	[AF]	R1
vinhos tranqüilos	[ABF]	R2
158. vinhos velhos		[F, T]
vinhos	[AF]	R1
vinhos velhos	[ABF]	R2
159. vinhos verdes de Portugal		[F, T]
vinhos	[AF]	R1
vinhos verdes	[ABF]	R2
vinhos verdes de Portugal	[ABCF]	R3
160. zona amarga		[F, T]
zona	[AF]	R1
zona amarga	[ABF]	R2

FORMATIVOS SOB ALÇAMENTO

1. caracteres olfato-gustativos		[F, T]
caracteres gusto-olfativos		[F, T]
caracteres	[AF]	R1
caracteres olfato-gustativos	[ABF]	R2
caracteres gusto-olfativos	[ABF]	R2

FORMATIVO [A] COM BASE NOMINALIZADA

1. avaliação da cor		[F, T]
avaliação	[AF]	R1
avaliação da cor	[ABF]	R2
2. denominação de bouquet de redução		[F, T]
denominação de bouquet	[ABF]	R1
denominação de bouquet de redução	[ABCF]	R2
3. determinação da fineza		[F, T]
determinação	[AF]	R1
determinação da fineza	[ABF]	R2
4. determinação da harmonia		[F, T]
determinação	[AF]	R1
determinação da harmonia	[ABF]	R2
5. duração gustativa aromática		[F, T]
duração gustativa	[ABF]	R1
duração gustativa aromática	[ABCF]	R2

8. individuação das características positivas		[F, T]
individuação	[AF]	R1
individuação das características	[ABF]	R2
individuação das características positivas	[ABCF]	R3
9. individuação dos caracteres objetivos		[F, T]
individuação	[AF]	R1
individuação dos caracteres	[ABF]	R2
individuação dos caracteres objetivos	[ABCF]	R3
10. individuação dos caracteres		[F, T]
individuação	[AF]	R1
individuação dos caracteres	[ABF]	R2
11. individuação das características		[F, T]
individuação	[AF]	R1
individuação das características	[ABF]	R2
12. indicação de proveniência regulamentada		[F, T]
indicação de proveniência	[ABF]	R1
indicação de proveniência regulamentada	[ABCF]	R2
13. julgamento dos sentidos		[F, T]
julgamento	[AF]	R1
julgamento dos sentidos	[ABF]	R2
14. percepção dos sabores		[F, T]
percepção	[AF]	R1

percepção dos sabores	[ABF]	R2
15. persistência da espuma		[F, T]
persistência	[AF]	R1
persistência da espuma	[ABF]	R2
16. persistência gustativa aromática		[F, T]
persistência gustativa	[ABF]	R1
persistência gustativa aromática	[ABCF]	R2
17. reconhecimento dos aromas		[F, T]
reconhecimento	[AF]	R1
reconhecimento dos aromas	[ABF]	R2

FORMATIVOS MARCADOS POR DETERMINANTES

1. açúcares da uva		[F, T]
açúcares	[AF]	R1
açúcares da uva	[ABF]	R2
2. aeração do mosto		[F, T]
aeração	[AF]	R1
aeração do mosto	[ABF]	R2

3. aeração do vinho		[F, T]
aeração	[AF]	R1
aeração do vinho	[ABF]	R2
4. análise da cor		[F, T]
análise	[AF]	R1
análise da cor	[ABF]	R2
5. análise da viscosidade		[F, T]
análise	[AF]	R1
análise da viscosidade	[ABF]	R2
6. aspecto do vinho		[F, T]
aspecto	[AF]	R1
aspecto do vinho	[ABF]	R2
7. base da língua		[F, T]
base	[AF]	R1
base da língua	[ABF]	R2
8. características do vinho		[F, T]
características	[AF]	R1
características do vinho	[ABF]	R2
9. células da mucosa		[F, T]
células	[AF]	R1
células da mucosa	[ABF]	R2
10. juízo dos vinhos		[F, T]
juízo	[AF]	R1

juízo dos vinhos	[ABF]	R2
11. mecanismo da degustação		[F, T]
mecanismo	[AF]	R1
mecanismo da degustação	[ABF]	R2
12. sensações do tato		[F, T]
sensações	[AF]	R1
sensações do tato	[ABF]	R2
13. sentido do gosto		[F, T]
sentido	[AF]	R1
sentido do gosto	[ABF]	R2
14. sentidos do homem		[F, T]
sentidos	[AF]	R1
sentidos do homem	[ABF]	R2
15. tamanho da borbulha		[F, T]
tamanho	[AF]	R1
tamanho da borbulha	[ABF]	R2
16. técnica da degustação		[F, T]
técnica	[AF]	R1
técnica da degustação	[ABF]	R2
17. zonas da língua		[F, T]
zonas	[AF]	R1
zonas da língua	[ABF]	R2

FORMATIVOS VALENTES E FORMATIVOS MARCADOS POR PREPOSIÇÕES DIVERSAS

1. avaliação por pontos		[F, T]
avaliação	[AF]	R1
avaliação por pontos	[ABF]	R2
2. correspondência ao tipo		[F, T]
correspondência	[AF]	R1
correspondência ao tipo	[ABF]	R2
3. degustação para avaliação quantitativa		[F, T]
degustação	[AF]	R1
degustação para avaliação	[ABF]	R2
degustação para avaliação quantitativa	[ABCF]	R3
4. gosto a luz		[F, T]
gosto	[AF]	R1
gosto a luz	[ABF]	R2

FORMATIVOS COM PREFIXO NÃO-

1. açúcares não-fermentescíveis		[F, T]
açúcares	[AF]	R1
açúcares não-fermentescíveis	[ABF]	R2

FORMATIVOS COM VERBOS NOMINALIZADOS

1. saber beber		[F, T]
saber beber	[ABF]	R1

FORMATIVOS COM CONJUNÇÃO ADITIVA

1. ficha de avaliação por pontos e reconhecimento		[F, T]
ficha	[AF]	R1
ficha de avaliação	[ABF]	R2
ficha de avaliação por pontos	[ABCF]	R3
ficha de avaliação por pontos e reconhecimento	[ABCCF]	R4

FORMATIVOS COM BASE ELÍPTICA

1. amarelo-âmbar		[F, T]
(vinho) amarelo-âmbar	[ABF]	R1
amarelo-âmbar	[AF]	R2 (apagamento da base)
2. amarelo-dourado		[F, T]
(vinho) amarelo-dourado	[ABF]	R1
amarelo-dourado	[AF]	R2 (apagamento da base)

3. amarelo-palha		[F, T]
(vinho) amarelo-palha	[ABF]	R1
amarelo-palha	[AF]	R2 (apagamento da base)
4. amarelo nítido		[F, T]
(vinho) amarelo nítido	[ABCF]	R1
amarelo	[AF]	R2 (apagamento da base)
amarelo nítido	[ABF]	R3
5. avelã tostada		[F, T]
(sabor de) ou (aroma de) avelã tostada	[ABCF]	R1
avelã	[AF]	R2 (apagamento da base)
avelã tostada	[ABF]	R3
6. branco papel		[F, T]
(vinho) branco papel	[ABCF]	R1
branco	[AF]	R2 (apagamento da base)
branco papel	[ABF]	R3
7. borracha queimada		[F, T]
(odor de) borracha queimada	[ABCF]	R1
borracha	[AF]	R2 (apagamento da base)
borracha queimada	[ABF]	R3
8. branco com reflexos		[F, T]
(vinho) branco com reflexos	[ABCF]	R1
branco	[AF]	R2 (apagamento da base)
branco com reflexos	[ABF]	R3

9. branco com reflexos alaranjados	[F, T]
(vinho) branco com reflexos alaranjados	[ABCDF] R1
branco	[AF] R2 (apagamento da base)
branco com reflexos	[ABF] R3
branco com reflexos alaranjados	[ABCF] R4
10. branco com reflexos amarelados	[F, T]
(vinho) branco com reflexos amarelados	[ABCDF] R1
branco	[AF] R2 (apagamento da base)
branco com reflexos	[ABF] R3
branco com reflexos amarelados	[ABCF] R4
11. branco com reflexos esverdeados	[F, T]
(vinho) branco com reflexos esverdeados	[ABCDF] R1
branco	[AF] R2 (apagamento da base)
branco com reflexos	[ABF] R3
branco com reflexos esverdeados	[ABCF] R4
12. café verde	[F, T]
(sabor de) ou (aroma de) café verde	[ABCF] R1
café	[AF] R2 (apagamento da base)
café verde	[ABF] R3
13. cartão molhado	[F, T]
(odor de) cartão molhado	[ABCF] R1
cartão	[AF] R2 (apagamento da base)
cartão molhado	[ABF] R3
14. casca de laranja	[F, T]
(sabor de) casca de laranja	[ABCF] R1
casca	[AF] R2 (apagamento da base)

casca de laranja	[ABF]	R3
15. cravo da Índia		[F, T]
(sabor de) ou (aroma de) cravo da Índia	[ABCF]	R1
cravo da Índia	[ABF]	R2 (apagamento da base)
16. espinheiro branco		[F, T]
(sabor de) ou (aroma de) espinheiro branco	[ABCF]	R1
espinheiro	[AF]	R2 (apagamento da base)
espinheiro branco	[ABF]	R3
17. flor de acácia		[F, T]
(aroma de) flor de acácia	[ABCF]	R1
flor	[AF]	R2 (apagamento da base)
flor de acácia	[ABF]	R3
18. flor de amendoeira		[F, T]
(aroma de) flor de amendoeira	[ABCF]	R1
flor	[AF]	R2 (apagamento da base)
flor de amendoeira	[ABF]	R3
19. fruta fresca		[F, T]
(sabor de) ou (aroma de) fruta fresca	[ABCF]	R1
fruta	[AF]	R2 (apagamento da base)
fruta fresca	[ABF]	R3
20. frutas secas		[F, T]
(sabor de) ou (aroma de) frutas secas	[ABCF]	R1
frutas	[AF]	R2 (apagamento da base)
frutas secas	[ABF]	R3

21. longo na boca		[F, T]
(sabor) longo na boca	[ABCF]	R1
longo	[AF]	R2 (apagamento da base)
longo na boca	[ABF]	R3
22. maçã verde		[F, T]
(sabor de) maçã verde	[ABCF]	R1
maçã	[AF]	R2 (apagamento da base)
maçã verde	[ABF]	R3
23. noz moscada		[F, T]
(sabor de) ou (aroma de) noz moscada	[ABCF]	R1
noz	[AF]	R2 (apagamento da base)
noz moscada	[ABF]	R3
24. papel branco		[F, T]
(aparência de) papel branco	[ABCF]	R1
papel	[AF]	R2 (apagamento da base)
papel branco	[ABF]	R3
25. pão torrado		[F, T]
(sabor de) ou (aroma de) pão torrado	[ABCF]	R1
pão	[AF]	R2 (apagamento da base)
pão torrado	[ABF]	R3
26. pimentão verde		[F, T]
(sabor de) ou (aroma de) pimentão verde	[ABCF]	R1
pimentão	[AF]	R2 (apagamento da base)
pimentão verde	[ABF]	R3

27. rosado de mistura		[F, T]
(vinho) rosado de mistura	[ABCF]	R1
rosado	[AF]	R2 (apagamento da base)
rosado de mistura	[ABF]	R3
28. rosado de sangria		[F, T]
(vinho) rosado de sangria	[ABCF]	R1
rosado	[AF]	R2 (apagamento da base)
rosado de sangria	[ABF]	R3
29. suor de cavalo		[F, T]
(odor de) suor de cavalo	[ABCF]	R1
suor	[AF]	R2 (apagamento da base)
suor de cavalo	[ABF]	R3
30. tintos de guarda		[F, T]
(vinhos) tintos de guarda	[ABCF]	R1
tintos	[AF]	R2 (apagamento da base)
tintos de guarda	[ABF]	R3
31. tintos envelhecidos		[F, T]
(vinhos) tintos envelhecidos	[ABCF]	R1
tintos	[AF]	R2 (apagamento da base)
tintos envelhecidos	[ABF]	R3
32. tintos jovens		[F, T]
(vinhos) tintos jovens	[ABCF]	R1
tintos	[AF]	R2 (apagamento da base)
tintos jovens	[ABF]	R3

33. tintos jovens esfriados

[F, T]

(vinhos) tintos jovens esfriados

[ABCDF] R1

tintos

[AF] R2 (apagamento da base)

tintos jovens

[ABF] R3

tintos jovens esfriados

[ABCF] R4

34. vermelho tijolo

[F, T]

(vinho) vermelho tijolo

[ABCF] R1

vermelho

[AF] R2 (apagamento da base)

vermelho tijolo

[ABF] R3